

BALMACEDA

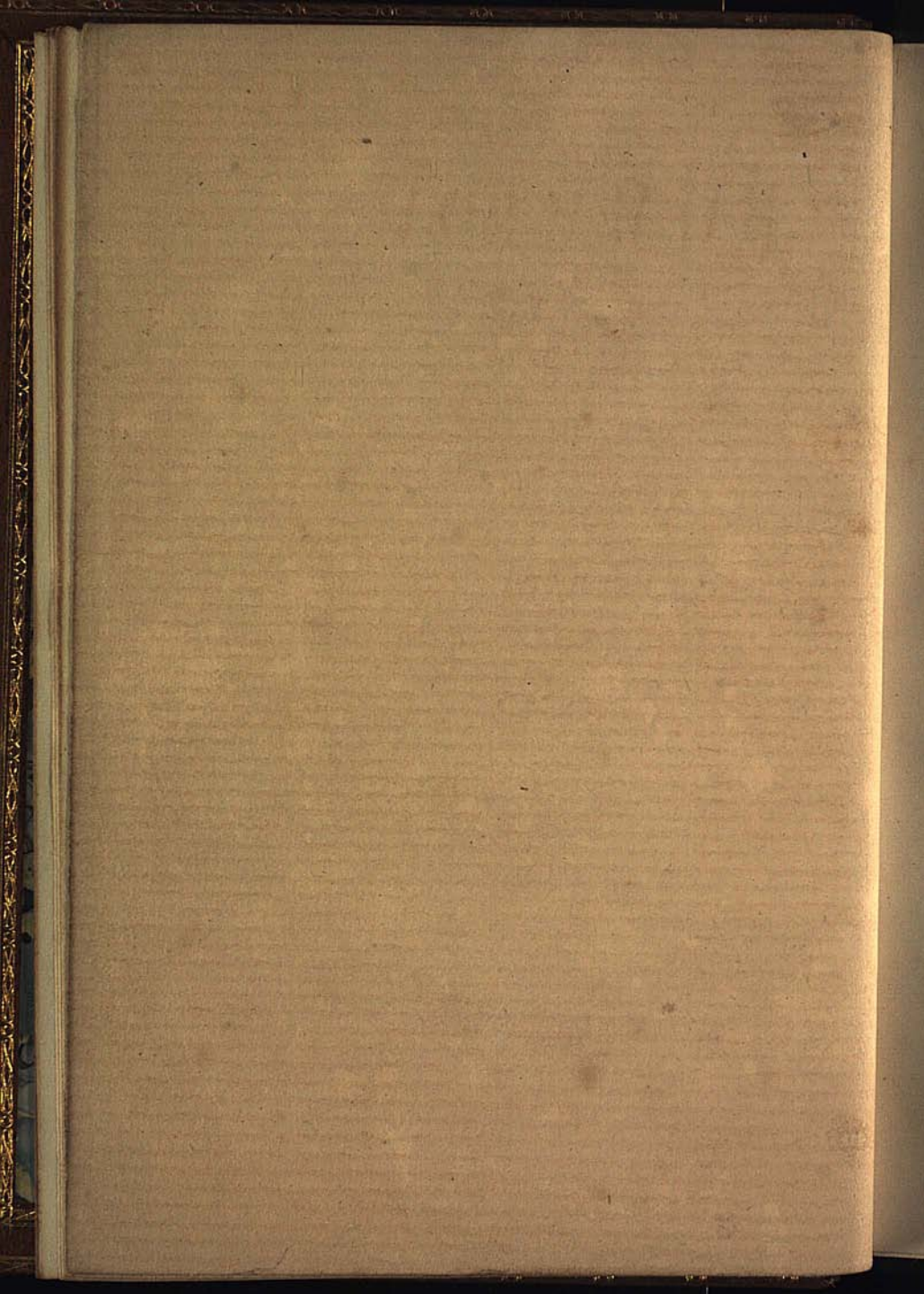
POR

Joaquim Nabuco

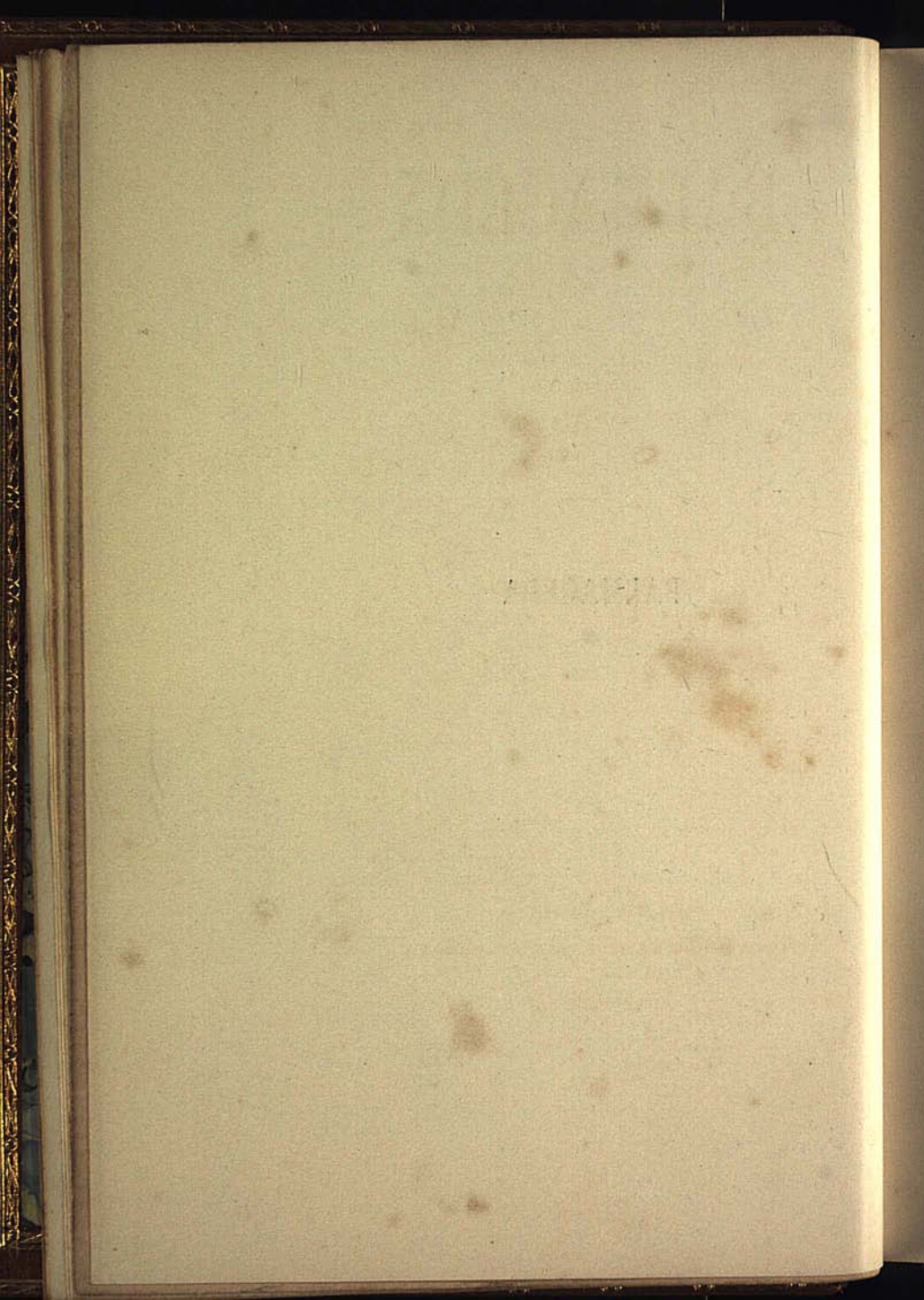
RIO DE JANEIRO

Typographia LEUZINGER — rua do Ouvidor 31 & 35

1895



BALMACEDA



BALMACEDA

POR

Joaquim Nabuco

RIO DE JANEIRO

Typographia LEUZINGER—rua do Ouvidor 31 & 36

—
1895

2025

2501

PREFACIO

O presente volume, reproducção de uma serie de artigos publicados de Janeiro a Março deste anno no Jornal do Commercio sobre o livro recente de Don Julio Bañados Espinosa «Balmaceda, su Gobierno y la Revolución de 1891», não é um estudo critico, é propriamente um resumo dessa obra, concluindo, todavia, pela these contraria. Faltava-me competencia em assumptos Chilenos para repellir ou alterar as premissas historicas e politicas assentadas pelo defensor de Balmaceda; era, porém, uma questão de interpretação tirar dellas uma consequencia inteiramente opposta. Foi o que fiz.

Nesta republicação intercalei apenas um ou outro desenvolvimento e accrescentei uma nova conclusão. Julguei tambem melhor reduzir a parte relativa aos excessos commettidos em Santiago depois da queda de Balmaceda, não que me tenha parecido inexacto o juizo que manifestei, mas porque, a não apreciar no seu conjuncto o procedimento e a obra da Revolução victoriosa, era preferivel não tomar conhecimento de um episodio só, por mais significativo que fosse.

N'este estudo do livro do Sr. Bañados sinto não poder expressar opinião minha sobre os grupos e os indivíduos que elle nos apresenta. Servi-me das designações — Liberaes, Conservadores, Nacionaes, Radicaes, sem saber ao certo que especie de elementos cada um d'esses partidos enfeixa, o seu espirito e temperamento proprio, o character de sua influencia individual, e do mesmo modo citei os nomes de muitos personagens, de quem não poderia definir o valor, o peso, a envergadura politica. Esses Gabinetes que sobem e descem, esses partidos que se fraccionam ou se colligam, o pessoal numeroso que transita por estas paginas, são para mim uma nomenclatura tão uniforme e tão impessoal como seria um quadro de Suffetas Carthaginezes ou de Vencedores dos Jogos Olympicos. Pensei um momento em tomar para ponto de partida d'este livro a Revolução, que é a sua parte viva, a que não depende d'esse conhecimento especial dos bastidores Chilenos que me falta, porque pôde ser vista e apreciada na scena por qualquer espectador, e se apresenta como uma lucta de forças, de principios, de systemas oppostos.

Pareceu-me, porém, que o leitor, para poder e querer interessar-se pela Revolução, sentiria a mesma necessidade que eu senti de possuir uma noção dos antecedentes historicos do Chile e da administração Balmaceda. De outra forma lhe aconteceria, como a

quem chega no meio de meio peça : sentiria por baixo das suas primeiras impressões a instabilidade dos fundamentos, que tornaria tudo duvidoso. De qual-quer modo era preciso encher esse vacuo anterior, e por isso acceitei a versão provisoria, a historia improvisada, feita pelo Sr. Bañados.

A America do Sul, seja-me lícito dizer de passagem e sem applicação ao Chile, não teve ainda um historiador ; não existe esboço critico completo da sua existencia politica ; ninguem extrahiu ainda do vasto material avulso enterrado em suas capitães longinquas um arcaboço de historia. Não ha nada escripto do ponto de vista universal. O que ha, ou é feito, superficialmente, por estrangeiros que não conhecem as coisas d'esses paizes e escrevem por informações que não verificam, alinhavando de preferencia dados parciaes de falsa estatística ; ou então é obra de partidarios dos differentes governos, encarregados de glorificá-los, e que ingenuamente, para não dizer imbecilmente, desempenham a sua grande empreitada de immortalisação com a segurança infallível de mumificadores Egyptios. Essa lacuna sensível da litteratura historica moderna ha de ser, porém, preenchida, mais cedo talvez do que se pensa, quando surgir a Questão da America Latina, a que me refiro nas paginas finaes.

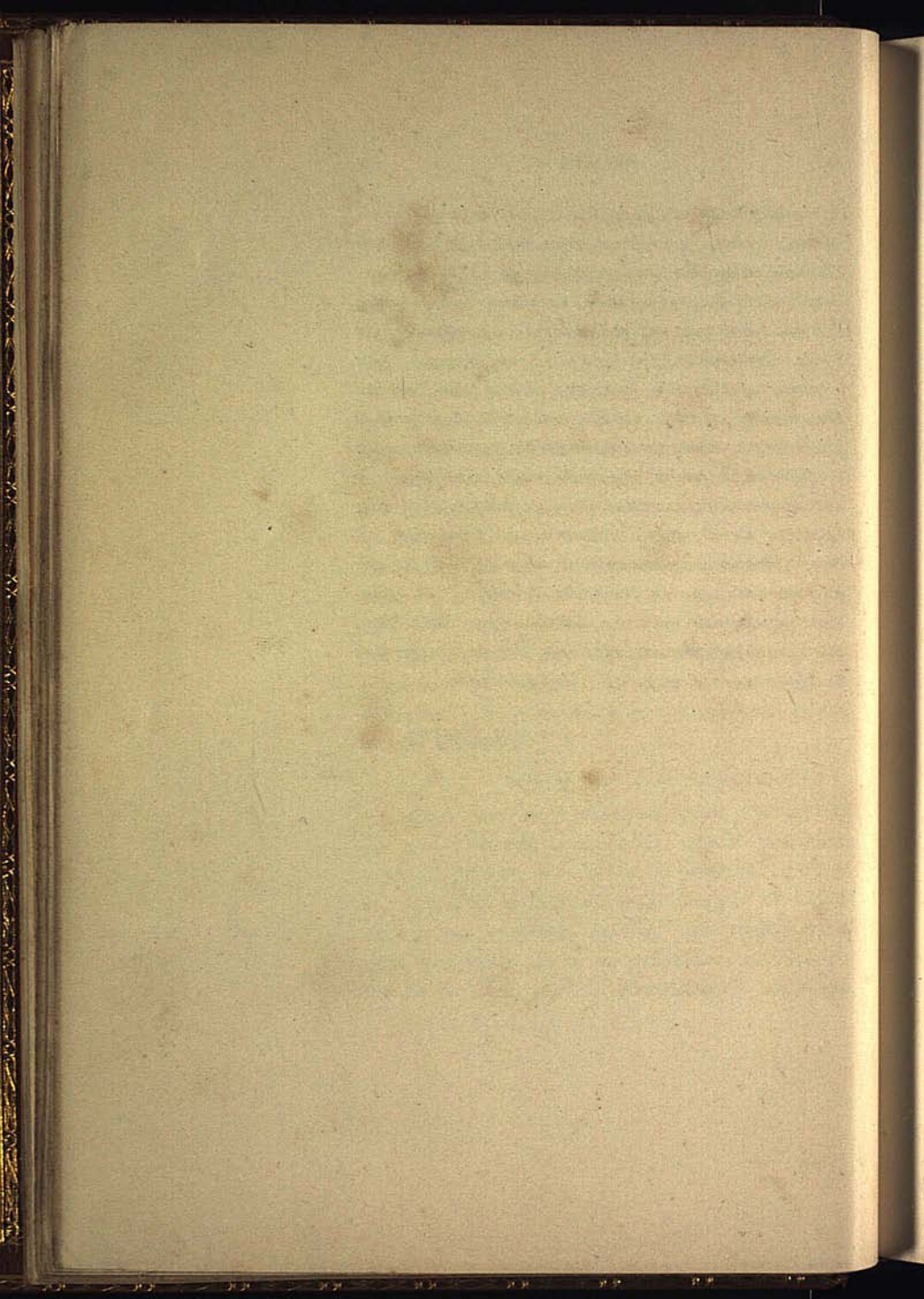
Dando a estes artigos a forma menos ephemera de livro, devo renovar a reserva que fiz em um delles : — que as conclusões expressas não são definitivas ; que ellas são apenas o que transparece, para mim com a maior evidencia, da versão do Sr. Bañados e do proprio Balmaceda ; e que muitos desses juizos poderiam modificar-se pelo conhecimento directo do Chile, dos seus homens, do seu estado social. Em certos pontos importantes, comtudo, me admiraria muito se eu chegasse algum dia a vacillar, como entre outros : a responsabilidade de Balmaceda no rompimento entre o Governo e a sociedade Chilena ; a inconstitucionalidade de sua attitude ; a impraticabilidade de qualquer evolução vantajosa para o Chile pelo meio revolucionario que elle preferiu e com os elementos pessoaes de que se cercou ; por ultimo, o caracter desnecessario, indefensavel, de proscripção e tyrannia que reveste a sua Dictadura.

Quem hoje ler seguidamente estas paginas verá que não pretendi, como aliás alguns pensavam, expôr, a pretexto e a coberto do incidente Chileno, os factos, os personagens, e as theorias da Dictadura a que estivemos sujeitos, nem confrontar as duas Revoluções. Se eu me propuzesse estudar, em vez da do Chile, a crise Brasileira de 1893—94,

— da qual não se pôde dizer que tenhamos inteiramente sahido, e que ninguem negará ter sido um desenvolvimento da situação militar de 15 de Novembro, — o meu commentario recahiria sobre pontos diversos dos que me chamaram a attenção no Chile. Certamente, ha grandes semelhanças entre o que se passou alli e o que depois nós mesmos presenciámos, e neste livro se encontrarão a miudo juizos que se applicam perfeitamente a cousas nossas; as differenças, porém, têm muito maior importancia do que as semelhanças; estas são superficiaes, externas, casuaes; aquellas, pelo contrario, são profundas, vitaes, extremas, e seriam estas ultimas, mais do que as primeiras, que eu procuraria analysar, se escrevesse um ensaio sobre o Jacobinismo Brasileiro, tão caracteristicamente differente das outras formas de oppressão e desgoverno Sul-americanas.

JOAQUIM NABUCO.

Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1895.



BALMACEDA

I

O LIVRO E O AUCTOR

Entre as cartas deixadas por Balmaceda havia uma dirigida ao seu logar-tenente politico, o Sr. Julio Bañados Espinosa. Despedindo-se delle «*usque ad aeternum*» Balmaceda lhe recommendava : « Escreva, da administração que fizemos juntos, a historia verdadeira. Deixo dito a Emilia que lhe preste todos os recursos necessarios para uma publicação abundante e completa. Com as Mensagens, os relatorios ministeriaes, o *Diario Official* e o *Ferro-carril*, póde fazer a obra. Não a demore, nem a precipite. Faça-a bem.» Parece ter sido a preocupação de Balmaceda, depois que resolveu matar-se, essa de se justificar perante os seus contemporaneos. « Encarrego a Julio Bañados que faça a historia da minha administração, escreve elle aos irmãos. Não descancem nessa tarefa. E' necessaria. Digo a Emilia que dê todos os recursos para isso.» Em obediencia á ultima ordem do chefe, a quem serviu até á catastrophe com inteira fidelidade, o Sr. Bañados, fugido do Chile, tratou de desempenhar a missão

que recebera, e agora acaba de publicar em Paris dois grossos volumes com o titulo *Balmaceda, seu Governo e a Revolução de 1891*.

Para mim a obra era do maior interesse; eu ainda não tinha lido uma exposição clara da ultima guerra civil Chilena, nem tinha visto nada a que se pudesse dar o nome de Oração *pro* Balmaceda. Durante a revolução, em dias que passei em Buenos-Ayres, tive a fortuna de encontrar na casa de um amigo Chileno, G. Puelma Tupper, alguns dos principaes emigrados, e ouvi delles, de modo fragmentado, como sempre acontece na conversação, os motivos da lucta em que estavam empenhados. Por essa occasião li na *Prensa* os artigos em que F. Valdés Vergara, figura saliente do radicalismo transandino, procurava captar a opinião argentina. Nada disto me habilitava a converter em razão sufficiente a predilecção espontanea que desde o principio senti pela causa revolucionaria.

Infelizmente eu nem tinha do Chile o conhecimento superficial, puramente exterior, que como viajante cheguei a formar da Plata e do Paraguay, mas que tanto ajuda a comprehensão dos factos. A feição do pessoal governante de Santiago não me era, é certo, inteiramente estranha; no Rio de Janeiro, em Washington, em Londres, a bordo de paquetes do Pacifico, e em Buenos-Aires, encontrei

em diversas épocas Chilenos dos mais eminentes ; mas esse conhecimento, feito fóra do Chile, era tão insufficiente para os apreciar na scena politica como se eu pretendesse julgar de um actor por o ter visto em alguma reunião. Da historia parlamentar Chilena, posso dizel-o, eu tambem não conhecia mais do que as linhas geraes e os grandes relevos ; dos seus vultos notaveis, dos O'Higgins, dos Portales, dos Montts, senão o perfil que se encontra nos compendios de historia da America do Sul, rudimentares todos, no *Diccionario Biografico Americano* de Cortés, ou em artigos de Revistas estrangeiras.

Pelo Chile senti sempre grande admiração. Ha mais energia nacional, quer me parecer, nessa estreita faixa comprimida entre a Cordilheira e o Pacifico do que em todo o resto da America do Sul. Sem nenhum pensamento de desconfiança contra o nosso visinho do Prata que nos faça cultivar por motivo politico a amizade do Chile, temos para procurar essa amizade as mais elevadas razões que se possam dar entre dois paizes. Não sei que homem de espirito disse, ha annos, que só encontrára duas nações organizadas e livres na America Latina: o *Imperio do Chile e a Republica do Brazil*. Apezar de sermos nós (a historia dirá se apezar da monarchia, se devido a ella) a so-

cidade sem excepção alguma a mais igualitaria do mundo, e de ser o Chile, pelo contrario, uma aristocracia politica, tinhamos a mesma continuidade de ordem, de governo parlamentar, de liberdade civil, de pureza administrativa, de seriedade, decoro e dignidade official. Um e outro governo eram excepções genuinas na America do Sul, saliencias de terra firme entre ondas revoltas e ensanguentadas.

Mostrou sentir bem isto o proprio Balmaceda quando a 16 de Novembro telegraphou ao ministro Chileno no Brazil que puzesse ás ordens de D. Pedro II para transportal-o ao exilio o encorajado *Cochrane*, então em nossa bahia. O Sr. Villamil, vendo a revolução consolidada, hesitou em dar cumprimento a uma ordem que podia despertar a susceptibilidade da nova republica e accentuar a inversão da diplomacia Brasileira, sensível desde as primeiras horas do Governo Provisorio. Devido talvez a este receio do representante do Chile, digo *talvez*, porque o Imperador provavelmente teria preferido seguir viagem para o desterro a bordo mesmo do *Alagoas*, na esperança de adiar, por uma ficção, a sua separação definitiva do Brazil, devido áquelle receio foi que a dynastia brasileira não teve a honra de ser transportada para fóra do Continente Americano

sob a generosa guarda da bandeira Chilena. Este ultimo preito honraria tanto o Brazil como o Chile. Republicanos de instincto e educação, os Chilenos acolheram sympathicamente o 15 de Novembro como a data final do cyclo republicano da America, mas nunca deixaram de admirar, com a intuição pratica do seu temperamento positivo, a obra democratica e nacional da monarchia no Brazil,— obra singular de paciencia, constancia, desinteresse e patriotismo, que ficará sendo, na atmosphaera agitada e convulsa deste seculo na America Latina, um phenomeno quasi inexplicavel.

Por esses motivos interessava-me profundamente formar um juizo sobre o governo de Balmaceda e a Revolução, conhecer a verdade toda, a verdade dos factos e a verdade dos sentimentos, que elles umas vezes revelam, e outras encobrem; interessava-me a analyse da esphyngue que era para mim Balmaceda; os intuitos, o objectivo, o segredo de sua Presidencia, e o conjuncto de emoções que determinaram n'elle o abatimento e o desespero da manhã de 19 de Setembro. Interessava-me mais, se é possivel, o resultado ulterior da tremenda lucta, a influencia que ella terá sobre a sorte do Chile: saber se foi um episodio somente em sua historia politica, se uma modificação da sua energia patriotica, e portanto da missão que

lhe parecia reservada na amphictyonia Sul-americano.

Por isso, a obra do Sr. Bañados tinha para mim grande valor. Era a primeira defesa que eu lia da politica de Balmaceda, e o meu espirito não só estava preparado para esse *audi alteram partem*, como sentia necessidade de não se julgar parcial entre dois partidos Chilenos. Espectador Sul-americano, eu tinha visto representar no theatro aberto dos Andes uma só tragedia, a do Chile, e queria poder escrever para mim mesmo o argumento della, recolher a nota de todos os seus terrores e agonias, como o brilho de todos os seus heroismos, e reduzir tudo, sujeito naturalmente aos erros de uma perspectiva tão afastada, ás gradações de minha propria consciencia.

O livro do Sr. Bañados não me habilita por si só a resolver nenhuma das questões que eu já tinha formulado antes de o ler, mas lança muita luz sobre todas ellas; faz surgir outras; introduz-me no mundo politico Chileno; faz-me comprehender a Revolução e, quanto á figura central do grande drama, presta-me todos os esclarecimentos quasi que Balmaceda quizera sujeitar á posteridade. Para se ter uma ideia completa desse periodo seria preciso que outro politico fizesse a respeito da Revolução o mesmo que o Sr. Bañados fez por

Balmaceda, e que um terceiro reunisse o que os advogados de uma e outra parte tivessem omitido no interesse da defeza de cada uma.

Supponho que é grande entre nós o numero de espiritos a quem este assumpto attrae. De dia em dia torna-se mais importante para nós conhecer o estado politico da America do Sul, os homens capazes de traçar para ella uma larga estrada, de apontar ás suas ambições legitimas um alto objectivo. Nessa convicção, penso que despertará interesse o resumo de um livro do qual se pôde dizer que é a palavra de alem-tumulo de Balmaceda. A obra do Sr. Bañados tem a ambição, vê-se-o exterior e interiormente, de ser definitiva. O auctor é um homem, visivelmente, de grande capacidade, de multiplas aptidões, de rara facilidade de trabalho, de comprehensão rapida e fecunda assimilação, de leitura politica e litteraria muito extensa, de largas passadas intellectuaes, pôde-se dizer de ubiquidade de pensamento ; tem abundancia natural, exuberancia mesmo, de expressão e de raciocinio ; como recursos litterarios de escriptor politico, possui clareza de forma, movimento no estylo, grande pericia na apresentação dos factos, o talento de disfarçar as reconvenções, o manejo do claro-escuro, por ultimo a arte do lugar com-

mum escolhido e a falsa logica, que são os dois principaes effeitos do advogado.

De tudo isso se conclue que elle é uma natureza de luctador incançavel e apto para todos os combates. A condição de exito, de triumpho, nessa especie de vocação, que se pôde chamar universal, como a do Sr. Bañados, professor, deputado, jornalista, ministro, litterato, financeiro, homem de guerra, advogado, etc., é a mobilisação instantanea do espirito. Pôde-se dizer que não ha em uma vida assim cheia tempo para pensar. O pensamento suppõe grandes economias de tempo. Para a lucta politica quer-se coisa muito diversa do pensamento, que é em ultima analyse a concentração, a absorpção do espirito. Assim como se impõe ao chefe de partido que seja sempre accessivel a todos, exige-se tambem delle que só pense alto. Nas democracias o estadista que se fecha para trabalhar já não está em contacto com o movimento politico; o pensamento para elle é a acção, que não pôde parar um instante, como um rio, sem trasbordar. Mesmo no acampamento, quem é Cesar ou Marco Aurelio, escreve os *Commentarios* e os *Pensamentos*. Mas muito homem de talento superior nunca produzirá uma obra, uma pagina, um pensamento, que dê a medida exacta do seu valor, por não ter podido *parar* um instante na vida. Eu calculo

que o Sr. Bañados é um desses que não tiveram um dia de retiro interior, que viveram sempre no torvelino. Seria injusto, porém, imaginar que o seu livro apresenta esse character de superficialidade brilhante, propria do jornalismo politico. Não ha nelle, é certo, em ponto algum, o traço profundo que caracteriza o biographo, não ha nenhuma dessas adivinhações do genio de uma raça, ou da amalgama de uma sociedade. O Sr. Bañados não é um philosopho, um historiador, um poeta; o que elle é, o que elle quiz ser, é somente o defensor de Balmaceda e o accusador da Revolução, e assim a sua obra deve ser julgada como uma defesa politica, quando muito como uma apologia historica.

Como advogado, elle possue um talento de primeira ordem, uma verdadeira mestria. Ora, a arte do advogado está, acima de tudo, em apresentar os factos complicados do processo de modo a deixar na sombra tudo que lhe pareça contrario, e em formar com elles um conjuncto de impressão favoravel ao seu cliente, impressão que deve ser composta em fôrma de *crescendo*. Tratando-se de Balmaceda e da sua responsabilidade — a guerra civil de 1891 — o ponto de verdadeiro litigio, o Rubicon Chileno, é o acto pelo qual o Presidente da Republica passou da consti-

tucionalidade duvidosa em que se mantinha até então á inconstitucionalidade flagrante, decretando por si só as leis de forças e de despeza. Reduzida a questão a este ponto, o julgamento não teria nada de complexo, ou pelo menos seria muito mais simples, mas por isso mesmo a condenação seria mais arriscada. O melhor plano figurou-se então ao Sr. Bañados, como tinha parecido ao proprio Balmaceda em diversas Mensagens, não ser esse de apresentar em sua nudez a situação constitucional a 1 de Janeiro de 1891, mas, sim, o de chegar a ella através de uma demonstração de que a historia do Chile convergia toda para a condenação do governo parlamentar, e de que na presidencia de Balmaceda esse systema cahira em completo colapso do qual era impossivel reanimal-o. Desse modo Balmaceda adquiria a justificação geralmente acceita de homem necessario. A sua carreira ficaria então dividida em dois periodos: no primeiro, elle é o brilhante precursor de si mesmo, o élo mais forte, porque fôra o élo de transformação liberal, na vida constitucional Chilena; no segundo, elle é o reformador audaz, a quem cabe a missão de substituir por um governo puramente democratico o parlamentarismo, cujo esphacelamento se nos vem contando, o novo Manoel Montt, chamado a reconstituir com a sua energia e o seu pa-

triotismo o principio da autoridade ameaçado pela anarchia de partidos pessoaes, o *Presidente-Martyr*, que não tendo podido fazer triumphar a sua fé *morre voluntariamente sobre a pyra que lhe levantaram os seus adversarios.*

E' essa defesa que pretendo estudar, no seu plano, na sua justificação, nas suas conclusões. Previno o leitor de que é uma extensa sessão de jury, e que não entre para o conselho se o processo não lhe inspira irresistivel interesse, tanto mais que poderia chegar, como eu, apenas a um juizo provisorio, sujeito a revisão, precisando esclarecimentos que faltam para se converter em uma dessas sentenças com que todos os dias cada um de nós encerra no seu fóro intimo as causas definitivamente julgadas. Acompanharei o Sr. Bañados na sua versão dos acontecimentos, não fazendo mais que notar as duvidas que elle proprio me suggerio, as revelações que saem por assim dizer das lacunas de sua defesa. Com este ensaio não pretendo compôr uma lição de Revolução Comparada, ca-deira que entretanto seria talvez util crear nas Universidades Sul-Americanas, como complemento do nosso Direito Constitucional.

II

ATÉ SER ELEITO PRESIDENTE

Na *Introdução* o Sr. Bañados procura assentar, entre outras theses, que o programma de todos os governos que se succederam depois da batalha de Maipo em 1818 foi robustecer a autoridade. A Constituição de 1833 é *a traducção escripta desse programma e das tendencias reinantes na sociedade, prostrada por tantos disturbios e tanta instabilidade governamental*. Essa idéa é um dos alicerces do seu systema de defesa. A sociedade politica Chilena foi edificada sobre a base de uma *autoridade vigorosa e sufficientemente armada para conservar a paz interna*. O grande homem da historia do Chile é Portales, *o chanceller de ferro do Novo Mundo*. Portales, o ministro de 1833, representa para o Chile as idéas de ordem, honestidade, justiça, patriotismo e liberdade constitucional. Conseguir ligar através de meio seculo o nome de Balmaceda ao do primeiro estadista Chileno, fazendo os representantes do mesmo pensamento, não seria para a defesa um mau começo. « *Portales*, diz-nos ella, *ao morrer martyr nas alturas de Baron, legou aos*

homens de Estado do Chile um compromisso heroico e um dever sublime : o compromisso de afiançar a todo custo a ordem publica, como unico meio de chegar á liberdade, e o dever de dar até a vida em defesa do principio da autoridade. » Não é entretanto facil converter em testamento de intransigencia a ultima palavra escripta por Portales no lugar mesmo em que foi morto e que traz o cunho authenticico do seu raro patriotismo : « *Um anno de guerra atrazaria de vinte annos a Republica ; com uma transacção podem evitar-se desgraças e conservar o paiz, o que deve ser o nosso primeiro fim. »* O Sr. Bañados não cita essa phrase ; como, porém, de Balmaceda, que na phase litigiosa da sua carreira os seus partidarios transformaram em proto-martyr de um novo systema de governo, fazer o herdeiro politico do auctor da Constituição que tornou o Chile a aristocracia parlamentar que foi por tanto tempo ?

Outro personagem que o Sr. Bañados quizera tambem converter em precursor de Balmaceda é Manoel Montt. Ainda desta vez a tradição de Montt é opposta á de Balmaceda. Montt, um conservador, fechou em 1859 o periodo revolucionario do Chile, mas não representa, pelo contrario, a ruptura do governo com a cultura social do paiz, como Balmaceda. Na Revolução de 1891, pôde-se affirmar, o antigo espirito Chileno, os Portales e

os Montts, estariam resolutamente com a sociedade contra Balmaceda. A tarefa de achar antecedentes para este pôde tentar os eruditos do seu partido, mas é de todo baldada. Balmaceda irrompe na historia Chilena, como uma apparição imprevista; é uma evocação, pôde-se dizer, na presidencia do Chile, do genio Sul-Americano da dictadura que nunca havia penetrado nella. Justifical-o como estando dentro da linha seguida pelo paiz desde 1833, é fazer acto de scepticismo. A sua defeza pôde ser radical, democratica, scientifica, como se queira, mas não pôde ser historica, conservadora, constitucional, sobretudo tomando-se a Constituição como a somma das conquistas tacitas feitas pelo espirito das instituições sobre a letra do foral. O Sr. Bañados, é certo, traça um perfil da historia do Chile para mostrar *a unidade de vistas desde Prieto, vencedor em Lircay, até Balmaceda, vencido em Placilla*, e accrescenta: «*O programma politico de todos os presidentes do Chile nestes sessenta annos foi vasado em identico molde.*» Não ha, porém, em todos esses sessenta annos um caso de estrelecimento entre o Chefe do Executivo e o Congresso; as luctas foram sempre entre o Presidente, representando a totalidade das influencias sociaes encastelladas no Governo, e a Revolução que as queria desalojar, quando muito, poder-se-hia dizer,

entre o espirito de tradição e o de inovação, ao qual o Chile official era refractario. O caso de Balmaceda é inteiramente outro; a inovação é elle; o assalto da turba-multa ás posições defendidas pela antiga sociedade, é elle quem o comanda. Quanto ao terreno que elle escolheu para o combate, esse é constitucionalmente o mesmo em que se ferio na Inglaterra a grande lucta entre a Realeza e o Parlamento, da qual se faz datar a maioridade do Governo Representativo. Existirá na historia do Chile antes de Balmaceda um Presidente que tivesse pensado alguma vez em assumir a attitude de Carlos I? Deixemos, porém, para o fim o pedestal da *Introdução*, e estudemos a estatua que o Sr. Bañados modelou.

Balmaceda, nascido em Santiago, em 1838, foi filho de um rico *hacendado* chileno, intimo partidario de Manoel Montt. Educado no seminario pensou na adolescencia seguir a vida sacerdotal, mas não tardou muito que se desfizesse em seu espirito a impressão do claustro. Em 1864 o pai conseguiu do seu amigo Manoel Montt, nomeado representante do Chile no Congresso Americano de Lima, que tomasse o filho para seu auxiliar na Missão Extraordinaria. O secretario era Zenteno, e á seducção deste espirito fascinador at-

tribue o Sr. Bañados as primeiras reacções de Balmaceda contra a sua formação ecclesiastica. Para isso tambem teria concorrido a sociedade de Lima, *tão espirituosa, tão bem educada, e tão fina*, testemunho que é agradável recolher da penna de um Chileno. Em 1865, de volta ao Chile, Balmaceda resolveu dedicar-se aos interesses que seu pai tinha na agricultura. Alguns annos depois casava com a Sra. D. Emilia Toro Herrera, de uma das velhas familias de Santiago. Já nesse tempo, porém, revelára elle o seu ardente temperamento politico, fazendo-se membro do partido chamado Reformista, no qual sobrevivia o pessoal e o espirito da revolução Liberal de 1859. Em 1870 Balmaceda entra para o Congresso, eleito pelo departamento de Carelmapu, e faz parte durante 10 annos da opposição Reformista, nas presidencias de Perez (ultimos dias), Errázuriz, e Pinto. O antigo seminarista estreia como um Radical para quem o systema de conciliação daquelles tres estadistas não se differença em nada do antigo exclusivismo Conservador. O que o fascina nessa quadra de 1870 a 1878, em que elle lança as bases de sua popularidade e fôrma a sua reputação parlamentar, é o manejo de ideias novas, essa especie de exercicio, tão attrahente para os principiantes, ao qual se póde dar o nome de politica syllogistica. E' uma

pura arte de construcção no vacuo. A base, são theses, e não factos; o material, idéas, e não homens; a situação, o mundo, e não o paiz; os habitantes, as gerações futuras, e não as actuaes. Destes dez annos basta reter que Balmaceda fez o seu nome no papel de reformador politico da escola ultra-liberal. Os Conservadores, erradamente, não esperavam isso de um antigo seminarista, mas de certo nesse Radical não se póde adivinhar o perfil de um Strafford.

Em 1879 rompe a guerra do Chile contra a Bolivia e o Perú. E' um momento de união nacional, em que se apagam todas as divisas. Balmaceda é encarregado de uma missão delicada,— a de conciliar as boas graças da Republica Argentina. Em 1880 elle volta ao Chile, tendo conseguido o fim da sua ida a Buenos-Aires, e no Congresso pronuncia-se com a maior energia pela terminação prompta da guerra que se achava estacionaria, pedindo *«golpes definitivos, diz o Sr. Bañados, no coração dos que, por desgraça, se obstinavam além do humano e do possível, inspirados, por nobre amor á sua patria.»* Esse pronunciamento não foi baldado, as operações recommçaram para terminarem com o completo aniquilamento do Perú. Acabada a guerra, surgiu a candidatura de Baquedano, o general em chefe, vencedor em Chorrillos e Miroflores. Balma-

ceda oppõe-se a ella com todas as forças. Com a desconfiança que lhe é propria, o radicalismo fingia ver nessa candidatura natural o começo da caudilhagem, mais ou menos como entre nós os Liberaes em 1869 na influencia de Caxias, e o proprio Baquedano não querendo comprometter a unanimidade da sua gloria em uma aventura eleitoral quasi perdida, retirou-se da lucta. Santa Maria foi eleito sem opposição, e a 18 de Setembro de 1881 tomou conta da Presidencia.

No governo de Santa Maria,— as Presidencias no Chile são de cinco annos,— Balmaceda teve primeiro a pasta das Relações Exteriores e pela renuncia de José Francisco Vergara mais tarde a do Interior, que é o posto politico o mais elevado do paiz depois da Presidencia. O Congresso de 1882, composto quasi que inteiramente de Liberaes, Nacionaes e Radicaes, as tres fracções em que se dividia o Liberalismo Chileno, é um dos marcos politicos do Chile. Na sua Mensagem de 1883 Santa Maria diz *«ter batido no relógio dos acontecimentos a hora de realizar as quatro aspirações mais antigas e mais queridas do Liberalismo Chileno: cemiterio commum, casamento civil, registro civil e liberdade de consciencia.»* Este grupo de reformas foi sustentado com a maior tenacidade por Balmaceda, e deve ser inscripto em seu nome. Elle teve que se justificar ainda

mais perante os Radicaes de haver abandonado a sua propaganda de 1874 a favor da separação da Igreja e do Estado, do que perante os Conservadores por intentar aquellas innovações no velho estatuto religioso do Chile.

No Congresso de 1885 os Conservadores, que se haviam absterido nas eleições de 1882, apresentaram-se em maior força, e desde logo a opposição concentra-se toda na candidatura presidencial do ministro do Interior. Balmaceda deixa o gabinete para ficar livre e deixar livre o Presidente. Em vão Santa Maria quer congraçar os quatro grupos liberaes do Congresso, Liberaes de Governo, Radicaes, Nacionaes e Dissidentes, para a escolha de um candidato unico, por meio de uma Convenção á maneira dos Estados Unidos. Os Liberaes, os Nacionaes e uma parte dos Radicaes formam uma liga official Situacionista, como se diz no vocabulario Platino que ultimamente temos adoptado. Os Dissidentes e a outra parte dos Radicaes, por seu lado, formam outro grupo, ao qual os Conservadores se inclinam. Havia assim de um lado o partido da administração, do outro as opposições colligadas; entre esses dois campos travou-se uma guerra parlamentar desabrida, na qual o Sr. Bañados vê o prenuncio da Revolução de 1891, *o seu ponto de partida*.

O attentado não passa de uma protelação, do

abuso das fórmãs parlamentares a que recentemente se deu na Inglaterra o nome de *obstrucção*. A lei de orçamento no Chile é votada por dezoito mezes e a de 1884 acabava á meia-noite de 5 de Janeiro de 1886. A opposição, usando do direito que tinham os deputados de fallar duas vezes sobre cada artigo, prolongou a votação do orçamento até a expiração do prazo constitucional. No dia 6 de Janeiro, funcionando o Congresso, o Chile achou-se sem lei de impostos. O presidente da camara *vacillava*, diz-nos o Sr. Bañados, e *era victima de crueis duvidas*. A 8, porém, o deputado Isidoro Errázuriz, em nome da maioria, apresentou uma declaração, assignada por 48 deputados, de que a camara estava no proposito de votar a lei de contribuições, vendo-se tolhida de o fazer sómente pela obstrucção da minoria. Bañados cita esse discurso como uma defesa antecipada de Balmaceda, oppondo o Errázuriz de 1886 ao de 1891. A verdade, porém, é que o discurso não contém outro principio senão o da defesa da Constituição em todos os terrenos e contra todos os inimigos. A revolução que elle condemna *in limine*, qualquer que seja o motivo ou a bandeira, é a tentativa de derribar pela força a autoridade legitima. Para quem se apossar bem do espirito desse discurso, o revolucionario de 1891 não é de certo o Congresso,

que assumiu exactamente a mesma attitude de 1886 e reivindicou os mesmos direitos. O que sobressae d'elle é esta nota, imprescindível para quem quer julgar Balmaceda: o orgulho que os Chilenos tinham da sua estabilidade politica.

A protelação deixando o paiz sem impostos legalmente decretados tornava indispensavel a dictadura, e essa appareição da dictadura em plena reunião do Congresso era a condemnação da minoria, que assim reduzia á impotencia a Representação Nacional. Contra isso era preciso reagir, era preciso subordinar o Regulamento á Constituição, salvar o principio, a razão de ser, do systema representativo, sujeitando a vontade da minoria á da maioria.

Não ha nesta attitude do Congresso Chileno nada que não seja da mais perfeita theoria constitucional: a protelação systematica força o Congresso á inacção, transforma-o em uma especie de theatro de declamação, faz com que, funccionando, elle se sinta tão paralysado e inutil como se não estivesse reunido. Os partidos que deliberaram seguir essa estrategia dilatoria foram em parte os mesmos que em 1891 recorreram ás armas para fazer vingar a autoridade do Congresso, mas só em parte. Em um sentido a allegação do Sr. Bañados é fundada: se elle quer dizer que muitos adversarios do dictador

Balmaceda não mostraram na administração de Santa Maria esse respeito religioso pela Constituição que depois invocaram, acho-lhe perfeita razão. A verdade, entretanto, é que a protelação, por mais grave que seja, nunca é, senão em sentido figurado, uma *revolução*; o abuso das minorias tem sempre correctivo na resolução da maioria. Se alguma falta houve em 1886, foi, por parte da maioria, o não ter suspenso o Regimento na noite de 5 de Janeiro para se desobrigar do seu dever absoluto de não deixar a nação no prazo constitucional sem lei de meios. Póde-se dizer que a minoria protelando e a maioria deixando protelar mostravam praticamente uma e outra o animo de fazer continuar em 1886, até ser votada outra, a mesma lei de 1885. Nessa demora consentida havia já um accordo de prorrogação tacita, que exclue a idéa de dictadura. Causa muito differente seria se o Congresso e o Presidente estivessem em antagonismo. Esta hypothese nós a encontraremos mais longe, durante o anno de 1890. O facto de 1886 não foi um conflicto entre o Congresso e o Presidente, foi um simples caso de paralysis do Regimento; nenhuma de suas feições tem semelhança com o que se deu depois com Balmaceda.

Quaesquer, porém, que fossem as incoherencias dos individuos ou dos partidos,—aliás ellas não

têm importancia quando se estudam os precedentes dos dois Poderes,—a attitude do Congresso, como instituição, como depositario de principios constitucionaes, é a mesma em 1886 que será em 1891. A do primeiro magistrado da Republica, essa, sim, é que não é em 1891 a que foi em 1886. O golpe de Estado regimental de 9 de Janeiro não passou do que se tem visto em todos os Parlamantos; na Camara dos Communs, mais de uma vez, quando não existia ainda o encerramento forçado, a maioria teve de recorrer a esse arbitrio, para não se ver condemnada á desidia pela tenacidade de uma minoria até insignificante.

Dividido como estava o partido Liberal na administração Santa Maria, organizaram-se para a eleição do novo Presidente duas Convenções, uma Liberal-Radical-Nacional, que era a governista, outra Liberal-Radical, contrária ao grupo dominante. Esta ultima designou como seu candidato a João Francisco Vergara; a primeira, a Balmaceda. Os Conservadores, que eram o complemento indispensavel da victoria opposicionista, caso esta fosse possivel, não adheriram á candidatura de Vergara, tornando-a assim impraticavel e forçando-o a retirar-se do pleito. Balmaceda, representando a situação Liberal consolidada, viu-se desse modo acceito sem opposição, candidato unico.

Esse assentimento unanime vai reflectir nas primeiras attitudes do Presidente eleito. Os seus partidarios mais intimos offerecem-lhe um banquete e elle declina-o, escrevendo-lhes: «*Desejo conservar em beneficio dos meus concidadãos a situação de commum confiança que creou para mim o voto dos Chilenos.*» O Sr. Bañados pretende que essa resposta ferio a susceptibilidade dos amigos e deu azo ás esperanças da opposição. Era a affirmação do futuro Presidente de que não queria governar adstricto a um partido, pelo menos a nenhum grupo. Commentando a posição do Presidente para com o partido que o elegeu, o seu defensor procura traçar esta linha divisoria na consciencia do magistrado nacional: «*Nos actos da administração publica devem elles separar-se das paixões e dos interesses do partidarioismo para se fixar sómente no frio cumprimento das leis, na equidade e na justiça para todos. No conjuncto porém de procedimentos de puro character politico, não podem nem devem esquecer que são homens de partido e que subiram ao poder para realizar aspirações e idéaes tambem de partido.*»

E' uma questão delicada. Se nas Republicas, por um motivo ou por outro, os Presidentes têm forçosamente que ser chefes de partido, pôde-se dizer que falta á testa desses governos o chefe da nação, a qual nunca se pôde comprehender como

um partido triumphante. Seria uma inferioridade para o governo republicano essa de não poder dar á magistratura suprema os seus attributos essenciaes de dignidade, independencia, e neutralidade. Nos chamados governos presidenciaes o Presidente está muito mais adstricto ao jugo partidario do que nas Republicas parlamentares, onde elle representa o papel de um soberano constitucional, cingindo-se á vontade das maiorias. Mesmo nos Estados Unidos, porém, qualquer chefe de partido, uma vez na Casa Branca, sente que a sua responsabilidade perante o paiz prefere qualquer outra. Dahi, para expressar esse sentimento de responsabilidade maior, de primeira hypotheca, para com a nação, tantas phrases cunhadas por elles mesmos no genero da de Hayes: « *Quem serve melhor ao seu partido é quem serve melhor ao paiz* ». O Presidente deve suppôr que foi indicado pelos seus correligionarios por ser o homem mais proprio para exercer a funcção nacional da Presidencia, que é essencialmente arbitral; se no exercicio della elle tiver que contrariar e afastar de si os que o elegeram, fallo em virtude do dever que elles mesmos lhe impuseram, exercita o seu criterio individual, que elles reputaram o mais elevado e o mais seguro de todos. De outra fôrma, o contracto entre elles teria sido deshonesto; assentindo á sua escolha,

elle teria feito promessa tacita de atraçoar o paiz, sempre que o exigisse o interesse do partido. A liberação do partidario eleito para qualquer magistratura faz-se no acto mesmo da eleição; todo *munus reipublicæ* suppõe um funcionario sem compromissos. O Presidente é um homem que o partido cede á nação e não tem mais o direito de reclamar della. Era este tambem o sentimento de Balmaceda ao assumir a Presidencia da Republica a 18 de Setembro de 1886.

III

PRESIDENTE CONSTITUCIONAL

Entramos na administração Balmaceda e o primeiro capitulo do Sr. Bañados sobre ella traz o auspicioso titulo de *Pacificação*. «*A administração Balmaceda, diz elle, inaugurou-se entre as esperanças geraes dos partidos.*» Para bem comprehender tudo o que se vai seguir é melhor talvez conhecer a origem e o equilibrio dos partidos Chilenos. A respeito delles o Sr. Bañados faz um interessante retrospecto. De 1833 a 1861 o Chile esteve entregue ao partido Conservador, que em 1859 esmaga pela mão de Montt a ultima revolução armada dos Liberaes. Na administração Montt, porém, os Conservadores dividiram-se em dous campos. Um conservou o nome do partido, e o outro, o sustento da administração, ficou se chamando Nacional. Na extensa administração de Perez, que durou até 1871, continuaram a existir aquelles dous partidos, e mais o Liberal,—historico, representante do espirito da Carta de 1828 e das revoluções mal succedidas contra o predomínio Conservador,—do seio do qual sahiu o partido Radical. Na presidencia

de Errázuriz, eleito com o apoio de Liberaes e Conservadores, dá-se a ruptura dos dous grupos, e os Radicaes tomam no Governo o lugar deixado pelos Conservadores. A presidencia de Annibal Pinto, occupada quasi pela guerra com o Perú, representa a alliança Liberal-Radical, fortalecida com o grupo Nacional. Esta foi a mesma combinação que sustentou Santa Maria, tendo-se separado d'elle entretanto um grupo de Dissidentes (liberaes) e parte dos Radicaes. Estes e os Conservadores eram os elementos inclinados á opposição, quando subio Balmaceda.

O Sr. Bañados faz notar um phenomeno curioso na evolução do partido Conservador: «*Por um lado, elle fez-se partido religioso politico e por outro declarou-se radical absoluto nas questões que não interessavam ás suas crenças.*» Essa estranha palinodia, como elle diz, não seria porém o processo de recuperação que o instincto suggere aos organismos feridos? O mesmo vio-se entre nós com a escravidão. Quando a monarchia se sentio obrigada a tocar nesse ponto delicado da economia social, o partido ultra-conservador, os antigos *Squaremas* do Rio de Janeiro, educados por Torres, Paulino e Euzebio, passaram todos estrepitosamente para a republica.

A verdade talvez seja que na administração

Balmaceda o Chile já tinha entrado em uma nova phase de sua historia. Ha épocas, ás vezes chamadas impropriamente de anarchia, em que os elementos sociaes até então combinados de certo modo começam a desligar-se uns dos outros, em que as affinidades primitivas perdem a força e tornam-se inertes, seja pelo predomínio de novos característicos nacionaes, resultantes da incessante fusão ethnica, seja pela intervenção de outros reagentes intellectuaes, como são as theorias, as ideias, o espirito do tempo, de sorte que mesmo as rochas se volatilizam.

Para dar um exemplo nosso, ha na actual phase brasileira uma serie de elementos em estado de liberdade, portanto, de agitação, sem que se possa formar a synthese de sua combinação definitiva. Tome-se o elemento militar, que assumio o principal papel: quem póde determinar hoje a sua fixação futura? E' evidente que a sua alliança com o elemento politico exaltado seria uma combinação transitoria, porque não ha affinidade entre o espirito de subordinação voluntaria, que é a alma do exercito, e o temperamento ingovernavel dos revolucionarios. Quanto á alliança com o Comtismo, quem não sabe qual seria a sua sorte? Outro elemento isolado, á espera da base indispensavel, é o Positivismo, que tanto influio no destino do

paiz, e que forneceu os primeiros ideaes provisorios da Republica e o seu symbolismo nacional, mas que não encontra na sociedade elementos permanentes a que se possa incorporar. No Chile quem sabe se a sociedade não entrou como a nossa em uma dessas phases em que tudo se separa para unir-se differentemente? E' a crise do crescimento, mas em todo o caso é um periodo de profundo desequilibrio, do qual o organismo pôde sahir preparado para maiores coisas, mas em que tambem lhe pôde faltar a nova cohesão de que precisa para não se dissolver.

Se a attitude do partido Conservador, offendido pelas reformas religiosas, era essa de desencadear o radicalismo no seio da sociedade chilena, onde estava a representação do principio conservador? Entre os diversos grupos Liberaes havia um, o Nacional, que o Sr. Bañados descreve com a phrase conhecida — *um estado maior sem soldados*, mas que me parece ser, pelo que leio, o que no meio de todo esse enredo conservava melhor a sobriedade Chilena. «*Era um nucleo, são palavras do autor, pequeno em numero, porém compacto, com homens resolutos, com adeptos possuidores de grandes fortunas e com poderosas influencias no mundo financeiro.*» A lucta de predominio social dava-se entre esse grupo assim caracterizado

e os Conservadores; a maioria Liberal representava, pôde-se dizer, uma formação official fortuita, sem os grandes pontos de apoio na sociedade que tinham os Nacionaes e os Conservadores; os Radicaes eram meros *pioneers*. Se Nacionaes e Conservadores se unissem, a massa dos interesses consolidados do Chile estaria de accôrdo entre si e os acompanhava.

A primeira idéa de Balmaceda foi unir todo o partido Liberal e conciliar as boas graças dos Conservadores, para desse modo, sem opposição, realizar uma grande politica de desenvolvimento material. Estamos em Setembro de 1886, note-se bem. O Sr. Bañados diz-nos que um dos fins desses grandes empreendimentos, — os louros da Republica Argentina não deixavam dormir o novo Chile,—era *applicar com proveito nacional o saldo que augmentava de anno em anno nas arcas do Thesouro*. Era a mesma feliz difficuldade que nos Estados Unidos. Seria muito longo acompanhar a administração Balmaceda, estudando os manejos parlamentares, as tacticas dos partidos, os rompimentos pessoaes, sob cada um dos muitos ministerios que se succederam de 1886 a 1891. E' preciso porém para qualquer juizo sobre a Revolução ter idéa do declive gradual da sua Presidencia.

O primeiro Gabinete de Balmaceda teve por Ministro do Interior, que — já o vimos — é o *leader* do ministerio, Euzebio Lillo, e compoz-se mais dos seguintes nomes : — Godoi, (que abre e fecha a Administração), Pedro Montt, Agostin Edwards, e Evaristo Sanchez. Montt e Edwards eram dous altos personagens no grupo Nacional; Lillo, Godoi e Sanchez eram Liberaes, mas figuras sem significação politica, neutros nas lutas dos ultimos annos. Não havia no ministerio nenhum Radical. A existencia desse Gabinete foi curta. Aos Dissidentes e Conservadores, que formavam juntos a opposição permanente ao Governo Nacional-Liberal, ligaram-se alguns descontentes da maioria Liberal, guiados por Demetrio Lastarria, queixoso do relevo desproporcionado dos Nacionaes no Gabinete, e na eleição do presidente da Camara o candidato ministerial ficou em minoria de um voto. Lillo immediatamente demittio-se, e durante sete dias, de 23 a 30 de Novembro, Balmaceda, que tinha apenas dous mezes de Presidente, tratou de impedir que Nacionaes e Liberaes se desligassem, deixando-o sem maioria fixa de governo. A crise resolveu-se, continuando o grupo Nacional na posse de dous lugares no Gabinete com a clausula de fundir-se no partido Liberal, deixando de ser um partido autonomo. Edwards

continuou na pasta da Fazenda, substituindo Adolpho Valderrama a Pedro Montt. Os novos ministros Liberaes eram o do Interior, chefe do Gabinete, Carlos Antunez e mais Francisco Freire e Nicoláo Pena Vicuna.

O ministerio Antunez vio-se a braços no Congresso com uma minoria obstinada que deixou o Presidente até Fevereiro de 1887 sem lei de orçamento. Balmaceda lembrará em 1891 no seu Manifesto esse precedente para mostrar que não é dictadura governar sem lei de meios, porque isso lhe tinha acontecido no começo de sua administração, sem que ninguém o culpasse. E' sensível, entretanto, a differença dos dous casos: quando o Presidente, á espera da lei de meios que o Congresso lhe quer dar, mas que a minoria consegue protelar, arrecada a receita e paga as despesas do paiz, não faz senão cumprir a vontade do Congresso, tem-n'o a seu lado, conta com elle, e se ha dictadura ou usurpação não é sua e sim da minoria que impede o exercicio da attribuição constitucional. Já vimos anteriormente esse caso. Havendo perfeita unidade de vistas entre o Executivo e a Legislatura, a falta é da maioria que se deixa estorvar e da minoria que a estorva, e não do Presidente, que se mantém no seu posto aguardando a lei. Todavia, mesmo assim, nos Estados Unidos o

Presidente se absteria da funcção legislativa e proclamaria ao paiz que pagasse impostos e servisse á União, no exercito ou no functionalismo, quem o quizesse fazer voluntariamente.

Em começo de 1887, o pensamento de Balmaceda, segundo o Sr. Bañados, era a *unificação* dos diversos elementos do Liberalismo, alguns até afastados do governo. A Mensagem de 1.º de Junho de 1887, primeira vez que Balmaceda se apresentava no Congresso, formula essa aspiração. Balmaceda mostra-se, como todos os antigos Presidentes, partidario sincero do governo parlamentar, que foi sempre o governo do Chile. «*Desejo*, dizia elle, *a realização pratica do governo parlamentar, com partidos de idéas e organizados, que vivam da discussão livre, da fiscalização vigilante dos actos dos funcionarios publicos, do respeito e da justiça reciproca, do exercicio pleno de seus direitos...*» Foi a sua experiencia no governo, segundo o Sr. Bañados, que o fez mais tarde abandonar essas idéas parlamentares e *morrer empunhando a bandeira do systema representativo*. E' uma subtiliza, um tanto ingenua, essa de oppor o fundo á fórma e fazer do systema presidencial a alternativa democratica do governo parlamentar, que precisamente pretende ser o unico mecanismo perfeito do systema representativo. Mas a esse respeito ha uma preli-

minar intuitiva. Se foi no exercicio da Presidencia que Balmaceda se convenceu de que o governo parlamentar não convém ao Chile, é que elle achou o Chile na posse e na pratica d'esse governo. Quem é então o revolucionario de 1891?

O ministerio Antunez, para deixar ao Presidente unificador e aos chefes politicos maior liberdade de acção, demitte-se em Junho de 1887 e forma-se o gabinete Zañartu. A importancia da nova organização consistia em que dous dos ministros eram Dissidentes, pertenciam a um elemento que, desde o governo de Santa Maria, se puzera em opposição ao dominio Nacional-Liberal. Esse Gabinete representava a unificação do Liberalismo todo, excepto um grupo de Radicaes. Balmaceda realisava o seu plano; não havia, porém, approximação real e sincera. O elemento chamado Liberal prestava-se a tudo que d'elle queria Balmaceda, mas os outros que não eram bafejados pela administração, esses entravam para o poder com todas as suas prevenções e natureza propria. O gabinete Zañartu foi recebido lisongeiramente por toda a imprensa Liberal, saudado como uma conquista pacifica pela Dissidente, como a realisação de um pensamento generoso pela Nacional, mas a sua falta de homogeneidade era visivel. A morte de Amunátegui ameaçou logo destruir o equilibrio da

combinação, mas Balmaceda deu-lhe por successor Augusto Matte, representante do mesmo grupo Dissidente, e o Gabinete pôde presidir as eleições de 25 de Março de 1888, das quaes sahiu o Congresso chamado *revolucionario*.

Por uma questão que o Sr. Bañados diz ter sido mais pessoal do que politica, o Sr. Zañartu rompeu com o Presidente em Abril. A essa ruptura, chama o auctor *a primeira chispa do grande incendio que arrasou o solido edificio em que se asy-lavam as velhas instituições do Chile*. A importancia entretanto desse incidente parece ser a de um simples episodio parlamentar. O ministerio Zañartu quiz continuar passando para o Interior Lucio Cuadra; na substituição deste, porém, manifestou-se a rivalidade dos Dissidentes, representados por Matte e Garcia de la Huerta, com os Nacionaes ou Montt-Varistas, representados por Pedro Montt e Agostin Edwards, e Balmaceda, depois de varias tentativas para estabelecer o equilibrio entre elles, resolveu sacrificar os dois grupos, organizando um ministerio tirado do nucleo solido da maioria, isto é dos Liberaes de Governo.

Foi este o Gabinete de 12 de Abril de 1888. A exclusão dos Nacionaes, que apesar do seu pequeno numero tinham tido o predominio na administração Balmaceda desde o primeiro minis-

terio, foi acolhida pelos seus inimigos todos, Dissidentes, Radicaes, alguns Liberaes mesmo, como uma victoria commun. Os Nacionaes souberam, porém, não se mostrar resentidos; o seu órgão, a *Epoca*, elogiou francamente a formação do Gabinete. A dureza do ostracismo era, entretanto, intoleravel para um grupo que tão poderosos elementos contava no paiz e que até alli arrastara sempre após si a maioria. A ruptura era inevitavel, e foi se accentuando pela imprensa. No fim da Sessão cada camara do Congresso elege no Chile uma commissão de sete membros, chamada Commissão Conservadora, a qual na ausencia do Poder Legislativo exerce sobre a administração o direito de fiscalização de que elle está investido. A importancia dessa Commissão ver-se-ha mais tarde durante o conflicto do Congresso com o Presidente. Os Liberaes, magoados pela attitude cada vez mais hostile dos Nacionaes, resolveram separar-se abertamente delles. Para isso convocaram uma reunião da maioria, excluindo-os, e decidio-se que nenhum Nacional faria parte da Commissão Conservadora. A 29 de Agosto os Nacionaes recebiam das mãos do Governo os seus passaportes. Assim eliminados, acceitaram elles a lucta e na seguinte Sessão do Congresso romperam as hostilidades, afastando da Presidencia e Vice-Presidencia

do Senado dous altos personagens consulares, seus alliados de outr'ora, Santa Maria e José Ignacio Vergara. Por uma desavença intestina dissolveu-se o ministerio Cuadra, e a 2 de Novembro o Sr. Barros Luco, Presidente da Camara, formava outro gabinete.

A exclusão dos Nacionaes foi um acontecimento parlamentar, mas nenhum dos incidentes que tenho até aqui resumido tem a meu ver, ao contrario do que pretende o Sr. Bañados, relação com a resolução de Balmaceda de arrostar a guerra civil. Para quem for acompanhando o Sr. Bañados, tornar-se-ha cada vez mais claro que o procedimento do Presidente em 1891 está em violento e inesperado contraste com todas as tradições, não sómente de seu officio, mas até de sua pessoa. Que o chamado presidencialismo não era o typo do governo Chileno para o proprio Balmaceda, mostra-o de sobra a seguinte admissão do Sr. Bañados a respeito de um facto que a seu ver, decidio da sorte da administração. «*Tenho razões para assegurar, diz elle, que Balmaceda repellio, em sua consciencia de homem e de estadista, a declaração de 29 de Agosto*» — a que eliminou da maioria os Nacionaes. «*Uma vez, porém, feita essa declaração, nada podia elle fazer, e muito menos manifestal-o ao Gabinete.*» E' a mais completa confissão de que

Balmaceda reconhecia ser o governo parlamentar o governo consuetudinario do Chile, a conquista de uma longa serie de Legislaturas. O auctor figurando o Presidente impedido de pronunciar-se sobre uma resolução de que dependia o seu governo, fal-o mais meticoloso do que a Rainha Victoria.

No ministerio Barros Luco começa a espalhar-se a noticia que Balmaceda tinha escolhido *in-petto* o seu successor, e que este era o seu intimo Henrique Sanfuentes. O Sr. Sanfuentes substituiu no gabinete Barros Luco a Prudencio Lazcano. A primeira impressão desse rumor politico foi tal que o proprio Sanfuentes, para evitar maiores difficuldades ao Presidente, deu a sua demissão, e Barros Luco teve que reorganizar o gabinete. Desse modo, á distancia ainda de mais de dous annos, a futura eleição presidencial começava a agitar o fundo dos partidos. Mais tarde veremos os resultados dessa candidatura, reputada pelos velhos partidos Chilenos uma affronta ao paiz.

O ministerio Barros Luco dissolveu-se pela eleição do candidato dos Nacionaes á presidencia do Senado, da qual foi desalojado Adolpho Valderrama. Balmaceda, diz-nos o Sr. Bañados, tinha então dous caminhos a seguir, ou a alliança dos Nacionaes e Nacionalisados com os Liberaes, ou a alliança destes com Radicaes e Dissidentes. O

Sr. Bañados accrescenta que para promover a primeira dessas allianças, aliás repellido por muitos Liberaes, Balmaceda teria que renunciar a idéa de unificação e que principalmente por isso elle preferio a segunda. Não importava, porém, a escolha feita o sacrificio daquella mesma idéa? Era por acaso unificar o partido excluir delle um dos seus grupos mais prestigiosos? Adoptado entretanto esse pensamento, Demetrio Lastarria encarregou-se de formar o gabinete e fê-lo a 9 de Junho com tres Liberaes, dous Dissidentes e um Radical. A entrada do elemento Radical congraçou os elementos mais exaltados do Liberalismo, mas os Nacionaes receberam o Gabinete como um cartel que lhes fosse endereçado.

A sessão de 1889 foi muito agitada, a maioria Liberal-Radical defendia com ardor a Balmaceda, tratando de afastar da lucta o nome do Presidente. Os mesmos homens que veremos dentro de um anno assignando a acta da deposição, estão ainda unidos em torno delle. A sinceridade dos ministros não era, entretanto, um ponto de fé entre os intimos da Moneda. O Sr. Bañados, por exemplo, diz que Eduardo Matte só aceitou uma pasta para descobrir os fios da presumida candidatura Sanfuentes. O facto é que, por causa dessa candidatura, se tornárão impraticaveis as relações entre Balma-

ceda e o ministro influente do gabinete, que suspeitava o Presidente de protegê-la, inspirando-se em uma camarilha, cujo valimento era maior do que a influencia do ministerio. Lastarria não pensou que o gabinete devesse continuar, sacrificando Matte, incompativel com Balmaceda, e assim todo elle demittio-se.

A demissão desse ministerio abre, pode-se dizer, a crise presidencial. Até ahi Balmaceda só tinha tido a difficuldade de escolher com quem governar, todos os grupos da Camará se lhe offereciam, e elle possuia no partido chamado Liberal de Governo o quadro de uma maioria solida. Em Outubro de 1889 porém depois da ruptura com Matte e do sacrificio do ministerio Lastarria, elle vê-se de repente sem maioria. A sua situação é esta : elle tem por si um fragmento de partido ; todos os elementos conhecidos, feitos, de alta classe, da politica Chilena estão contra elle ; o sentimento geral é que elle não tem outro pensamento senão fabricar, na Presidencia, á ultima maneira dos Argentinos, um partido seu, pessoal, anonymo, composto de elementos inferiores da sociedade, dos repellidos de todos os partidos independentes. Elle tem ainda por si o grosso do partido Liberal, mas já em minoria no Congresso, e prestes a desagregar-se. Os outros grupos estão colligados para

dar combate ao Presidente, em pessoa, para resistir á sua politica individual. Dessa attitudo resulta uma transacção; ainda uma vez Balmaceda tratará de ganhar tempo, até as futuras eleições.

A opposição colligada tinha exigido que se tirasse de um de seus grupos o Ministro do Interior, a isto o Presidente não se sujeitou; concordarão, porém, afinal em aceitar quatro pastas, ficando para os Liberaes a do Interior, que vale por todas. Sobre esta base organisou-se a 23 de Outubro de 1889 o ministerio Donoso Vergára. Era este porém logo á primeira vista um ministerio de desconfiança. « *Cómo poderia esperar a confiança dos membros da opposição conservadora, dizia um delles no Senado, um gabinete organizado sobre a base da mais absoluta desconfiança, desconfiança reciproca entre os grupos Liberaes representados nelle, desconfiança total do ministerio a respeito dos propositos que se attribuem ao Presidente da Republica?* » Balmaceda havia-se submettido, mas a sua susceptibilidade estava ferida; elle sentia-se prisioneiro da Coalisção parlamentar; o partido Liberal, que era a sua cohorte, tinha soffrido nova defeccção com o afastamento de homens, como Lastarria, Zegers, Luiz Errázuriz, Maximo Lira, Jorge Riesco e outros. O Sr. Bañados qualifica esse grupo de Convencionalistas, porque divergiram a proposito da Con-

venção Eleitoral de 1890. O ministerio de Outubro logo mudou de chefe em Novembro, passando a dirigil-o em lugar de Ramon Donoso, outro Liberal, Sanchez Fontecilla. O Sr. Bañados menciona o boato, contestando-o, que Balmaceda e o ministro Valdés Carrera estavam de accôrdo para este provocar crise no gabinete depois de votado o orçamento. O certo é que vendo uma desconsideração em um voto da Camara, Valdés Carrera deu a sua demissão, e os outros membros do Gabinete tiveram que o acompanhar, por entender Balmaceda que a renuncia devia ser collectiva.

Eliminado o ministerio da Coalisão, Balmaceda resolveu formar outro exclusivamente de Liberaes fieis, de amigos seus. Foi o ministerio de 21 de Janeiro, o ministerio Ibáñez. Já é o pessoal propriamente Balmacedista que entra em scena. É a dictadura que se revela, incerta, tremula ainda, tateando os primeiros passos, temendo estar, nesse terreno novo para um Presidente Chileno, a demasiada distancia da eleição, precisando experimentar a fidelidade do exercito e a resistencia do paiz, mas com tenção firme de ganhar a partida, quando mesmo fosse preciso recuar, reunido o Congresso, para evitar a accusação e deixal-o concluir em paz.

IV

ENSAIO GERAL DA DICTADURA

Até o primeiro Gabinete Balmacedista, o de Adolpho Ibáñez, o Presidente preferia governar com os homens de maior situação pessoal no Chile; realizava as suas vistas, tendo por auxiliares os chefes dos grandes grupos em que se distribuía politicamente a velha «sociedade» Chilena; eram esses os seus amigos e camaradas das luctas passadas. Agora, porém, tomava elle mesmo a direcção de tudo por meio de homens de sua confiança pessoal; surgia um partido seu do seio da antiga maioria. Semelhante mudança era o esphacelamento da União Liberal. Os Conservadores jubilavam. Ambos os grupos, o ministerial e o colligado, procuravam captar-lhes as boas graças, e podião elles aproveitar-se da situação para exigirem em troca de sua neutralidade a lei chamada da Communa Autonoma. Diz o Sr. Bañados que essa reforma lhes entregaria a administração dos municipios onde o partido Catholico, em toda a parte arregimentado, estava em maioria. O arrastamento para a opposição era, porém, mais forte do que todo calculo político, e

cedo os Conservadores por sua vez entraram para a Coalisão. A Sessão ordinaria de 1890 tinha que ser decisiva: ou triumphava, ou se extinguia no Chile, o governo parlamentar.

N'um banquete dado a 12 de Fevereiro pelo Intendente de Valparaizo, Ibáñez lança em nome do Presidente o programma das reformas constitucionaes. « *O Presidente, disse o ministro do Interior, pensa que chegou para elle a hora solemne de cumprir um alto dever civico, despojando-se de uma grande parte de suas attribuições constitucionaes, de todas aquellas que não sejam absolutamente indispensaveis para o governo geral da nação, porém, não, praticamente ou de facto, em favor dos partidos pessoaes, que pretendem o poder para tomarem em beneficio proprio a influencia do Presidente, mas, sim, em beneficio do povo, por meio da reforma radical da Constituição.* » E' sempre a mesma linguagem: os partidos que disputam o poder são partidos pessoaes; o partido, porém, que o Presidente trata de fundar, esse é o partido nacional. O Presidente está prompto a desistir de parte de suas attribuições, comtanto que tornem o seu poder independente, como, se essa «independencia» não reduzisse tudo o mais a completa subserviencia. Destruir os partidos que se formáram em diferentes momentos da historia Chilena para substituil-os

por um grande partido novo, que teria tantos adeptos quantos fossem os empregos e fornecimentos publicos multiplicados pelo pessoal votante, era cobrir o Chile inteiro de uma lepra tanto mais lastimavel quanto a chaga seria toda artificial e de creação exclusiva do governo.

O ministerio Ibáñez não chegou a apresentar a reforma architectada por Balmaceda; nas vespéras da reunião do Congresso, o Chile foi surprehendido por este telegramma expedido, a 30 de Maio, da Moneda aos Intendentes e Governadores:—« *Fui chamado a organizar o Ministerio e ficou constituido com os Srs. Mackenna, Julio Bañados Espinosa, Gandarillas, Valdés Carrera, Velasquez, e o abaixo assignado. Esta organização ministerial tem o seguinte significado político: Eliminação irrevogavel e absoluta de minha pessoa, quaesquer que sejam as emergencias futuras, de todo trabalho a meu favor, na designação de candidato á eleição de Presidente da Republica. Henrique Sanfuentes.* » Era um perfeito golpe de theatro.

A circular era antes de tudo o reconhecimento da candidatura, que ella eliminava, candidatura tão positiva que só podia ser apagada do espirito publico, fazendo-se do candidato o Primeiro Ministro que ia presidir á eleição. Era mais ainda, era um desafio áquelles mesmos a quem o Presidente sacri-

ficava o seu candidato, porque dava a Sanfuentes, senão desde logo a Presidência, o primeiro lugar na eleição do novo Presidente, isto é, o mesmo ascendente pessoal na futura administração que elle tinha na de Balmaceda. Em uma palavra, era fundar no Chile a transmissão da primeira magistratura dentro da intimidade dos Presidentes; era converter a successão presidencial em uma especie de morgado, cobrindo o periodo de tres administrações consecutivas, talvez mais, permittida que fosse a reeleição. O Chile importava assim as peores praticas da America do Sul, onde a passagem do poder supremo se tem tantas vezes feito por meio de uma convenção verbal entre as partes, com a clausula até de retrocessão. Como fôra differente a conducta de Errázuriz, fazendo reconhecer no seu governo o principio da inelegibilidade do Presidente! Como o novo plano se apartava d'essa tradição Chilena, celebrada no Congresso pelo Sr. Valdés Carrera, de que todos os Presidentes, desde Bulnes até Santa Maria, com excepção apenas de Annibal Pinto, não foram os candidatos preferidos por seus antecessores!

O Ministerio Sanfuentes, chamado tambem o Ministerio de Maio (30 de Maio de 1890), representaria uma das maiores ingenuidades na historia da politica, se se pudesse conceber um partido

capaz de ingenuidades dessa ordem. A causa da coalisão dos antigos partidos, da dissidencia no seio do Liberal, diz-nos o Sr. Bañados, era a candidatura Sanfuentes. « *Levando em holocausto ao altar dos sacrificios essa candidatura* », o partido Liberal e Balmaceda acreditavam tirar á opposição o pretexto que ella allegava e chamal-a « *nobres idéas de transacção* ». A Opposição não julgou que o ministerio do Interior, a logar-tenencia presidencial, fosse esse *altar dos holocaustos* que o Sr. Bañados figura, nem que o candidato á immolação tivesse a pureza das victimas. A nomeação de Sanfuentes longe de ser um sacrificio era o começo da acção. Até á Sessão anterior, o Presidente procurára de um modo ou de outro apoiar-se em maiorias do Congresso, governar de accôrdo com elle, conforme o espirito e a tradição do systema parlamentar. Com o ministerio Sanfuentes, porém, elle desafiava o Congresso a medirem armas.

Ibáñez, já vimos, annunciára o projecto de reforma que devia estabelecer a independencia perfeita do Executivo, substituindo as instituições parlamentares do Chile por uma adaptação do systema Norte-americano. De facto, ao abrir o Congresso a 1.º de Junho de 1890, Balmaceda faz na Mensagem a mais ardente apologia d'esse plano. E' uma revolução completa no governo do Chile, o

que elle quer. Sob pretexto de fundar a descentralisação por uma organização provincial muito menos extensa do que nós tínhamos no Imperio, elle propunha praticamente a omnipotencia do Poder Executivo, a degradação do Congresso, ao qual chegava a tirar a prerogativa de votar os impostos, desde que tornava permanente a autorisação para cobral-os. Era um retrocesso consideravel na marcha do Chile, o abandono das liberdades adquiridas, a confissão da incapacidade do paiz para se governar por si, para o funcionamento de instituições que são o ultimo progresso a que attingiu a representação dos povos livres. Em nossos paizes onde a nação se mantém em menoridade permanente, as liberdades, os direitos de cada um, o patrimonio de todos, vivem resguardados apenas por alguns principios, por algumas tradições ou costumes, que não passam de barreiras moraes, sem resistencia e que o menor abalo deita por terra. A esses paizes, onde a liberdade carece do amparo do poder, onde a lei é fragil, não se adaptam instituições que só pôde tolerar uma nação como a Norte-Americana, cuja opinião é uma força que levaria de vencida qualquer governo, cujos partidos são exercitos que dentro de horas se levantariam armados sob o commando de seus chefes, e que, por isso mesmo, se respeitam como duas grandes potencias.

É singular que nessa Mensagem Balmaceda tenha recordado tudo o que o Chile conseguiu ser sob a Constituição que elle pretendia destruir. « *O Chile*, disse elle, *foi no periodo da sua organização uma excepção entre as republicas fundadas no seculo XIX, e nos ultimos trinta annos elle offerece um exemplo sem igual no continente das duas Americas e talvez sem paralelo no resto do mundo. Enquanto as outras nações soffreram graves agitações sociaes e politicas, mudanças imprevistas de governo e profundas revoluções, a Republica do Chile, apesar da situação extraordinaria creada por uma formidavel guerra externa, não soffreu um unico transtorno, um unico motim militar. Nem por um instante perturbou-se a marcha de solido progresso realizado por uma e outra geração.* » O Presidente que dizia isso, com o caracteristico amor proprio Chileno, devia prever, dados estes precedentes do seu paiz e a tempera nacional, a resistencia que havia de encontrar a sua iniciativa demolidora. Para recommendar, porém, a subversão total de um regimen, não deixa de ser curiosamente inconsciente,—só essa inconsciencia explica tudo o que se seguiu,—tão brilhante apologia. A theoria da Mensagem parece ser que o regimen d'ahi em diante seria esteril. Chegára o momento historico,—evidentemente á precisão do momento

não
o ser
parla
como
ment
quer
press
liber
a C
tifica
Chile
theti
e ap
ment
logic
sóme
Ame

que e
póde
inver
A po
a ca
prop
these
quec
que

não era estranho para Balmaceda o facto de estar o seu partido no poder,—de substituir o governo parlamentar pelo que elle chama representativo, como se o governo parlamentar não fosse precisamente o governo da representação nacional. « *Se queremos a Republica*, diz a Mensagem, *como expressão da sciencia e da experiencia do governo de liberdade, é necessario reformar desde a sua base a Constituição de 1833.* » E' a propaganda scientifica contra o parlamentarismo que se reflecte no Chile no seio do partido chamado Liberal, antitheticamente, porquanto foi o liberalismo que ideiou e aperfeiçoou, peça por peça, o systema parlamentar até tornal-o, como na Inglaterra, um relógio que marca os minutos da opinião, e não sómente as horas, como o governo presidencial Americano.

Não ha em politica pretensão mais futil do que essa apresentada em nome da sciencia. A sciencia pôde tanto crear uma sociedade como a glottica pôde inventar uma lingua ou a philosophia uma religião. A politica chamada *scientifica* propõe-se poupar a cada sociedade as contingencias da experiencia propria, guial-a por uma sabedoria abstracta, synthese das experiencias havidas, o que seria enfraquecer e destruir o regulador da conducta humana, que é exactamente a experiencia individual de cada

um. Certas leis existem em politica que se podem chamar scientificas, no sentido em que a economia politica, a moral, a estatistica, são sciencias, mas a politica em si mesma é uma arte tão pratica como a conducta do homem na vida. O estadista que apprendeu a governar nos livros é um mytho, e provavelmente os Pitts, os Bismarcks, os Cavours, do futuro hão de se formar na mesma escola que elles. Conhecer o seu paiz, conhecer os homens, conhecer-se a si mesmo, ha de ser sempre a parte principal da sciencia do homem de Estado. Era um rei sabio o que dizia que para castigar uma provincia, o melhor seria entregal-a a philosophos politicos. Entre o espirito de reforma levado mesmo á utopia e o de systema, ha a mesma differença que entre a physiologia e a mathematica. Ha até differença de temperamento. Os reformadores pertencem principalmente a duas classes, os sentimentaes e os juristas. A tradição toda da palavra *reforma*, tomada primeiro á mais tranquillidade de todas as historias, a dos Mosteiros, é conservadora, e encerra em si dous grandes sentimentos : o de veneração e o de perfeição. Perguntaram a Pausanias porque entre os Lacedemonios não era permittido a ninguém tocar nas antigas leis : « *Porque as leis*, respondeu elle, *devem ser senhoras dos homens e não os homens senhores das leis.* » Este é o espirito

de immobildade voluntaria, espirito energico de uma raça forte. « *Ha um povo*, diziam os deputados de Corintho, *que não respira senão a novidade, que não conhece o repouso, e não pôde supportal-o nos outros.* » Este é o espirito de inspiração trasbordante e de eterno movimento das raças de genio, como a Atheniense, a Florentina, a Franceza. Entre os dois extremos ha o espirito combinado de conservação e aperfeiçoamento, privilegio superior das instituições muitas vezes seculares, como é, por exemplo, o Papado na ordem religiosa e na ordem politica a Constituição Ingleza ou a democracia Suissa.

Entre esse espirito de aperfeiçoamento gradual e o espirito systematico, scientifico, radical, não ha affinidade ; ha pelo contrario antagonismo, mesmo, como eu disse antes, de naturezas. O reformador em geral detem-se diante do obstaculo ; dá longas voltas para não atropellar nenhum direito ; respeita como reliquias do passado tudo que não é indispensavel alterar ; inspira-se na idéa de identidade, de permanencia ; tem, no fundo, a superstição Chinezta — que não se deve deitar abaixo um velho edificio, porque os espiritos enterrados debaixo d'elle perseguirão o demolidor até a morte. A natureza intransigente é exactamente o opposto, mesmo o Racionalismo Jacobino de 1793 não é

porem systematico, arrasador, como o methodismo scientifico. Não ha paixão por mais feroz que se possa comparar em seus effeitos destruidores á innocencia da infallibilidade. Os Terroristas de Pariz, «massacravam» brutalmente como assassinos ebrios; os Theoristas innovadores amputam com a calma e o interesse frio de cirurgiões. Estes não conhecem a difficuldade que sentia Catharina da Russia; escrevem as suas Constituições na pelle humana tão bem como no papel, lavram suas utopias na sociedade, a tiros de canhão, quando é preciso.

Essa suggestão scientifica a que obedece Balmaceda mostra a superficialidade da segunda natureza que elle adquiriu no governo. O espirito dos estadistas Chilenos não pode deixar de ser refractario a saturações dessa ordem, sobretudo quando alheias a toda a sua formação anterior. Uma vez eu observava ao meu querido mestre, o barão de Tautpoeus, o que me parecia ser uma inferioridade na raça Inglesa, a sua difficuldade de apprehender idéas estranhas. Elle fez-me a esse respeito, com a vivacidade e promptidão do seu espirito que não envelheceu nunca, uma brilhante demonstração de que essa impermeabilidade era exactamente a qualidade mestra dos Ingleses, a causa de sua primazia, o caracterisco de sua originalidade e do seu genio. Tambem os Chilenos, quer-me parecer, devem

parte da sua força á resistencia que offerecem a idéas de importação, a modos de pensar e de sentir alheios.

A attitude assumida por Balmaceda era um precedente cheio de grandes perigos. Dado que a nação Chilena sentisse a necessidade de fortalecer contra o Congresso o poder Executivo,—praticamente absoluto,—a alteração constitucional devia ser iniciada pela nação, e não pelo Presidente. Não era este o mais apto para propor em beneficio do seu cargo semelhante mudança. A allegação de que sem a intervenção das Camaras haveria dous partidos «de idéas», ao passo que no regimen parlamentar o que havia eram numerosos grupos pes-soaes, não tinha base na experiencia. Os partidos tanto se fraccionam em um regimen como em outro, e tanto em um como em outro se uniformisam. A existencia de dous partidos unicos é um facto que teve explicação historica na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas que hoje não corresponde á fragmentação da opinião. Nem a subdivisão dos partidos é necessariamente um mal; pelo contrario, muitas vezes a minoria independente é que salva o bom principio e causa a reforma do partido. Em tudo isto a irregularidade era visivel. Não cabia ao poder Executivo annullar o Congresso para o fim de normalizar

a função dos partidos. Em paizes, como o Chile, onde a opinião não pôde ainda tanto como o Governo, o regimen presidencial, esse sim, é que só produziria partidos pessoaes, de occasião, que seria preciso refazer a cada nova Presidencia. Nem o character pessoal attribuido por Balmaceda aos partidos contrarios provava, a ser exacto, senão essa mesma influencia presidencial, que elle procurava augmentar. Esses partidos eram com effeito remanescentes das diversas administrações.

Aberto o Congresso, o ministerio Sanfuentes vio-se repellido, por assim dizer, da soleira das duas Camaras. No Senado, Altamirano propoz logo um voto de censura aos ministros; Sanfuentes levantou a luva. « *Emquanto tivermos a confiança do Presidente da Republica*, disse elle, *manter-nos-hemos nos nossos postos.* » Era o repudio absoluto do regimen parlamentar. « *Se o Chile*, dissera elle, *estivesse constituido debaixo do systema parlamentar...* », rejeitando a hypothese. O Gabinete ficaria até as futuras eleições, e o paiz então pronunciaria a sua decisão final entre o Presidente e o Congresso. Era um plebiscito napoleonico; era attribuir ao Congresso eleito por elle Sanfuentes a prerogativa de julgal-o, que elle negava ao Congresso existente. Dizer que o gabinete só era responsavel perante Camaras ainda por eleger, era pro-

clamar que até lá ficava suspensa a responsabilidade ministerial. Essas novidades echoaram no Senado como insultos a tudo o que o Chile se habituára a respeitar, a tudo de que elle se orgulhava.

Por 25 votos contra 8 foi adoptada a censura proposta. Dos que a rejeitaram quasi todos julgaram preciso manifestar que repudiavam a theoria constitucional do gabinete. O Sr. Vicente Balmaceda, que se queria abster, declarou que *depois das palavras do ministro do Interior acreditava dever de patriotismo votar a censura*. Era praticamente o Senado todo. Na Camara as cousas passaram-se ainda peor. O Sr. Mac-Iver formulou uma moção, censurando as declarações anti-constitucionaes feitas no Senado pelos dous ministros do Interior e de Relações Exteriores, e as manifestações contra o gabinete foram tão desabridas que este se prevaleceu dellas para declarar que não compareceria mais ás sessões. A minoria Liberal retirou-se, pretextando coacção, e o voto de censura de Mac-Iver foi adoptado por 70 deputados contra 1. A 14 de Junho a Camara por 69 votos contra 29 decide adiar a discussão da lei de meios « *até que o Presidente da Republica nomeie um ministerio que dê garantias de respeito ás instituições, e mereça por isso a confiança do Congresso Nacional.* » O mesmo faz o Senado a 18. « *As moções approvadas*

continham implicita a Revolução », diz o Sr. Bañados; tambem a attitude do governo continha implicita a dictadura.

O direito das Camaras de negar os meios a um gabinete que ella supponha fatal ás instituições é um direito perfeito. As Camaras são a Representação Nacional; a ficção é que ellas são o paiz, ao passo que o Presidente não é senão um magistrado. Entre a Representação Nacional de um lado e o Presidente do outro, presume-se, havendo conflicto, que a nação está com os seus representantes e não com o seu delegado, e tanto assim que a Representação Nacional tem em certos casos, deixados exclusivamente ao seu criterio, o direito até de o suspender e de o depôr. Ella é o poder mais alto de todos. No caso de ruptura, não se comprehenderia na Inglaterra um Parlamento, nem nos Estados-Unidos, um Congresso, *rebelde*. De certo o Presidente tem o direito de escolher livremente os seus ministros, mas esse livremente entende-se dentro de normas, de convenções consagradas, que formam a Constituição não escripta de cada paiz. Não é sómente na Inglaterra que a Constituição não é escripta; escrevam-n'a como quizerem, imaginem os modos mais decisivos de demarcar os limites de cada poder, a Constituição terá sempre que ser o *modus-vivendi* que

elles assentarem entre si e que o paiz tiver sancionado. Nada mais prepostero do que, em um paiz onde esse *modus-vivendi* estava desde tantos annos profundamente radicado, surgir de repente um Gabinete pretendendo governar sem as Camaras e invocando para isso fragmentos archeologicos ou postulados da sciencia moderna.

Em Julho, continuando o conflicto, a Camara chama por duas vezes os ministros a dar conta dos seus actos, e elles recusam comparecer. A situação é da maior gravidade, todos vêm a guerra civil approximar-se. Os amigos que Balmaceda ainda tinha nos diversos partidos, assustados com as consequencias ultteriores da ruptura, dirigem-se a elle para lhe pedirem que chegue a um accôrdo com o Congresso, sacrificando o Gabinete. « *Qual seria a situação do Presidente do Chile, retorquiui-lhes Balmaceda, se nestas condições eu cedesse do exercicio de minhas prerogativas constitucionaes?* » — *Seria o maior homem do Chile,* » interrompeu o Sr. Francisco Puelma. Depois, este mesmo respeitavel delegado do povo de Santiago insinuou a Balmaceda que renunciasse a Presidencia. — « *Evocou-se em minha presença,* foi a resposta do Presidente, *a lembrança da abdicação de O'Higgins. Era essa uma época de anarchia e de revolução. Nós nos achamos em presença de uma situação regular, na*

qual exercito minhas attribuições constitucionaes. Ninguém tem o direito de pedir-me o sacrificio de minhas prerogativas como Chefe do Estado no Chile. Eu vos declaro com toda a convicção: não abateirei nenhuma de minhas attribuições, não farei em caso algum o papel de victima, porque o Chefe de Estado que a isso se prestasse victimaria a nação que manda e representa. » A abdicação de O'Higgins que elle assim repellia, quantas vezes não lhe terá parecido mais tarde a sahida ampla que se abria então á sua dignidade, á sua reputação, e ao seu patriotismo?

A lucta com o Congresso reunido era entretanto impossivel, porque o Congresso tinha até o direito de accusar e julgar os ministros, e pretendia, se não houvesse outro meio, suspendel-os dessa forma. Nesse momento, Balmaceda não podia ainda assumir a dictadura; para assumil-a precisava poder adiar o Congresso, como fez em Outubro, ou que este não se reunisse mais. A transacção impunha-se como uma medida de prudencia, emquanto fosse preciso contar com elle. Toda resistencia nesse momento era uma loucura, queria dizer a partida perdida. O golpe de Estado, que estava assentado, como veremos mais longe, foi abandonado. Ceder, era da parte de Balmaceda ganhar terreno para a lucta eleitoral de Março, que era o que lhe impor-

tava. Temendo todos o desenvolvimento da crise, o arcebispo de Santiago prestou-se ao papel de mediador, e depois de diversas negociações com Balmaceda, dirigidas pelo Sr. Alvaro Covarrubias, o Congresso e o Presidente chegaram a um accôrdo : o ministerio de Maio demittia-se, e o Congresso votava a lei de meios, formando o Presidente um Gabinete neutro. O ensaio geral da dictadura estava feito. A representação teria logar, se fosse preciso, quando o Congresso não pudesse mais reunir-se *jure proprio*.

V

DICTADOR

Separando-se do gabinete Sanfuentes, Balmaceda deu-lhe as maiores demonstrações de solidiedade e reconhecimento. No banquete de despedida, na Moneda, elle proferiu, diz-nos o Sr. Bañados, « *um dos mais bellos discursos que jámais lhe ouvi, expressando sua gratidão aos amigos que com tanta abnegação, energia, e patriotismo, tinham defendido o principio da autoridade e as prerogativas constitucionaes do Chefe do Estado.* » Por seu lado, os Liberaes de Santiago felicitavam o ministerio de Maio *pelo triumpho das prerogativas do Presidente da Republica contra as invasões inconstitucionaes do Congresso.* Não era um ministerio que cahia, era um interregno que se annunciava; os ministros demissionarios conservavão a confiança, a gratidão do Presidente; o Congresso estava a expirar, o partido Balmacedista iria ás urnas com a certeza da victoria. O que era preciso, era atravessar do melhor modo o resto da Sessão ordinaria; encerrado o Congresso, o campo ficava livre para a acção, e o Presidente poderia ter ao seu lado os homens de sua confiança.

O Ministerio de transacção formado em Agosto sob a direcção de Belisario Prats compunha-se de pessoas estranhas ao Congresso e ao conflicto travado entre o Presidente e a maioria. O Congresso votou immediatamente a lei de meios; uma accusação proposta contra os membros do Ministerio Sanfuentes pelo deputado F. Puelma Tupper foi rejeitada por 56 votos contra 6: havia o proposito de evitar qualquer novo motivo de queixa, de apagar no animo de Balmaceda os resentimentos do conflicto havido, de cooperar com elle. Infelizmente o Ministerio Prats estava por sua natureza com os dias contados. O partido Balmacedista tinha uma organização e chefes que valiam mais do que os ministros. As eleições dar-lhe-hiam immensa victoria no paiz, e certos disto o functionalismo todo e todos os pretendentes preferiam as boas graças do Comité Executivo Liberal ás do ministerio. A situação do Gabinete era impossivel, e cada dia se aggravava; elle sentia que não governava, que a administração toda estava montada, como um poderoso mecanismo eleitoral, que a mais delicada pressão punha em movimento. A posição dos ministros era mesmo ridicula, elles sabiam o que se estava fazendo em todo o paiz, e não podiam allegar nenhum facto, porque mesmo não havia outra cousa senão a influencia intangivel, pessoal,

silenciosa, exercida pela vontade conhecida, pelo interesse evidente, pelas intimidades politicas, do Presidente da Republica, e mais do que bastante para dar a victoria aos seus candidatos predilectos e aos principios sustentados por elle com o ardor de uma defesa propria, no ultimo conflicto com o Congresso. Os ministros não tinham factos que levar ao conhecimento do Presidente de que elle não pudesse rir com elles; não havia nada que elles lhe pudessem denunciar como violação da neutralidade; o machinismo funcçionava sem um attrito, um rangido, uma commoção; a mudar uma peça, seria preciso mudar todas, isto é, organizar uma administração anti-Balmacedista para hostilizar o Balmacedismo sob a Presidencia de Balmaceda. Ainda assim, quem sabe? mas, a não ser isso, nada contrabalançaria a influencia do Presidente, mesmo quando este não quizesse exercê-la, posta como estava nas mãos dos seus amigos.

Entre o Presidente e os ministros demissionarios, — não se sabia isto então, e é desnecessario dizê-lo, o Sr. Bañados não o refere no seu livro, — havia um laço occulto que não se podia mais quebrar. Esse laço era o segredo de um golpe de Estado abortado. A Revolução victoriosa encontrou em 1891 um documento curioso, é o Diario do Ministerio de Maio de 1890, escripto pelo proprio Sr. Ba-

fiados Espinosa. Nesse Diario, que vem junto ao processo instaurado ao gabinete Vicuña, encontra-se a narração minuciosa de uma conspiração tramada em Julho entre o Presidente, os ministros, o Intendente de Valparaiso, e diversos commandantes de corpos, para dissolver o Congresso que estava funcionando, e proclamar a dictadura. Para um documento destes só ha uma resposta, mostrar que é apocriphe ; a sua authenticidade, porém, parece fóra de duvida. Ha trechos característicos nesse Diario. A 27 de Julho consta que o Congresso vai accusar os ministros, e na Moneda se espalha que, uma vez postos os ministros em accusação, o Congresso declararia a deposição do Presidente. « Em presença desse plano, diz no seu Diario o Sr. Bañados, o Presidente da Republica e o Gabinete resolveram por unanimidade de votos que, apresentada a accusação, se procederia immediatamente á dissolução do Congresso, se proclamaria a Dictadura e se procederia á nova eleição no periodo de que falla a lei eleitoral. O Presidente da Republica encarregou-me de redigir o projecto de Manifesto. O Presidente da Republica encarregou-se por sua parte de redigir os considerandos e o decreto de dissolução. » A 28 de Julho ha no Diario entre outras estas revelações importantes : « De manhã redigi o projecto de Ma-

5

nifesto. Dicteio-o ao escrevente do Presidente da Republica e conservo-o entre os meus papeis. » E' preciso notar que nesse tempo Balmaceda estava em negociações com o Arcebispo de Santiago. A's 9 $\frac{1}{2}$ da noite reúne-se o Conselho de Ministros. « Todos estiveram accórdes em preparar desde logo o golpe, por existir conhecimento unanime de que atrás da accusação dos Ministros viria a deposição do Presidente. Pensou-se, entretanto, que era melhor esperar o começo da accusação, e que no dia seguinte ás 8 horas da manhã se lacrariam as portas do Congresso e se faria o bando pelo Commandante geral das armas, acompanhado por todos os chefes de corpos. O Presidente da Republica disse que immediatamente fallaria a alguns chefes de corpos e que ás 10 $\frac{1}{2}$ chegaria o Intendente de Valparaiso mandado chamar expressamente para receber as instrucções. Nessa mesma noite deram-se instrucções a Barbosa, e fallou-se a Marzan, commandante de caçadores, a Lopétégui, commandante do Buin, e a Solo Zaldivar, commandante do 4.º de linha. Todos aceitaram com prazer o movimento e prestaram-se com enthusiasmo. »

E segue assim o plano. A 29, porém, um ministro, Gandarillas, retrae-se, e declara a Sanfuentes, *cheio de medo e sossobro de animo*, diz o Diario, que renuncia o ministerio. « A todos os argumentos

de Sanfuentes, diz este que elle lhe replicava : « Don Henrique, não sou o homem de hontem, não me atrevo, não posso dar o golpe. » No dia 30 assenta-se o plano definitivo. Sanfuentes inculpa Gandarillas de ter esperado o ultimo momento para dar *tão vergonhoso passo*. Balmaceda, pondo-se de pé, declara *que dissolveria o Congresso mesmo que o deixassem só*. Bañados *pede o posto de maior perigo e responsabilidade*. O Presidente e os ministros rogam a Gandarillas que permaneça no gabinete *até á meia-noite do dia anterior ao golpe de Estado*, ao que elle accede. « Seguiu-se então o debate, diz o Diario, ácerca do melhor momento para dissolver o Congresso. Houve discrepancia de opiniões. O Presidente da Republica, Velasquez, Bañados e Valdés Carrera inclinam-se a dissolver no momento de se romperem as negociações, e antes da accusação. » O golpe de Estado, para o qual tinham marcado dia e hora, não foi levado a effeito, mas um facto secreto dessa natureza entre o Presidente da Republica e os ministros, altos funcionarios, e chefes de corpos, tornava Balmaceda prisioneiro do seu partido. Prats não conhecia esses antecedentes ; se os conhecesse, não teria accedido o governo. O Presidente não poderia, quando o quizesse, separar-se dos que conjuraram com elle e tirar-lhes o poder effectivo.

A 6 de Outubro o gabinete Prats apresenta a sua renuncia collectiva e Balmaceda encarrega do governo a Claudio Vicuña. Era uma nova edição do ministerio de Maio, um ministerio de combate. A Sessão ordinaria do Congresso tinha acabado. «Sabendo o Presidente, confessa o Sr. Bañados, que a combinação não podia ser do agrado da maioria parlamentar, resolveu encerrar a Sessão extraordinaria.» A 14 de Outubro com effeito foi encerrado o Congresso, ficando por votar a lei de orçamento e a lei de forças. Encerrando o Congresso, Balmaceda manifestava claramente o pensamento de que não o deixaria mais reunir-se, e de que até ás novas eleições governaria por sua conta e risco, certo da legitimação ou desculpa de seus actos pelo Congresso que ia eleger. Separando-se provisoriamente do ministerio de Maio, ao qual o ligava a conspiração de Julho, o Presidente, é agora visível, não tinha querido senão evitar a accusação dos ministros ou o golpe de Estado combinado.

A formação do gabinete Vicuña além do mais foi um grave erro de tactica politica. Balmaceda podia, sem perigo para o seu partido, contemporisar até o fim, descansar no seu prestigio, na força do poder; o rompimento em Outubro demonstrava excessiva inquietação eleitoral, receio de

complicações fortuitas, necessidade de aproveitar a occasião, de impedir a Opposição de se armar e fazer proselytos no paiz. Ligados os dous factos, a formação do gabinete Vicuña e o encerramento do Congresso, a intenção da Dictadura está patente: o Presidente vai impedir por acto seu a Representação Nacional de votar os orçamentos, de prover á segurança externa e interna do paiz. Se o Congresso não estivesse reunido, era dever d'elle convocar-o. Despachal-o, quando funcionava, era ostentar que prescindia d'elle.

Desde esse momento, pôde-se dizer, o Chile está em guerra civil. A Commissão Conservadora acudiu logo em defeza das prerogativas do Congresso e constituiu-se quasi em sessão permanente. O seu primeiro acto foi admittir a tomar parte nos seus debates a todos os senadores e deputados que a quizessem auxiliar, o que era dar ás suas reuniões caracter de sessões publicas do Congresso em assembléa geral. O principal ponto do conflicto constitucional era a usurpação pelo Presidente das attribuições privativas do Congresso relativamente á despesa publica e ás forças de mar e terra. A 10 de Dezembro, Pedro Montt apresenta esta moção que é votada: «A Commissão Conservadora resolve manifestar ao Presidente da Republica que a manutenção das forças de mar e terra

além de 31 de Dezembro, sem que o Poder Legislativo o autorise, importa uma violação aberta do art. 28 da Constituição.»

Essa era a grave, a grande questão, mas Balmaceda já a tinha cortado dictatorialmente. Aqui as afirmações do Sr. Bañados são terminantes por insuspeitas. E' elle quem nos diz que na conferencia dos ministros, dous ministros, Casanova e Allendes, opinaram que se devia convocar o Congresso, ao passo que o Presidente e os demais ministros opinaram em sentido contrario, fundados em tres razões, que do ponto de vista constitucional parecerão bem estranhas. A primeira, porque o Congresso não daria nunca a lei de orçamento, sem que préviamente o Presidente mudasse de politica e acceitasse um ministerio imposto pela maioria; a segunda, porque a maioria aproveitaria as sessões para proceder immediatamente á accusação dos ministros de Maio e de Outubro e á deposição do chefe do Estado; a terceira, porque uma vez, produzida a accusação e a deposição, não cabia ao Presidente da Republica outra solução senão dissolver o Congresso, medida que era conveniente evitar quanto possivel. Um Presidente de Republica que não convoca o Congresso, estando a ficar sem orçamento e leis de forças, para não haver accusações contra os ministros, e que

tem proposito feito de o dissolver, não é mais um Poder constitucional que delibera na raia de suas attribuições; é um Dictador que se sente o unico poder no paiz.

O testemunho do Sr. Bañados está corroborado por diversos outros. Assim o ministro Allemão em Santiago escreve ao seu governo em data de 9 de Dezembro de 1890 (*Documentos publicados por la Cancilleria Alemana*, Valparaíso, Imp. de «La Patria»): «Ha alguns dias me disse S. Ex. (Balmaceda) que a convocação do Corpo Legislativo seria inutil, porque, em vez de discutir o orçamento do anno vindouro, elle apresentaria, segundo informações que tem, desde a primeira sessão, a accusação contra os membros do ultimo ministerio Sanfuentes-Mackenna e se conservaria por esse meio em permanencia.» Com receio da accusação dos ministros, o Presidente resolve não convocar o Congresso. O que póde acontecer de peor? Elle não acreditou nunca na guerra civil. «Nem Balmaceda nem muitos dos que o acompanharam em suas horas de amargura, depõe no seu livro o Sr. Bañados, julgaram capazes os directores da Coalisão Parlamentar de chegar até a Revolução». O homem de pulso do Gabinete Vicuña é Domingo Godoi. Nos primeiros dias do seu ministerio confessa elle a um amigo que o seu governo tem por

fim, entre outras cousas, «a annullação do Congresso». «Outros mais ousados e mais poderosos do que tu, diz-lhe o seu interlocutor, o Sr. Larrain, reprehenderam a mesma aventura e foram vencidos. Olha; o que tu chamas desdenhosamente opposição, é o Congresso, o clero, a mulher, a imprensa, a sociedade, tudo que tem vida e valor no Chile.— Que me importa, responde-lhe Godoi, eu baterei todos esses elementos e os farei fugir, *sin usar mas que las dragonas de los sables.*» (Depoimento do Sr. J. Larrain Zañartu, *Accusacion a los ex-Ministros del Despacho Don Claudio Vicuña*, e outros, pag. 142). Contando com o enthusiasmo da tropa e com um partido numeroso, como são os partidos officiaes sempre que o governo manda abrir as portas e deixar entrar todo mundo, Balmaceda não pôde imaginar que a opposição parlamentar commetta o suicidio de levantar-se a peito descoberto contra um exercito de veteranos, cuja firmeza nenhum Chileno punha em duvida. Por isso deixa elle passar, dia por dia, esse mez de Dezembro, ancioso pela terminação do prazo.

Afinal chegou o dia 1.º de Janeiro e Balmaceda achou-se na situação que tinha planejado: sem lei de orçamento, nem de forças, elle vai decretal-as por si, isto é, investir-se das attribuições as mais altas do Poder Legislativo. Isto o con-

demnava a ser parte no pleito eleitoral de Março, forçava-o a vencer as eleições do novo Congresso, que o tinha de julgar. Resolvido a tudo, elle dirige ao paiz o Manifesto de 1.º de Janeiro. O Manifesto tem o caracter commum a todos os papeis desse genero, que formam a secção mais importante nos archivros Sul-Americanos. Balmaceda diz nelle que diversos Presidentes do Chile governaram por algum tempo sem lei de orçamento e que isso nunca foi qualificado de dictadura. Não lhe occorreu especificar que a demora na votação dessas leis nunca significou desintelligencia entre o Congresso e o Presidente, e que não podia haver dictadura estando o Congresso reunido e procedendo em tudo de accordo com o Presidente. A demora causada pela protelação era um attentado da minoria contra ambos os Poderes. Com Balmaceda o caso era differente e para esse elle não podia achar um só precedente. Elle não convocara o Congresso por não lhe convir que o Congresso se reunisse mais, por temer a accusação dos ministros. Os auctores dessas peças historicas fazem mal em compol-as, porque são ellas quasi sempre que os condemnam, mostrando, através das razões futeis que elles allegam, a resolução em que estavam de aproveitar qualquer pretexto, falhando o que tomaram, para proceder do mesmo modo. Tambem entre

nós no Manifesto com que o general Deodoro dissolveu o Congresso em 1891 apresentavam-se como motivos para a dissolução, além da infallível conspiração monarchica, uma série de queixas contra o Congresso, que não passam entretanto de uma critica do modo por que elle exercitara attribuições exclusivas suas. Do que se queixa Balmaceda é tambem do exercicio constitucional de attribuições legislativas, como se um Poder que exerce as suas faculdades pudesse offender a algum dos outros, e dar-lhe causa para attentar contra elle.

Pelo Manifesto de 1.º de Janeiro vê-se claramente a situação da vespera: um homem energico, decidido, certo de que as eleições de Março lhe mandarão um Congresso á sua feição, em frente de uma opposição, ameaçada de aniquilamento eleitoral, anciosa pela convocação extraordinaria, para se salvar ao menos por uma trasacção. Deante do Presidente havia um unico obstaculo, o Congresso que o queria coagir, mas que só podia durar até Março. Não o convocando, eram tres mezes de luta com a Commissão Conservadora, o que elle teria contra si, na peor hypothese; depois viria a justificação, a solidariedade, a glorificação das urnas, a eleição do seu successor. Se convocasse o Congresso extraordinariamente, toda essa perspectiva podia desfazer-se. Dependia só delle

convocal-o. A questão era : O que convinha mais,—
 arriscar-se á accusação dos ministros, reunindo o
 Congresso, ou não reunil-o e assumir a dictadura ?
 Se tudo se passasse bem a 1.º de Janeiro, a situação
 em Março estaria *normalizada* ; o novo Congresso
 restabeleceria a constitucionalidade de todos os
 actos, retrospectivamente. Foi por esta ultima alter-
 nativa que Balmaceda se decidiu. Porque ?

Porque, já o vimos, certo do grande poder mi-
 litar que tinha nas mãos, elle não julgou possível a
 revolução ; não lhe veio á imaginação nada do que
 devia acontecer. E' o engano proprio dos governantes
 cegamente obedecidos, que vivem entre muralhas
 de adulação, onde tudo, como para o Rei a galeria de
 espelhos de Versalhes, os homens e as leis, os jornaes
 e as baionetas, a roda intima e a opposição, reflecte
 somente a sua imagem. Balmaceda de certo conhe-
 ceu esse deslumbramento causado pela subserviencia
 de todas as ambições. No Manifesto elle affirma
 que a revolução não terá lugar. «Mesmo na suppo-
 sição, são palavras suas, que sejam imputaveis ao
 Chefe da Nação os desvios da maioria do Con-
 gresso, não póde proclamar-se a revolta. A Consti-
 tuição contemplou o caso em que o Presidente da
 Republica ou seus ministros infringissem a Consti-
 tuição e as leis, e para essa eventualidade previo o
 modo e a fôrma em que unicamente se podem tornar

responsaveis o Presidente e os ministros.» Pela Constituição Chilena o Presidente é irresponsavel durante a presidencia. Era de mais pretender que se elle suspendesse a Constituição e abolisse o Congresso dentro desse prazo, ainda assim a revolução não tinha razão de ser. Balmaceda podia assumir a dictadura, como o jogador pôde fazer uma parada; era, porém, sahir fóra do seu novo papel, prégar a Constituição ao Congresso que annullara. A revolução não era um caso de consciencia para o Dictador, mas para o Congresso.

Balmaceda assumiu a dictadura, segundo se allega, pelo receio de que o Congresso o quizesse depôr, se elle o convocasse. «Por suspeitas e temores não se fazem revoluções», diz o Sr. Bañados, alludindo ao receio da Coalisão de que seriam violentadas e falsificadas as eleições de Março; por suspeitas e temores, pôde-se dizer com mais propriedade ainda, não se assume a dictadura. O Presidente devia prever a resistencia do Poder judicial á absorpção que elle ia fazer do Legislativo; sabia portanto que até Março pelo menos elle seria o unico Poder do Estado e que as eleições teriam lugar sob essa concentração de todos os poderes em um só. E se dessa situação violenta resultasse a revolução, que faria elle? Esmagava-a com a força publica. A questão unica era a fidelidade da

tropa, exactamente como para um Imperador Romano do III seculo.

Essa confiança exclusiva nos quadros militares revela-se por um acto quasi reflexo. No momento mesmo em que a Esquadra toma a bordo os chefes do Congresso, Balmaceda expede este decreto: « *Declara-se o exercito permanente em campanha, elevando-se o soldo a cincoenta por cento mais do que gosa na actualidade.* » A primeira idéa da chamada *Defesa Nacional* é augmentar os soldos. Não era isto intrôduzir insidiosamente no esplendido organismo Chileno o germen do militarismo politico, que torna os exercitos improprios para a guerra estrangeira, indifferentes á gloria militar, e os converte em uma especie de partido armado, a soldo do governo? E o pescador infeliz, cuja rede apanhara no fundo do mar a garrafa em que estava encerrado o terrivel genio Sul-americano, e que o soltara em terra Chilena, onde logo não se vio senão sua gigantesca figura, foi o proprio Balmaceda, que tanto combateu em 1881 a candidatura Baquedano, por ver na eleição do general victorioso a insinuação do militarismo na historia do Chile. O declive da dictadura estava patente ao seu espirito, elle não podia ignorar que ella o levava á tyrannia. A Mensagem está cheia de affirmações de patriotismo, mas a nota que domina em toda

ella é a intransigencia, certa da victoria e do imperio. «*Pôde-se emprehender a dictadura para subir ao poder*, diz Balmaceda, *porém não está na logica da politica, nem na natureza das cousas, que um homem que viveu um quarto de seculo nas contendas regulares da vida publica, emprehenda a dictadura para deixar o poder.*» Para deixar o poder? Porque não? Nisto estaria o verdadeiro desinteresse. Porque excluia elle a idéa de ser um dictador desinteressado? Emprehender a dictadura, porém, para eleger o seu successor e vincular a presidencia da Republica no seu partido, é a historia toda Sul-americana.

Os acontecimentos todos mostram que Balmaceda, quando escreveu a sua Mensagem, estava já nas mãos do máo destino que durante esse anno de 1891 ia açoitar implacavelmente o Chile. Quem habitava a Moneda, não era mais o orador que havia chegado ás primeiras posições pelo ascendente de sua palavra; o publicista que dirigira na imprensa as campanhas da opinião; o parlamentar que se impuzera a todos os partidos pelos muitos prestigios de sua pessoa; era um caracter imperioso em quem o mando absoluto embotara todas as outras faculdades. Se não fosse assim, se elle não tivesse conhecido a grosseira embriaguez que produz nos melhores a sujeição de todos, não teria elle

recuado deante das medidas que lhe haviam de ser reclamadas? Não teria pelo menos parado na linha que une a dictadura á tyrannia? Elle porém não tinha mais a liberdade de si mesmo; entrára em uma dessas situações que tornam o homem um automato moral, que o condemnam a representar ao vivo, n'um palco improvisado, o papel de protagonista em uma peça composta, ao acaso dos acontecimentos, pela massa anonyma que o acompanha. De outra fôrma não se comprehende a transformação havida. No começo da sua Presidência, o que o anima é a ambição de deixar o seu nome na historia do Chile ligado a uma série de iniciativas e esforços que o fizessem solettrar no futuro em cada escola publica, em cada estação de estrada de ferro, em cada grande encouraçado, em tudo que exprima para Chilenos cultura, expansão, ou força nacional. No ponto em que estamos, tudo isto se torna para elle secundario, quasi extranho. Essa esquadra que era o seu orgulho, da qual elle fazia depender a defesa, a segurança, a honra do Chile, e que sabia ser impossivel reconstruir mais, agora o objecto mais ardente dos seus votos é que a ponham toda a pique. Não o preocupa que a delação mercenaria converta cada habitação em um carcere; que as prisões se encham com o que a sociedade Chilena conta de melhor; que se levante

a bandeira da guerra social para popularisar, entre a massa recrutavel e no meio da ruina publica, o partido da resistencia; que a lei marcial funcione em toda a extensão do Chile com a rapidez, a inclemencia, o irreparavel, dos processos summarios; que não se ouça outra voz na imprensa senão a do exterminio, como se funccionassem nas redacções dos jornaes os tribunaes de sangue; que os Chilenos todos sejam declarados suspeitos, sujeitos, se se movem ao salvo conducto, se permanecem em suas casas á espionagem, se procuram salvar filhos, parentes, amigos, á inculpação, um estado social, emfim, em que todas as cabeças estão a premio.

Se tivesse a legalidade por si, ainda assim devia parar diante do dismantelamento total do paiz, da inversão da sociedade pelo predominio inevitavel de elementos anti-sociaes que todas contêm no seu fundo, e que apparecem quando a tempestade o revolve; para não dar a provar aos soldados da Republica o sangue da guerra civil, para não imprimir na marinha Chilena o stigma de pirataria; para não expôr o Chile, desarmado, ferido, desfeito, á audacia estrangeira, e sobretudo para evitar para o seu nome a tyrannia. O que distingue a tragedia antiga é o character intransigente das paixões que levam á destruição de todos os personagens. O nosso tempo não admitte mais essa

logica inexoravel. Mesmo com o inimigo estrangeiro, quando a lucta é inutil, trata-se, para evitar maiores sacrificios. A monarchia seria infinitamente mais humana do que a republica, se o sentimento que tem feito tanto monarcha abdicar de preferencia a acceitar a guerra civil, fosse reputado indigno de um presidente. A guerra civil teria um caracter satanico, se não fosse susceptivel, como a estrangeira, de ser regulada por instrucções que proscrevam a crueldade, de ser interrompida por um armisticio, e concluida por um tratado de paz. O espirito de transacção não falta neste grave transe a Balmaceda senão porque elle não é o mesmo homem: elle não pôde vêr claro o interesse do seu paiz, porque já não divisa o seu proprio.

VI

A ACÇÃO DA ESQUADRA

O que ha mais triste em tudo o que vai seguir é o character voluntario, caprichoso, pessoal, dessa tremenda crise; a absoluta falta de necessidade, a inutilidade, mesmo do ponto de vista Balmacedista, de qualquer procedimento violento na vizinhança tão proxima das eleições de Março. Com mais tres mezes de prudencia, de simples inacção, Balmaceda teria visto chegar o dia salvador da eleição do novo Congresso. Quando mesmo os ministros lhe fossem contrarios, — os partidos não podiam exigir delle mais do que a neutralidade, uma neutralidade regia, — o partido do Presidente levaria de vencida os seus contrarios, ainda que ministeriaes. Em vez d'isso elle preferio o golpe de Estado, chamar a si attribuições Legislativas inteiramente fóra da sua esphera constitucional. Em que se fiava para fazel-o?

Materialmente confiava no exercito, já o vimos; legalmente, em que o Congresso, assim espoliado, não podia reunir-se sem convocação sua. Porque? Se o Congresso não tivesse o direito de funcionar

sem ser convocado, senão nos mezes de Junho, Julho e Agosto, sendo, por exemplo, dissolvido em Outubro ou Novembro, que meios teria de reagir? Balmaceda, não podia desconhecer o principio juridico elementar, — que todos os Poderes têm para defender a sua existencia e manter a posse de suas attribuições um direito que não depende das fórmulas ideadas para resguardal-o. De outro modo não havia organização possível. O direito de defesa é inherente ao funcionamento de todos os poderes do Estado, e inseparavel da autonomia de cada um. Se isto está implicito em toda a parte, na Constituição do Chile parece estar até expresso.

De facto, de que serviria essa Commissão Conservadora que no intervallo das Sessões representa o Congresso e exerce por elle funções de vigilancia, se diante de uma dissolução ou de uma usurpação, que se equivalem, não pudesse chamal-o a postos? Cingir-se ao texto, aos tramites, aos prazos regimentaes, é proceder como a côrte de Philippe III, deixando adoecer gravemente o rei por ninguem ousar, na ausencia do camarista a quem esse serviço incumbia, remover o brazeiro que o sufocava. Tivemos em nossa historia um precedente igual, o do presidente do Senado, a 16 de Novembro, quando a Republica já estava procla-

mada no *Diario Official* e o Imperador prisioneiro, respondendo a um senador que lhe perguntava se o Senado não devia fazer alguma demonstração: « *O Senado está em sessões preparatorias... Mantendo hoje, como sempre a estricte legalidade constitucional e observando o Regimento, como me cumpre, não posso consentir debate que não seja restricto á constituição desta Camara.* » O Congresso Chileno, porém, não professava a etiqueta do Escorial, nem essa *estricte legalidade constitucional* do Sr. Paulino de Souza, era um corpo cheio de vida e de força, capaz de occorrer ao perigo no momento opportuno e com os meios adequados.

Nunca Balmaceda imaginou a defecção da armada Chilena, o Sr. Bañados Espinosa dil-o lastimando-o, e essa surpresa revela-se no facto de estar a esquadra toda prompta para qualquer emergencia, em vez de estar praticamente desarmada, immobilisada, ou afastada do Chile, como estaria se Balmaceda imaginasse que della podia partir a reacção. A verdade é que um *pronunciamento* naval era uma novidade para a America onde não havia ainda surgido um Topete. Sempre que os partidos enumeram seus recursos poem de parte a força naval, e de facto por sua natureza a esquadra é em politica um elemento neutro. O caracter nacional da armada é em toda parte mais acentuado do que

o do exercito, quando sejam igualmente patrioticos. O marinheiro é um ausente, tem que ser, pelo seu genero de vida, muito menos regional do que o soldado, vinculado á guarnição. A lucta do homem do mar é na maior parte do tempo contra os elementos, pelo menos o era na antiga marinha de vela, da qual elle vem, e isto imprime á sua energia um caracter de grandeza que amesquinha as dissensões civis. Para um sentimento se apossar do seu coração é preciso que tenha alguma cousa de vasto, de insondavel. O oceano é o molde em que é lançada a sua individualidade. Dahi resulta uma grande extensão de horizonte interior. A bandeira tem sobre elle uma influencia que só pôde ter no exercito entre os soldados que alguma vez entraram em combate; para os que nunca viram as bandeiras do inimigo, ondeando ao longe como um desafio de valor, a nacional não pôde ser o objecto que é para os marinheiros, habituados a leval-a aos confins do mundo, como o distinctivo do seu paiz distante. Ha no desenrolar do pavilhão na solidão do oceano, quando dous navios se encontram, uma suggestão de patriotismo que cala na alma até ao fundo. E' diante do estrangeiro que se educa, se corrige, se apura o sentimento patriótico, e o marinheiro está sempre diante do estrangeiro. D'ahi o seu afastamento natural, a sua in-

compreensão, de tudo que divide o paiz; o seu amor a tudo que o une. Elle tem o sentimento da patria, unitario, nacional, impessoal; por isso as velhas tradições do paiz conservam-se vivas nos navios depois de quasi apagadas em terra. A esse sentimento une-se a sua sympathia pelas idéas e pelas cousas que elle sabe ser universaes, porque as encontrou, á volta do globo, nas diversas escalas do seu navio.

Em todos os paizes a marinha tem uma popularidade sua, um prestigio proprio sobre as massas. O exercito é outra cousa; popular, como se vai elle tornando em nossos dias, ainda assim não foi possivel ao povo, em parte alguma, desprender da farda militar a antiga idéa de oppressão, resto do uso que os governos fizeram sempre da tropa para se imporem. Uma revolução militar, por mais liberal que fosse o seu intuito, teria sempre contra si um preconceito, o character autoritario da força armada. A tendencia do governo militar é o militarismo. Não póde, porém, haver despotismo naval. Tem havido até hoje todas as especies de tyrannia, mas não se vio um tyranno embarcado. Do mar ainda não se governou a terra. De bordo póde partir a iniciativa de um movimento, como na Hespanha partio de um signal da *Saragoça* a revolução de Setembro, mas não foi Topete, foi Serrano, foi

Prim, foi o exercito, que tomou conta do governo. A marinha não tem meios de acção em terra. Os sineiros de Santiago não receiam que o canhoneio de todas as esquadras do mundo interrompa uma nota do seu carrilhão. Dahi a certeza de que de um movimento da esquadra não póde resultar uma tyrannia, e a presumpção de que elle procede de um impulso nacional desinteressado.

A 6 de Janeiro de 1891 embarcam a bordo dos navios Waldo Silva, vice-presidente do Senado, e Barros Luco, presidente da Camara. Está declarada a Revolução. E' uma antinomia dizer revolução do Congresso, a Representação Nacional não se insurge. Chamando revolucionarios os Congressistas, emprego apenas a expressão que em geral se applica, tenham por si a legalidade ou não, a movimentos armados contra o governo de facto. A opposição contava com o effeito moral da sublevação da esquadra, pensou que ao movimento do mar responderia o de terra. O candidato anti-Balmacedista á Presidencia seria o general Baquedano, e o prestigio do vencedor do Perú era grande na tropa; elle, porém, não se moveu, e esta ficou solida até o fim.

A esquadra não podia pensar em bombardear Valparaiso. O bombardeio de Valparaiso em 1865 pelo almirante Mendez Nuñez levantou contra a

Hespanha a reprovação unanime do mundo civilizado. O que se diria agora se Chilenos fizessem o que fizeram os Hespanhóes, e a cidade fosse incendiada pelas bombas do *Blanco Encalada* e do *Cochrane*, como escapou de o ser na manhã de 31 de Março pelas da *Numancia*? « Uma tal barbaria, dissera Mr. Layard na Camara dos Communs a proposito do bombardeamento de Valparaiso, é absolutamente indigna de uma grande nação como a Hespanha. » Apezar de envolvidos nós mesmos em uma guerra estrangeira, não deixou o Governo Brasileiro de protestar contra o attentado commetido. « O Brazil e a maior parte dos Estados Americanos, disse o Sr. Saraiva em uma brilhante nota, novos ainda, não dispõem de todos os recursos precisos para se fazerem respeitar, e, disseminada a sua riqueza e a sua população ao longo de costas extensas e indefesas, estão sujeitos ao abuso da força e necessitam por isso que sejam mantidas as maximas da civilisação moderna, que constituem a sua principal e mais efficaz protecção. » Bombardear Valparaiso seria, por parte da Esquadra revolucionada, o mesmo que assignar uma autorisação ao inimigo estrangeiro para destruir as cidades todas do littoral Chileno, em caso de guerra. No emtanto essa Esquadra, que assim procede, é declarada por decreto de 9 de Janeiro *fôra da lei*, depois de

eliminados dos quadros da armada Jorge Montt, o actual Presidente, e Xavier Molinas, por « *traidores á patria* ».

« *A esquadra revolucionaria*, dizia o ministro das Relações Exteriores, Godoi, aos representantes da Inglaterra, França, Allemanha e Estados Unidos, *foi declarada fora da lei pelo Governo, e todo acto de hostilidade que ella execute deverá ser considerado em virtude disso como pirataria.* » (*Documentos oficiales de la Cancilleria Alemana*, pag. 17.) O appello á intervenção estrangeira nas luctas civis do Chile mostrava só por si que no paiz distincto entre todos pelo seu amor proprio nacional o espirito de facção sobrepujara o de patria, exclusivo, exagerado, cioso, como este é, da menor insinuação. De facto, era um appello ás grandes potencias Europeas, unicas que podiam mandar ás aguas do Pacifico navios capazes de destruir os poderosos encouraçados Chilenos. As esquadras Europeas podiam afundar a Chilena, mas não haviam de entregal-a a Balmaceda, em Valparaiso, de frente do monumento de Arturo Prat, como entregaram a *Victoria* e a *Almanza* ao governo de Madrid. Por tudo que se sabe dos marinheiros Chilenos, pelos feitos mesmos da *Lynch* e da *Condell*, póde-se assegurar que os navios Europeus não logriariam fazer boa presa da esquadra do Chile.

Para que os Neutros, entretanto, tratassem como piratas navios de guerra Chilenos que tinham a bordo a representação do Congrasso, era preciso que elles, sim, estivessem eivados do espirito de rapina.

No Direito das Gentes já estava encerrado esse capitulo aberto pela Hespanha durante as convulsões de uma guerra civil tripla. Desde a França pelo duque Broglie até o Brazil pelo Visconde de Caravellas em 1873 e pelo Barão de Cotegipe em 1877 (ver Ch. Calvo, *Le Droit International* §§ 499, 502 e 503), a questão ficou resolvida para para o mundo civilisado... « Piratas, dizia o Visconde de Caravellas, no caso do *Porteña*, propriamente são aquelles que correm os mares com o fim de se apropriarem pela força dos navios que encontram, exercendo depredações contra todas as nações *indistinctamente*... Se isto não bastasse, eu rogaria ao Sr. ministro da Republica Oriental que se dignasse attender ao exemplo de attitude inteiramente negativa que nos deram as potencias Europeas, quando foram ultimamente convidadas pelo Governo Hespanhol a tratar como piratas os navios que os insurgentes daquelle paiz haviam apprehendido.» (*Rel. dos Estrangeiros de 1874*, pag. 183) «De certo, replicou com vehemencia o Barão de Cotegipe ao representante da Hespanha, nenhuma

nação da America pretenderá estabelecer regras novas e especiaes nesta materia ; mas tambem nenhuma dellas póde esquecer que quando pugnou pela sua Independencia se achou em circumstancias semelhantes ás de Cuba, e não admittio que aos seus actos se applicasse a qualificação de *pirataria* do Direito Internacional. Portanto, ainda que nenhum autor resalvasse, como Calvo resalva, o caracter politico das rebelliões, na historia das guerras da Independencia desta parte do mundo se acharia a verdadeira doutrina. » (*Rel. dos Est.* de 1877, pag. 388.)

Declarar a esquadra nacional *fóra da lei* no sentido revolucionario de 1793, era para Balmaceda apenas apparecer perante o mundo como um governo tyrannico. Mesmo o pirata não está *fóra da lei*, que o alcança e o pune ; *fóra da lei* não ha nenhum criminoso no direito penal moderno. Essa formula do Terror é obsoleta como a tortura.

Parece que um dos fins do lançamento *fóra da lei* era repudiar a responsabilidade do Governo Chileno por actos praticados pela esquadra contra a propriedade neutra. Era claro, entretanto, que pela mesma razão por que não bombardeára Valparaíso, a esquadra abster-se-hia de actos que, de qualquer modo, ferissem interesses estrangeiros. O interesse do partido Congressista era ser reco-

nhecido belligerante, e não seria procedendo os seus navios como corsarios que elle se imporia ao respeito do mundo. Era evidente que officiaes de marinha da escola e tradição dos commandantes Chilenos e um governo que continha no seu seio, ou ao qual adheriam, quasi todos os homens de Estado de um paiz altamente reputado, como o Chile, não se haviam de entregar á pirataria. A *Nacion*, o *Comercio* e os outros jornaes Balma-cedistas podiam escrever diariamente neste genero: « Não deve haver conciliação com os que rasgando o pavilhão nacional o converteram na desprezível insignia do pirata. » (Editorial do *Comercio* de 15 de Janeiro.) « Ai dos traidores naquella hora que a passos agigantados se approxima, ai dos traidores que nesse dia terrivel e proximo do castigo, porque verão então que com seu sangue malvado se lavará a affronta do Chile! » (*La Nacion* da mesma data.) Essa é a linguagem local, contemporanea, cadenciada pelos *morras* das ruas, colorida de sangue, visando cada manhã a effeitos de metralhadora; não, é porém, a linguagem do essrangeiro. A justificação ostensiva do decreto era contra-producente. Se os navios eram realmente piratas que se atiravam sobre a propriedade estrangeira, o Chile era o fóco donde essa pirataria se irradiava, fôra elle que a armára, era elle a causa

dos prejuizos havidos. Que garantia havia de que sua esquadra não se rebellaria outras vezes, cahindo como um raio sobre o commercio estrangeiro? Era então o caso de policiar essa costa, de vigiar esses navios de extinguir esse fóco. Se um regimento de desertores Chilenos invadissem a Bolivia com as armas que lhe dera o Chile, sob os seus chefes regulares, tudo como em uma expedição militar, não haveria responsabilidade para o paiz que tornou possível essa invasão, armando superiormente e exercitando esses batalhões de bandidos? Da mesma fórma com os encouraçados que elle não podia conter. O motivo allegado para a irresponsabilidade tornava-se a accusação do Governo que tinha educado marinheiros para piratas, e dado á pirataria a solida organização e o irresistivel armamento de uma marinha de guerra de primeira classe.

O principio em si nem mesmo era acceito pelas nações estrangeiras. A Allemanha, notavelmente, protestou pela sua parte. « Diga que não será possível ao Governo Imperial, ordenava o Chanceller do Imperio ao Barão de Gutschmid, em data de 14 de Abril, reconhecer como obrigatoria em direito a dita declaração, no que possa affectar interesses allemães, e que elle se reserva o direito de fazer valer todas as acções que possam-

derivar de qualquer prejuizo causado a esses interesses.» (*Documentos oficiales de la Cancilleria Alemana*, pag, 52.) Qualquer que seja a verdadeira opinião sobre a responsabilidade de um paiz por prejuizos causados pela guerra civil, o modo de affastal-a do Chile, relativamente a actos da esquadra contra propriedade neutra, era pelo contrario contestar aos navios a qualidade de piratas. Pôl-os *fora do lei*, era deixal-os livres para o saque e a depredação, se o elevado character da armada Chilena e do Congresso, de que ella levantava a insignia, não repellisse essa carta forçada de corso.

Conhecida a revolta naval, Balmaceda calcula as probabilidades da lucta; todas são por elle. A esquadra só pôde causar damno ao littoral, não conseguiria desembarcar um só homem. O peor que podia acontecer era a occupação das alfandegas de Talcahuano, Valparaiso, Coquimbo, Antofagasta e Iquique, mas ainda assim o seu poder militar ficava intacto; com o telegrapho ás ordens, elle esperava comprar navios na Europa e nos Estados Unidos, « á custa dos maiores sacrificios pecuniarios », disse elle a 17 de Janeiro ao Barão de Gutschmid, e reunir nos portos elementos de defesa que tornassem impossivel a approximação dos navios. Sem portos onde se abrigar, o que poderiam fazer os revoltosos? Uma vez que em terra não houvesse

movimentos serios, tinha elle por si todo o poder do Chile. O recrutamento dava-lhe o exercito de que precisasse, cincoenta, cem, duzentos mil homens. Que valiam contra esse exercito, que só dependia d'elle augmentar, alguns navios repellidos da costa pela artilharia de terra, e a pobre gente que elles recolhessem no Norte? As disposições do Governo são por isso de resistencia, de repressão implacavel, elle parece não querer a victoria senão pelo prazer de esmagar de uma vez por todas a revolta, de firmar indestructivelmente o dominio do seu partido. Tendo por certo o triumpho, o ministro do Interior, Claudio Vicuña, dizia ao ministro Allemão « que então seria chegado o momento de castigar os traidores da patria de modo que servisse de exemplo, até ás futuras gerações. » (Officio do Barão de Gutschmid ao Chanceller do Imperio, de 14 de Janeiro de 1891.) « Ainda que custasse muito sangue e dinheiro, replicava elle nessa occasião ao Barão de Gutschmid, que se offerecêra para alguma mediação possivel, era preferivel para a sorte futura do paiz que o levantamento da Esquadra fosse suffocado pela força e que se limpasse de uma vez o campo, ao desenlace momentaneo de uma paz interior vergonhosa. »

Em vão Annibal Zañartu pede a Balmaceda que não se sacrifique, e não sacrifique o paiz, e

entregue o poder a Baquedano. Balmaceda responde-lhe:— « Hoje não cabe senão cumprir o dever, e a Sanfuentes que se offerece para promover um accordo:— « Se eu fosse pedir á esquadra sublevada e a meus implacaveis inimigos accordos que seriam minha perdição e a do Chile por muitos annos, mereceria o desprezo de quantos me conhecem, e o da historia. »

E' uma lucta de morte que se vai travar, e elle entra nella com certeza de victoria, com absoluta confiança em si. Até a derrota de Concón não lhe passa pelo pensamento a idêa de ser vencido; durante mezes o que o preoccupa, são as negociações dos seus agentes no Rio da Prata e na Europa para lhe mandarem navios; elle segue dia a dia o movimento dos dous cruzadores, o *Presidente Errázuriz* e o *Presidente Pinto*, esperados de Toulon; reunidos os meios de acção por mar, desembarcaria um exercito em Tarapacá, para aniquilar os bandos indisciplinados que a revolução, protegida pelo deserto de Atacama, tinha recrutado nos portos salitreiros. Desde a manhã de 7 de Janeiro em que recebe a noticia da sublevação da esquadra, até á noite de 28 de Agosto em que lhe telegrapham a derrota final de Placilla, Balmaceda encerrado no palacio da Moneda, não tem outro pensamento senão subjugar a Revolução.

E' um drama historico o que se desenrola então diante do mundo. De um lado, vê-se em Balmaceda o que nos paizes Sul-americanos pôde o mando de um homem ; por outro lado, na Revolução, o que vale o Chile.

Para mim, são os dous maiores esforços de energia que a America do Sul desenvolveu neste mieo seculo : a resistencia Paraguayana e a Revolução Chilena. Um, barbaro, fanatico, horrivel, mas ainda assim sublime, alguma cousa de parecido com o incendio de Moscow, porém mais vivo, mais palpitante, mais tragico, porque era com vidas humanas, e não com labaredas, que a nação fazia o deserto diante do invasor. A resistencia Paraguayana até o ultimo homem, sinistra como se torna pela loucura do tyranno, quando se apossa do seu animo a suspeita de todos, é o grau de maior intensidade, o grau absoluto, a que o sentimento de patria possa chegar. A Revolução Chilena não traz esse cunho sombrio, exclusivo, intransigente, do genio de Francia. E' um facto de ordem moderna, jogo de molas inteiramente outras, resultado de educação opposta, corresponde a uma ordem superior de sentimentos, a outra classe de homens, mas, como esforço nacional, é tambem o actual limite humano.

VII

A TYRANNIA

Apenas se declara, a 7 de Janeiro, a revolta da esquadra, Balmaceda no mesmo dia se constitue a si mesmo Dictador. «Desde esta data, diz o decreto, assumo o exercicio de todo o poder publico necessario para a administração e o governo do Estado e a manutenção da ordem interna.» Immediatamente ordena a prisão dos principaes individuos da opposição, a saber, dos chefes dos antigos partidos, dos antigos ministros, dos *leaders* da sociedade. O Prefeito de policia de Santiago recebe na manhã de 7 uma lista de cerca de 60 pessoas que deviam ser presas; nesta lista figuravam quasi todos os homens de primeira classe do Chile, como Irrarrázaval, Matte, os Walker Martinez, Besa, Zegers, Errázuriz, Altamirano, Ventura Blanco, Lastarria, Barros Arana, Enrique Mac-Iver, Pedro Montt, Maximo Lira, Jovino Novoa, Gregorio Donoso, König, Mac-Clure, Barros Borgono. No mesmo dia se expede um decreto declarando que nenhuma pessoa poderá sahir de Santiago, Valparaíso, Viña del Mar, Quillota, Talca,

Concepcion, Talcahuano, sem o correspondente passaporte, isto é, sem o salvo-conducto militar. O Chile todo é posto em estado de sitio; o exercito declarado em campanha; o soldo augmentado de cincoenta por cento, grandes premios offerecidos por todos os actos de coragem, pensões decretadas para as familias dos que morressem ao serviço do governo. «Não produz tudo isto no espirito a triste convicção de que o dinheiro influio poderosamente para que a Dictadura obtivesse o concurso da força armada?»—dirá no processo dos ministros no Senado o Sr. Mathieu.

O Chile tinha um organismo são e vigoroso, a resistencia portanto devia manifestar-se pelo Poder Judicial e d'elle descer até as ultimas camadas. Com effeito, os magistrados desconhecem o direito da Dictadura. A 10 de Janeiro, a propósito de um recurso de *amparo*, o Tribunal Supremo declara que, havendo expirado a 31 de Dezembro a lei de forças e não tendo sido decretada outra para o anno de 1891, o exercito que se *conservava organizado carecia de existencia legal*. A essa attitude Balmaceda responde mandando fechar pela policia a Corte Suprema e as Cortes de appellação. A coexistencia da autocracia e do Poder Judicial era impossivel por honra do Chile. Repudiar o Congresso, era eliminar a Magistratura. Em vez

dos tribunaes constitucionaes surgem tribunaes militares. A jurisdicção criminal passa para a administração. «Assumi o conhecimento privativo das causas crimes que se relacionam com a ordem e tranquillidade publica ; apezar disto julgo necessario formar um tribunal que pelo numero de membros dê garantias», telegrapha um dos Intendentes, Aldunate, ao Ministro da Guerra. A 29 de Janeiro decreta-se um Tribunal Militar para a provincia de Santiago.

As prisões não se effectuam sempre com facilidade. Ao prenderem o Sr. Alfredo Irrarázaval, por exemplo, os agentes ferem-no gravemente a bala, de dia, em plena rua. Havia em Santiago duas Secções de Pesquisas, uma funcionando sob as ordens do Ministerio da Guerra, outra sob as do Ministro do Interior. Era grande o interesse de descobrir os chefes occultos do movimento, Carlos Walker Martinez, Gregorio Donoso Vergara e Carlos Lira, que formavam o Comité Revolucionario da Capital. Interesse talvez maior havia em prender a Agostin Edwards, cuja immensa fortuna se julgava posta ao serviço da causa Congressista. As buscas são dadas a toda hora, de casa em casa, porque a boa sociedade formava quasi um só partido. A altas horas da noite as paredes eram escaladas, ou forçando portas, os agentes se-

cretos, sem nada que os fizesse reconhecer senão a impunidade de que estavam certos, penetravam nos quartos de dormir, devassavam tudo. A senhora de D. Agostin Edwards tem a sua habitação varejada diversas vezes. 5.000 pesos (diz no processo Vicuña a testemunha Don Esequiel Rodriguez, da Secção de Pesquisas Judiciaes) foram offerecidos pelo Intendente de Santiago pela apprehensão de Carlos Walker; outra testemunha diz que offereciam 3.000 pesos por Edwards, Walker, ou Melchior Concha y Toro; chegaram a offerecer até 10.000 pesos por Edwards e Walker (testemunha Don Thomas II Arenas). Eram grandes as listas de proscripção. Na prisão de Santiago, só de Janeiro a Maio, passam 279 presos politicos. O telegrapho estava continuamente a transmittir recados destes: — «Sr. Governador de Collipuli, sirva-se remetter immediatamente a Angol as seguintes pessoas...».

Nem sempre, porém, os presos chegam ao seu destino. Na provincia de Cautin uma tropa de carabineiros conduzia uns presos de Nueva Imperial para pol-os á disposição do commandante geral das armas em Temuco. Não voltando a tropa ao quartel, telegraphou o commandante para perguntar se ella tinha chegado ao seu destino, e o commandante geral respondeu: «A commissão

chegou, os réos quizeram sublevar-se em caminho em connivencia com os bandidos que os auxiliavam e todos elles foram victimas de sua temeridade».

Nas prisões, ás vezes, applicava-se barbaramente a pena de açoites. O Comité Executivo funccionava escondido, em Santiago mesmo, na vizinhança da Moneda, animando a resistencia, expedindo ordens, communicando-se com a Junta de Iquique. Nada faz mais honra ao character Chileno do que o segredo inviolavel mantido por tão grande numero de pessoas a respeito do local onde trabalhava o Comité. Em *La Revolucion Chilena* de Gil Juan, pseudonymo de Javier Vial Solar, ha uma pagina sobre o *sanctum sanctorum* dos revolucionarios. «Ha dous dias, disse-lhe o amigo que o introduziu no adyto, vivemos nesta cova; outro dia, talvez, te possamos receber em um palacio; mais tarde, quem sabe, se no rancho de algum dos nossos empregados, e depois em outro palacio, ou quem sabe onde.» (Pag. 72). A essas reuniões acudiam, para receber ordens e communicar noticias, pessoas de todas as categorias. Em geral eram as senhoras que se prestavam a levar os recados, a correspondencia secreta, e a distribuir as folhas da imprensa clandestina, como o *Constitucional* e a *Revolucion*. Essas relações nunca interrompidas da opposição em Santiago e Valparaiso com

os revolucionarios do Norte eram conhecidas na Moneda; visivelmente, havia uma correspondencia occulta que contrariava a acção do Governo. Descobrir a rêde subterranea e submarina seria uma diligencia do maior alcance. Para leval-a a cabo as autoridades deviam recuar ante os açoites e os tormentos? Quando o segredo de que dependia a victoria estava á flor dos labios do prisioneiro, por que não arrancal-o, fosse como fosse? Só por uma sentimentalidade viciosa deixaria um partidario da Dictadura de empregar em um individuo poucos minutos de soffrimento para obter um resultado nacional tão consideravel. Dahi o interrogatorio, acompanhado de tortura, dos presos que podiam talvez saber e não queriam dizer.

Alguns destes têm importancia social. José Luiz Vergara, ex-Intendente de provincia, é ameaçado de pancadas, se não declarar onde estão occultos os seus amigos, e com effeito dão-lhe cem açoites, pelo braço de quatro soldados, depois de lhe pôrem ferros aos pés e de o levarem a um calabouço. E á testemunha consta que tambem foram flagellados em Valparaiso os Srs. Stuvén, Daniel Fernandez e José M. Muñoz, por terem sido seus companheiros na prisão e terem visto os signaes que os açoites lhe deixaram. O mesmo acontece a Don José Maria Barahona, ajudante de campo do

Congresso: também querem que elle faça revelações, e por se negar, põem-lhe ferros aos pés, algemam-no, com os braços amarrados para traz, mais tarde estendem-no no chão e começam a castigal-o, repetindo as perguntas a cada cinco ou seis açoites, até duzentos. Depois fingem que vão fuzilal-o, ou de facto deixam de o fazer. Don José Toro Fernandez recebeu cem açoites, vio açoutar outros. A's vezes dos açoites resultava a morte, como a de uma pobre mulher de Concepcion porque gritára: *Abaixo Balmaceda!* Os soldados lastimavam-se de não haver carrascos nos quartéis que desempenhassem esse officio e que fossem elles encarregados de açoitar mulheres, diz uma testemunha.

O Chileno não é um preso politico commodo, é pelo contrario perigoso, porque affronta a prisão e desafia o peor. Diante dessa sobrançeria o Governo, a não querer uma carnificina nas prisões, como nas Setembrisadas, só tinha uma cousa a fazer, que era afastar do paiz essa gente. Com effeito, causavam-lhe grande incommodo. Um Intendente chegava a telegraphar a um dos seus governadores: «Não tome presos. Applique a lei militar, se tem evidencia de que são culpados. Não ha quartel para bandidos.» Em Julho Balmaceda embarca 70 dos presos de Santiago para Iquique. «Não foi um

movel generoso, diz o Barão Gutschmid, que produziu este acto de apparente humanidade.» O ministro Aldunate dissera-lhe que o Governo procedera assim por ser a conservação dos presos penosa ao Thesouro e por parecer vantajoso que esse elemento «politiqueiro» fosse paralyser a actividade da Junta. (Gutschmid, 7 de Julho — *Documentos oficiales de la Cancilleria Alemana*). O preço das comedorias pago pelo Estado podia ser excessivo, mas o pensamento de dividir a opposição com semelhante reforço politico, parece um simples gracejo de Aldunak. (O Ministro Allemão, segundo o Sr. Bañados, era considerado quasi um membro da Junta Revolucionaria.) A humanidade do acto é incontestavel; o que se pôde dizer, é que o Governo via um perigo fortuito na presença de taes elementos em Santiago, ainda que nas prisões.

Dous dos presos, porém, o Vigario da provincia de Valparaiso, Don Salvador Donoso, e um filho do Presidente Pinto, foram expatriados para a Europa. Eis como o Intendente de Concepcion, encarregado de despachal-os, telegrapha ao de Santiago a respeito delles: «O trem com os infames traidores chegou e como não é possivel que *estos peines* vão juntos com os marinheiros que tenho que mandar a Montevidéo para os navios, tenho-os collocados em um commodo calabouço na

cadeia até que chegue algum vapor», e depois: «Os réos Donoso e Pinto embarcaram hontem no *Kambises*, depois de terem estado dous dias incommunicaveis e a pão e agua na prisão desta cidade. Creio que terão durante a viagem bem boas recordações da sua estada na Perola do Bio-Bio.»

Com taes carcereiros, a ordem de soltura era um bem inapreciavel; tambem, ás vezes podia ser obtida por dinheiro, outras vezes davam-na mediante caução. A 10 de Abril, por exemplo, publica-se um decreto concedendo soltura e passaporte para a Europa a Vial, Barrios, Castellon, e Riesco, dando elles palavra de honra de não se envolverem na contenda, e depositando cada um 50.000 pesos no Banco Nacional á ordem do ministro do Interior

Além da pessoa, a dictadura põe a mão sobre os bens dos que lhe são contrarios. Por dous decretos, de 30 de Janeiro e 5 de Fevereiro, ella prohibe hypothecar ou alienar bens a 67 cidadãos. «O disposto, escreve o Ministro Allemão ao seu governo, affecta umas 60 pessoas, grandes proprietarios, banqueiros, etc., entre as quaes figuram os individuos os mais respeitaveis e até aqui os mais influentes, que apoiam o movimento revolucionario». E accrescenta: «Espera-se em breve a

publicação de um novo decreto em que se proibirá a transferencia dos títulos que estejam em nome delles, e quanto possivel dos titulos que tenham ao portador.» Era o que pedia todas as manhãs em altas vozes a imprensa dictatorial, a unica, está visto, que existia, todos os outros jornaes tendo sido fechados. Esse é o espirito do partido. O odio contra os chamados *millionarios*, como o odio do estrangeiro, é prégado diariamente. São aquelles que sustentam a Revolução, é preciso, portanto, confiscar-lhes a propriedade. A grande casa Besa & C.^a é fechada pela policia. «Sirva-se dispôr, foi a ordem de Godoi ao Intendente de Santiago, que se proceda com a maior brevidade ao fechamento dos armazens de Besa & C.^a, desta capital, devendo ser lacradas e fechadas as portas.» A 27 de Janeiro nomeia-se um interventor para dar conta, dia por dia, das operações do Banco A. Edwards & C.^a, forçado a liquidar em Março. Mesma intervenção nos Bancos de Valparaiso e de Santiago. Não se contentam, porem, com a ruina dos capitalistas e proprietarios que auxiliam a Revolução, querem peor. «*Judeus e traidores*,» é o titulo de um editorial da *Nacion* (12 de Junho), em que se escreve neste genero:—«Matte, Edwards, e Ross devem ser julgados com relação às leis, e suas feias e repugnantes pessoas enforcadas no meio

da rua para futuro e perpetuo escarmento dos traficantes do paz e da honra da Patria».

E' a guerra social prégada em linguagem propositalmente vulgar. A riqueza é considerada inimiga da nova democracia Balmacedista. No Congresso apresenta-se um projecto autorisando o Presidente a exigir dos cidadãos, que elle houvesse por bem designar, uma contribuição da guerra de 20 milhões de pesos. A 22 de Julho uma lei autorisará o Presidente a occupar as propriedades particulares, impondo as requisições, de animaes, meios de transporte, e provisões, que julgar necessarias para equipar e manter o exercito e a policia. O Chile todo estava assim á disposição do Governo, das autoridades subalternas de toda a ordem que quizessem, por inveja, ganancia, ou vindicta, attar-se á propriedade alheia. Com effeito, as ricas propriedades que faziam a admiração dos estrangeiros são entregues ao vandalismo. No estabelecimento dos Errázuriz põem fogo a grandes pilhas de carvão, e destroem as machinas que extrahiam a agua das minas, causando um prejuizo de 1.250,000 pesos. Ha ordem de tomar os melhores animaes aos partidarios da revolta, sem lhes dar recibo. Os cavallos das propriedades de Agostin Edwards, como La Peña, que tem uma reputação Sul-americana, são roubados, remettidos para Los Andes,

donde passam á Republica Argentina. O gado tirado aos adversarios da situação é vendido secretamente aos marchantes. A destruição era ás vezes systematica. Godoi dá ordem ao Governador de Casablanca que arrase completamente, *sem deixar pedra sobre pedra*, a propriedade *Las Pedras*. Na propriedade da senhora de Ortúzar põem fogo ás lanchas, a um molhe no valor de 100.000 pesos, e levam todo o gado que encontram. O mesmo em Bella Vista, propriedade de Juan Castellon. A tropa encarregada dessas depredações banquetêa-se com os animaes, os vinhos, os licores que encontra, e ás vezes, como no povoado de Pichilemu, não respeita as mulheres. As propriedades soffrem por todos os modos, os animaes trazidos de fóra consomem os pastos, destroem as sementeiras, deterioram as plantações.

Além disso o trabalho tem forçosamente que parar nas propriedades mal vistas. O Governo faz de continuo agarrar toda a gente que nellas se encontra. O Intendente Aldunate telegrapha assim a um Governador: «Mande esta noite em grande sigillo á propriedade (*fundo*) de Carlos Carvallo e Isidora Cousino e recrute toda a gente sem tregoa e remetta-a para aqui em trem especial. Não ha que ter contemplação com nenhum adversario. Recrute e recrute (*Enganche i enganche*).» E de outra

vez: « Não deixe *voluntarios* em propriedades de contrarios. Ha urgencia de levantar esta semana 500 homens. » Os *inquilinos* e os *peones* seguiam a sorte do *hacendado*, eram inimigos como elle.

No meio dessa situação violenta Balmaceda convoca, em Fevereiro, um Congresso Constituinte. Para a Dictadura a Constituição já não existia, era preciso aproveitar a ausencia da Nação e forjar outra. « *A Revolução de Janeiro tinha deitado por terra o mecanismo da Constituição,* » diz o Sr. Bañados. Então a Revolução estava triumphante? Tudo é posto em discussão pelos ministros de Balmaceda, tudo é revolvido até o fundo. Se elle era o representante da Constituição, nada mais natural do que deixar eleger o Congresso na fôrma da Constituição. Para o espirito agitado, desorientado do Gabinete, tudo, porém, entrava em duvida, a Constituição era um perfeito remoinho. « A Revolução armada trazia como consequencia logica a Revolução legal, » diz o Sr. Bañados. A revolução legal, isto é, do Governo, consequencia logica da Revolução armada, que elle tratava de supplantar! Estamos em Athenas, em uma escola de sophistas.

As eleições são uma pantomima mal ensaiada. « Aqui em Collipuli, telegrapha a um dos Governadores da provincia o Intendente Aldunate, não existe um só exemplar da lei de eleições nem da

Constituição. Parece-me que um que tenha basta e sobra para fazer as eleições. Não se perca em detalhes insignificantes que por emquanto não se podem sanar.» A eleição é feita á penna. «Sirva-se chamar F. e diga-lhe que faça a votação pondo Zañartu em lugar de Mendes.» (Telegramma de José Echeverria ao commandante Marchant). Ha varios telegrammas nesse sentido, mandando substituir nomes, até na impressão. «E' preciso em geral fazer votar a todos, para provar que a maioria do paiz e sua quasi totalidade é amante da ordem e do Governo constituido,» telegrapha Aldunate. As indicações para senadores e deputados vêm de Santiago. «Sirva-se, se entender conveniente, communicar-me o mais depressa os nomes dos candidatos,» pedia ao Ministro do Interior o Intendente de Concepcion. O Ministro responde, e elle transmitta a lista aos Governadores. Ao Governador de Traiguén communica: «Sr. Governador, o senador pela provincia é agora Don José Maria Balmaceda. Tenha isto presente *para as publicações*.» A Balmaceda telegrapha Aldunate: «Candidatos para o proximo Congresso foram recebidos com enthusiasmo. Nas eleições haverá absoluta unanimidade.» A unanimidade era natural; havia ordem de prender todos os opposicionistas. «E' possivel que se tenha prendido a Don Frederico, é um telegramma do mesmo

Aldunate, porque ordenei que prendessem todos os opposicionistas da provincia, e elle o é em Colipuli.» Ha numerosas ordens aos Governadores para fazer os Delegados eleitoraes do departamento cingirem-se ás instrucções do Intendente.

Bastava o estado de sitio em todo o paiz, estarem fugidos os homens conhecidos, disperso o pessoal militante da opposição, ser um crime combater a Dictadura, para o processo eleitoral se tornar impossivel. « Eleições feitas sob um regimen de oppressão arbitraria, não poderiam conferir os direitos que a Convenção do Armisticio reconhece aos deputados livremente eleitos.» Foram estes os termos do protesto de Bismarck mandado em 1871 a Gambetta, e Gambetta havia decretado apenas a inelegibilidade de algumas categorias. O que dizer da eleição de um Congresso Constituinte na situação em que se achava o Chile? Foram as eleições anteriores do Chile todas assim? Se foram, que direito, — digo direito, porque elle quer collocar a sua defesa em um terreno elevado, — tinha Balmaceda de derramar o sangue de um só Chileno para defender a autoridade que lhe tinha vindo, por acto tambem seu, de uma origem tão impura?

Dessas eleições, entretanto, é que sahio a Constituinte Dictatorial e a nomeação de Claudio Vicuña. A 20 de Abril Balmaceda abre o novo

Congresso, *com solemnidade poucas vezes vista*, diz o Sr. Bañados. Eis como o Ministro Allemao descreve ao seu governo essa solemnidade rara: « Por motivo desse acontecimento sahio o Chefe de Estado *pela primeira vez em quatro mezes* do palacio do Governo. As medidas tomadas para segurança do Sr. Balmaceda, e dos Ministros que o acompanhavam ao edificio do Congresso, offereciam um espectáculo proprio para envergonhar o paiz. O Primeiro Magistrado da Republica teve que atravessar as ruas da Capital litteralmente entre baionetas, afastada para os lados a população. »

A attitude de Balmaceda ia arrastal-o á mais terrivel das situações. Os fuzilamentos dos sargentos de Santiago, dos marinheiros da *Guale*, de Cumming e seus associados de Valparaiso, devem ter abalado a sua consciencia, mas eu acredito que lo Cañas a teria abatido mesmo sem a derrota de Placilla. « Para mim é questão gravissima, respondia Balmaceda a Annibal Zañartu que intercedia por Cumming, desautorisar as sentenças dos Tribunaes Militares e as resoluções definitivas do General em chefe. » « Cumming morreu, confessa o Sr. Bañados, com a energia que sómente uma convicção sincera sabe inspirar. « Assim morreram, diz-nos o Sr. Vial Solar, os marinheiros da *Guale*, os quaes « de pé sobre a banquetta, rasgam

8

com as mãos as camisas que os cobriam e atiram fóra os pedaços, dizendo que não queriam levar comsigo nada que viesse do Dictador.» Corajosamente, diz-nos a mesma autoridade, morreram os sargentos da conspiração de Santiago, «saudando galhardos e triumphantes os seus companheiros de prisão.» Lo Cañas, porém, é peor.

A victoria de Balmaceda dependia da concentração dos differentes corpos do exercito no menor numero de horas, e era preciso que as estradas de ferro e o telegrapho funcionassem com precisão; uma ponte destruida, um tunnel interceptado, pontes abatidas, podiam inutilisar-lhe o plano estrategico. O exercito Congressista estava para operar o desembarque e appellava para a dedicação dos seus partidarios em terra para que creassem todos os obstaculos possiveis á concentração eventual das forças de Balmaceda. Era preciso cortar as duas pontes do Maipo na noite de 19 a 20 de Agosto, e outras, se fosse possivel. Quarenta moços, quasi meninos, alguns das principaes familias de Santiago, acompanhados de uns vinte trabalhadores offereceram-se para esse commettimento. Essa gente foi surprehendida pelas tropas governistas na propriedade Lo Cañas, do Sr. C. Walker Martinez, e ahi passada pelas armas. Avalia-se a impressão causada em Santiago por essa desgraça que se repartia por tantas familias. Mesmo entre estrangeiros

a emoção é tal que o ministro da Allemanha interrompe suas relações pessoais com o Presidente.

A posição de Balmaceda nestes casos era cruel, collocado entre a Revolução e a autoridade militar a quem entregára sua causa, mas o que constitue a tyrannia é exactamente a obrigação em que o governante se colloca de defender a sua autoridade a todo custo. O que fez de Rosas um tyranno senão o numero dos inimigos que elle tinha forçosamente que destruir para não ser derribado por elles? Toda essa gente que se levantava contra Balmaceda, que fazia causa commum com a Revolução, que estava disposta a ajudal-a, expunha-se, está visto, a morrer; o numero desses, pôde-se dizer, não tinha conta; devia elle, porém, collocar-se na posição de exterminar todos os Chilenos que tivessem a coragem de repudiar a sua Dictadura? No emtanto foi esta a posição em que se collocou. A intransigencia, mesmo do poder legitimo, não pôde ser levada sem crime até o exterminio do paiz. Os chefes de Estado têm o direito de defender a sua autoridade legal,—não era o caso de Balmaceda, —mas esse direito não vai ao ponto de accumular por toda parte ruinas sobre ruinas, de arrasar a sociedade, de proscrever a opinião opposta, de privar a nação do direito de se inclinar para o lado contrario e dos meios de gritar pela paz.

VIII

A REVOLUÇÃO

O contraste é grande entre o que se passa na Moneda e o que tem logar em Iquique. Na Moneda a acção é triste, desalentada, acabrunhadora, trata-se de salvar o poder de um homem ; o Balmacedismo não conta um estímulo capaz de levantar o espirito ; algum enthusiasmo que possa causar encerra-se no estreito raio de uma classe ; a acção revolucionaria, pelo contrario, tem todo o character de uma electrificação nacional. E' certo que a Revolução não foi, a principio, um movimento popular ; nos primeiros mezes o povo mostrou-se indifferente. (Valentim Letelier). O Governo do Chile não era uma democracia, que tivesse associado as massas á vida politica do paiz, ellas conservavam-se fóra da organização, e o que sentiam pelas classes governantes era o respeito de quem sempre obedeceu. Quando se manifesta a guerra civil, o povo não imagina nenhuma oportunidade para si, não pensa em aproveitar-se da crise para tomar a sua parte, fica immovel diante desse rompimento, como ficará o Perú, ao qual não occorre nenhum modo

de utilizar a profunda dilaceração intestina do inimigo que o desmembrou.

Naturalmente a dissensão na olygarchia enfraquecia o exclusivismo do seu dominio, e abria espaço a novas aspirações; a antiga «sociedade» rompera com Balmaceda, de modo que o partido do governo tinha forçosamente que se formar com elementos desconhecidos, anonymos, democraticos, a começar pela forte argamassa que o segurava, o exercito, tirado todo do povo. As circumstancias faziam assim do Balmacedismo o nucleo de uma nova fundação politica, e se de facto a olygarchia pesava sobre o paiz, as massas deviam inclinar no conflicto para o lado do Governo. Pela força das cousas, a innovação social seria Balmaceda.

O poderio politico do antigo Chile tinha, porém, ainda raizes fundas, mesmo populares. O povo não estava minado pela inveja, estava longe da theoria, não conhecia o resentimento que torna sympathicas as idéas de cunho socialista. A aristocracia Chilena, que é real e que existe em virtude principalmente de grandes fortunas territoriaes, tem alguma cousa do espirito nacional da aristocracia Inglesa; mantem-se em contacto, em communhão de interesse, com as camadas populares, e procura de cada vez mais apoiar-se n'ellas. Os processos da Dictadura torna-

vam-se odiosos ao povo, n'esse estado de espirito. Em França, durante a Revolução, os camponezes applaudiam a venda dos antigos castellos á burguezia enriquecida; no Chile, os *inquilinos* não estão no ponto da cobiça ou do rancor. Havia tambem pela Revolução a influencia do clero, incluído pela imprensa Balmacedista no numero dos inimigos a combater. Essa guerra indistincta á propriedade, á Igreja, ás posições, encontra grande resistencia nas massas; não ha sympathia por nenhuma fôrma de confisco ou de apropriação; o povo é desinteressado, o seu pouco desenvolvimento intellectual não permite que se enxerte nelle a cultura revolucionaria de 93. Do lado de Balmaceda ha uma enorme e constante distribuição de dinheiro, tudo se faz por esse meio, que presume o mercenarismo em todos, mas a guerra civil e as emissões trazem a carestia; por outro lado, o recrutamento funciona como uma perseguição incessante, uma caçada humana, não poupando ninguém.

Era possivel que de tudo isso sahisse depois a democracia, mas o processo era tão duro e intoleravel que o povo instinctivamente preferia o caminho mais longo. D'ahi, pouco e pouco, a impopularidade real, positiva, da Dictadura e a popularidade da Revolução. O pessoal da Dictadura era aos olhos

de todos inferior ao que se separou d'ella ; o povo sentia essa differença, differença não só de posição social e de cultura, differença moral tambem, de patriotismo, de character, de abnegação. Depois a historia, as tradições, a ambição nacional, tudo que fazia o orgulho Chileno, o povo indistinctamente o percebia, estava com a Revolução. O encontro mesmo de tantos homens de politica contraria em um só exercito, o sacrificio que faziam de tudo, a sua vida de emigrados, de proscriptos, de condemnados, o abandono de suas grandes fortunas e vastas propriedades, o perigo que deixavam suas familias correr como refens, a formação popular, quasi voluntaria, desse exercito de Iquique, cujos soldados são mineiros, cuja officialidade era a primeira sociedade de Santiago, tudo isto no sentir do povo, eram outras tantas provas da superioridade da Revolução. Desse modo a aristocracia e as massas acabaram coincidindo no mesmo pensamento. As grandes paginas da historia de um paiz são quasi todas escriptas assim, e somente essa coincidencia explica a victoria da Revolução. Se Balmaceda tivesse por si o interesse, o sentimento, a intuição popular, a sua causa teria vencido, ou pelo menos elle teria podido sustentar-se. A sua derrota é a melhor prova de que o Chile não se dividio.

Vejam os, em um só quadro, a marcha dessa Revolução restauradora. Logo que Balmaceda assume a dictadura, a 1.º de Janeiro de 1891, o partido Congressista decide-se pela revolução. Foi na casa do senador Irarrázaval, o eminente pensador politico que serve de oraculo ao partido Conservador, que se assignou a acta preliminar da deposição de Balmaceda. « O honrado Sr. Irarrázaval recebia no salão principal de sua esplendida bibliotheca os seus collegas, introduzidos secretamente nessa peça da casa, e ahi, tirando a acta de dentro de um dos livros da estante, apresentava-a a cada um dos signatarios, á medida que iam chegando, para que a subscrevesse em dous exemplares, destinado um ao exercito de terra e o outro a ser remettido para Valparaiso e dado a conhecer aos chefes e tripolação da Esquadra.» (Vial Solar, *La Revolucion Chilena*, p. 144) Essa acta, notavel pelas assignaturas, é uma especie de *Libro d' Oro Chileno*. N'ella o Congresso designa a Jorge Montt para *restabelecer o imperio da Constituição*.

Havia um homem que podia pôr-se á frente do exercito como Montt se collocou á frente da esquadra; era o general Baquedano. Baquedano, porém, não tinha, como os generaes os mais valentes muitas vezes não têm, a coragem da aventura politica. Não ha nada que paralyse tanto a acção

individual como a gloria. Eu calculo que foram as victorias do Perú que impediram Baquedano de se apresentar ás tropas. Esses homens de algum modo consagrados pela nação, consideram-se como reliquias do patriotismo, sobre as quaes é um sacrilegio atirar, e respeitam supersticiosamente em si mesmos a veneração que infundem. Os que têm ainda um nome a crear, que nunca se sentiram pessoas collectivas, os que não têm associações historicas com o paiz, são os que podem tudo ousar. E' certo que o impulso revolucionario apparece ás vezes em temperamentos militares, mas a combinação é rara; a affinidade entre o heroismo e a obediencia é característica do soldado, e essa repelle a iniciativa dos *pronunciamentos*, qualquer que seja a causa nacional. Se Baquedano estivesse á frente do exercito, teria reconhecido a auto-ridade do Congresso; isso estava no seu caracter, era o seu dever intuitivo, evidente. Forçar, porém, as portas de um quartel, apresentar-se ás tropas em seu nome proprio, conspirar a abrigo do seu passado, estava fóra de sua esphera, destruía a sua gloriosa mumificação, a unanimidade em que vivia envolto, e exigia outra especie de organização. Quando elle tivesse a coragem propria do sublevador, o receio de degenerar de vencedor do Perú em um caudilho Sul-americano, bastaria

para o paralyzar. O horror á caudilhagem é tão forte no Chile que em Iquique mesmo haverá quem receie a nomeação de Jorge Montt para o primeiro posto da Junta. A posição de Baquedano no exercito era entretanto tal que Balmaceda respeitará até o fim a sua neutralidade declarada.

Para Jorge Montt a tarefa era mais simples, além de mais facil. Havia uniformidade de sentimento na armada, o espirito constitucional que a animava era notorio, e, quanto aos perigos da sublevação, os navios defendiam-se por si mesmos, não era o mesmo que nos quartéis. Demais Montt, que tinha tradições de familia, revoltando-se, de facto obedecia. Elle foi o que se póde chamar um revolucionario por modestia. Desde 21 de Dezembro elle respondera ao commissario da opposição em Valparaiso, Enrique Valdés Vergara, tão desastradamente morto no *Blanco*, que, se Balmaceda pensava governar depois de 1.º de Janeiro sem as leis de orçamento e de forças, havia que lhe resistir pelas armas. O que prevalece em Montt é o seu desinteresse pessoal, unido á imposição da consciencia. Elle acceita o papel que lhe conferem os poderes legitimos do Estado. Como elle, pensa a Marinha. Os chefes da Esquadra só impõem uma condição: que os presidentes das duas Camaras tomem a responsabilidade do movimento, embarcando no navio-almirante. Assim se fez.

Na manhã de 7 de Janeiro, na camara principal do *Blanco Encalada*, reúnem-se, em Quinteros, os commandantes dos navios, Luiz Gofí, do *Blanco*, Valenzuela Day, do *Cochrane*, P. Martinez, da *Esmeralda*, Hurtado, da *Magallanes*, Gacitua, da *O'Higgins*; lê-se a nota dos presidentes do Congresso, ordenando a organização de uma Divisão Naval, «para fazer comprehender ao Presidente da Republica que a Armada obedece à Constituição e que portanto é indispensavel que se decrete a lei annua que autorisa a sua existencia.» Depois, a narração é tomada pelo Sr. Bañados dos documentos officiaes, deu-se a conhecer a nota a todos os tripolantes dos diversos navios, reunidos á mesma hora na tolda de cada um delles; em seguida, içaram-se no navio-almirante as insignias de Presidente da Republica e as do Chefe da esquadra, e postos em linha o *Blanco Encalada*, o *Cochrane*, a *Esmeralda*, a *O'Higgins* e a *Magallanes* dirigiram-se a Valparaiso e desfilaram pelo centro da bahia com o maior apparatus exterior.

Não é propriamente uma revolução, é antes uma *Grand Remonstrance*, como a 1641 na Inglaterra; é um movimento organizado com a calma, a ordem, o sangue frio, a attenção aos menores detalhes, a unidade de vistas, o concurso de todos, a gradação hierarchica, como uma grande delibe-

ração nacional. A Armada, desde o primeiro momento, não apparece só, isolada, agindo por si; apparece cercada do que ha mais prestigioso, mais consideravel no paiz; desde logo, ha a bordo a Delegação do Congresso, os homens que pelo seu character representativo ou pessoal se impoem á sociedade, os procuradores naturaes dos seus maiores interesses. Para quem conhece o espirito Chileno, pratico, solido, positivo, calculador, alheio a chimeras, incapaz de esmorecimentos, que são retractações, a demonstração naval de Valparaiso encerra por si só o prenuncio da victoria.

A esquadra sublevada divide-se logo: o *Blanco* e o *Huascar*, que é tomado a 7, ficam em Valparaiso, a *Esmeralda* é despachada para Talcahuano, o *Cochrane* segue para Iquique, a *O'Higgins* e o *Amazonas* operam sobre Coquimbo, tomada e logo perdida. O plano é percorrer a costa do Chile, vêr onde a Revolução pôde encontrar elementos, surprender as forças isoladas, recolher armas, destruir meios de acção do Governo. Essas explorações dão pouco resultado. Ao romper a Revolução, os fortes de Valparaiso não estavam quasi em estado de repellir os navios, e as pequenas embarcações da esquadra, que atiravam sobre as forças de terra para facilitar o embarque dos seus, não eram seriamente afastadas. Ás trincheiras provi-

sorias
canhões
amarras
ao est
jecteis
canhões
manda
Waldo
em p
navios
as luz
quadra
exemp
hão d
import
onde s
pingar
o Gov
rapido
da Re
provin
do res
jazia a
estava
cisava
na sua
sahir

sorias succedeu, porém, logo a montagem de grandes canhões, e ao amanhecer de 16 de Janeiro o *Blanco*, amarrado tranquillamente às suas boias, acordava ao estampido do canhoneio dos fortes. Dous projecteis penetram-lhe a couraça. Um delles, de um canhão Krupp, destróe em parte a camara do Comandante onde dormia o Vice-presidente do Senado, Waldo Silva, que todavia não é ferido.. O *Blanco* em poucos momentos abrigou-se por trás dos navios mercantes, e nessa noite sahiu da bahia com as luzes apagadas. Em um ponto ou outro, a Esquadra consegue alguma vantagem, em Taltal, por exemplo, toma mais de quinhentos homens que hão de apparecer na batalha de Concón. A mais importante preza foi feita nas aguas de Valparaiso, onde se encontram a bordo de um vapor 4.500 espingardas Mannlicher, que acabavam de chegar para o Governo, e se aprisiona o vapor *Aconcagua*, navio rapido, da Companhia Sul-americana. O objectivo da Revolução, porém, era o extremo Norte, as provincias que o Chile tomou ao Perú, separadas do resto do paiz por desertos intransitaveis. Ahi jazia a principal riqueza do Chile, as salitreiras; estavam lá os recursos de que a Revolução precisava para se manter, além da população mineira, na sua quasi totalidade Chilenos, da qual devia sahir o nucleo do novo exercito. A primeira cam-

panha dos revolucionarios tinha que ser a conquista de Tarapacá.

Teve muitos incidentes essa campanha do Norte, preparatoria da de Valparaiso. Balmaceda comprehendeu desde o principio a importancia capital de defender esse ponto vulneravel. Desde a partida do *Cochrane* para Iquique, elle pensa nos meios de impedir a occupação da provincia. Se for occupada, para que a Revolução não possa tirar recurso da venda do salitre, Godoi chega a dar ordem que se destruam os estabelecimentos salitreiros, quasi todos de companhias Inglezas. A Inglaterra reclama; ha dez milhões esterlinos de propriedade Ingleza nesses estabelecimentos. «E' de temer, diz o Sr. Gutschmid, dada a energia que não recua diante de nada do ministro Godoi, o qual é a alma do Ministerio e exerce uma influencia irresistivel, que chegado o caso, as cousas passem de meras ameaças.» A ameaça porém não se realiza; tampouco, a prohibição decretada de tocarem os navios mercantes estrangeiros nos portos do Norte occupados pelos revoltosos, mesmo nos do Perú e Equador.

As remessas de gente para o Norte são constantes. Balmaceda servindo-se do *Imperial*, um paquete veloz da Companhia Sul-americana, consegue fazer partir diversas expedições, ao passo

que por terra manda também reforços. Todas essas tentativas arriscadas foram perdidas, serviram sómente para dar armas e triumphos á Revolução, que poz o pé no territorio ambicionado com muito pouca gente. Balmaceda entre outros mandára para o Norte o general Robles, soldado da maior bravura. A 16 de Fevereiro Iquique é tomada; a 17, porém, os revolucionarios atacam, em numero de 1.200, as forças de Robles em Huara e são batidos. A retirada converte-se em uma terrivel fuga. Os destroços do pequeno exercito refugiam-se em Pisagua. «*A revolução quasi fenece no berço*» (*La Revolution Chilena*), com esse panico, para o qual de certo concorreu a sensação do Deserto. Alguns revolucionarios, como o commandante Aguirre, desapareceram na confusão, e no exercito revoltoso dizia-se que Robles os mandára fuzilar e enterrar nús, de modo a não poderem ser reconhecidos mais tarde, em covas abertas á vista delles. Não conheço nenhuma prova contra Robles, d'essa imputação que lhe devia custar a vida.

Depois da derrota os revolucionarios concentram-se em Iquique, e Robles traz o seu quartel general para Pozo Almonte, pedindo reforços a Balmaceda. Antes que o coronel Camus, que tem ordem de seguir a marchas forçadas de Antofagasta para Tarapacá, chegue ao seu destino, ao ama-

nhecer de 7 de Março, a artilharia revolucionaria rompe o fogo. E' o combate de Pozo Almonte, que termina pela derrota completa das forças governistas. Nessa batalha, Robles, depois de ferido, é morto no leito para onde o transportaram, e o seu corpo é despedaçado, como que para mostrar que lhe queriam dar muitas mortes. Essa horrivel crueldade era a reacção, igualmente inconsciente, do panico de Huara, a explosão do instincto de vingança, ingovernavel em tropas irregulares.

Essa primeira victoria deu immenso alento aos revolucionarios. Dos restos do exercito de Robles, a divisão Arrate interna-se no Perú; a divisão Camus, que vinha em soccorro de Robles, retira-se sem combater para a Bolivia onde é desarmada, voltando a Santiago pela Republica Argentina.

Essa marcha de Antofagasta a Santiago é um facto singular na historia militar, e faz a maior honra ao commandante que atravessa, a pé, pelo sol e pela neve, com a sua tropa, trezentas leguas de Deserto e de Cordilheira, os relevos os mais abruptos de um grande mappa montanhoso e esteril, internando-se em dous paizes estrangeiros, a Bolivia e a Republica Argentina, percorrendo-os com os seus soldados desarmados, mas sempre debaixo da maior disciplina, para afinal chegar a Santiago com toda a

sua gente quasi, depois um percurso total, comprehendido o das estradas de ferro, de cerca de mil leguas.

Os revolucionarios ficavam senhores de todo o norte Peruano e Boliviano do Chile, e a 23 de Março a Delegação do Congresso telegraphava ás potencias estrangeiras nestes termos, pedindo que se prohibisse a venda de armas «ao *Dictador* Balmaceda.» «Exercemos dominio completo sobre os departamentos de Pisagua, Tarapacá, Tocopilla, Taltal, Chañaral e Antofagasta, e bloqueamos os portos. O exercito constitucional occupa a costa em uma extensão de 480 milhas, com uma superficie de 65.000.» Os Congressistas, entretanto, não se illudem quanto á situação. A sua defesa é a Esquadra. O territorio que elles occupam não chega a ter duzentos mil habitantes, o Chile tem tres milhões. Se a Revolução pôde levantar, havendo armas, uns quinze mil homens, Balmaceda pôde levantar duzentos mil; se ella tem o rendimento mensal de um a dous milhões de pesos, além das contribuições generosas dos seus partidarios, Balmaceda tem o credito, a riqueza, o papel-moeda do Chile, pôde ter o confisco. Não era impossivel com tempo a Balmaceda obter transportes rapidos e desembarcar um forte exercito em Tarapacá. Esses navios, elle tratava de os adquirir, e por ultimo con-

9

seguira comprar o *Aquila* em Montevidéo, emquanto que, o *Mapocho* e o *Laja*, só por esforços de diplomacia o governo Peruano, desejoso de não ter contra si a Revolução, os conseguia deter. O que a Revolução portanto tinha a fazer, era no mais breve prazo levar o ataque ás posições de Balmaceda, servir-se da esquadra para multiplicar as suas forças desembarcando-as ora em um, ora em outro ponto, se um golpe unico fosse impossivel; antes de tudo, porém, era preciso organizar um Governo Provisorio, se queriam ter as vantagens de belligerante.

E' isso que se faz a 12 de Abril em Iquique, a Meca da Revolução Chilena, para onde vão afluír os emigrados, os que podem escapar do Chile, os que se sentem com forças para combater, os que querem ter em sua vida essa recordação patriótica. Nas ruas e praças da pequena cidade encontram-se os velhos parlamentares e os jovens da Alameda, como se Santiago se tivesse mudado para Tarapacá. Nesse tempo ainda não era grande a affluencia de politicos e de voluntarios, a Revolução sondava o seu ancoradouro, mas mesmo nessa reunião de 12 de Abril figuram muitos homens publicos eminentes. O novo Governo é uma Junta de tres, tendo á frente Jorge Montt, como chefe do Poder Executivo; os outros dous membros são Waldo Silva, vice-presidente do Senado e Barros Luco, presidente da Ca-

mara. A Junta compõe o seu ministerio : é M. J. Irrarrázaval, é Isidoro Errázuriz, é Joaquin Walker Martinez, é o coronel Adolpho Holley, todos homens de valor e reputação nacional. A Junta trata logo de nomear Agentes no estrangeiro ; a sorte da revolução depende delles, e são elles com effeito que a salvam. No Perú, Vial Solar consegue de dia em dia impedir a partida do *Mapocho*, anciosamente esperado por Balmaceda, e o embarque da divisão Arrate : o governo Peruano conserva-se neutro por paralsia. Gonzalo Matte obtem o reconhecimento pela Bolivia, unico paiz que dá esse passo, tão grande é o receio de todo o mundo de offender o Chile. Em França e na Inglaterra, Augusto Matte e Agostinho Ross prestam serviços incomparaveis, conseguem um importante embargo judicial de 40 dias sobre o *Errázuriz* e o *Pinto*, e enviam (algumas remessas chegaram depois de acabada a campanha) importantes carregamentos de armas, as armas que os revoltosos esperavam no Deserto para abrirem uma entrada no Chile. Nos Estados Unidos houve verdadeira luta de influencia e actividade commercial entre a casa Grace & C., auxiliar da Revolução e Charles Flint, consul Chileno em New-York, decidido sustentador de Balmaceda. Por esse lado a Revolução só consegue liquidar perdas, como a

demora forçada do *Esmeralda* em Acapulco, e a entrega ao commandante Norte-Americano, no porto mesmo de Iquique, do *Itata*, com todo o carregamento que trazia.

«Os mezes de Abril, Maio e Junho, diz o Sr. Bañados, foram para os directores da Revolução lugubres como os dias de oratorio que precedem o patibulo... Este periodo foi para os Revolucionarios a Noite Triste... Se tivesse existido uma linha ferrea entre Tarapacá e o centro da República, ou não teria havido Revolução ou teria sido suffocada ao nascer, como se fazia em Sparta com as crianças mal formadas.» Teria sido assim? De Abril a Julho a situação era com effeito arriscada, mas não ha a menor prova de que o animo revolucionario não se sustentasse todo o tempo.

O afundamento do *Blanco* a 23 de Abril foi um grande desastre compensado pela confiança illusoria que produziu entre os Balmacedistas. O encouraçado estava de fogos apagados, amarrado a uma boia, nas aguas calmas da bahia de Caldera. A esquadilha governista, composta do vapor *Imperial*, da *Lynch* e da *Condell*, tinha sahido dous dias antes de Quinteros, ao saber Balmaceda que a Esquadra vinha occupar Caldera. A's 4 da manhã entram as torpedeiras na bahia, com a lua quasi cheia, dirigindo-se sobre o vulto que destacam

desde a entrada. A *Condell*, a uma distancia de 100 metros, dispara tres torpedos Whitehead que se perdem, o *Blanco* rompe fogo com os canhões de tiro rapido e as metralhadoras ; não obstante, a *Lynch*, commandada por Fuentes, aproxima-se delle com uma temeridade heroica e lança o seu primeiro torpedo, que passa roçando o alvo, e depois um segundo, a 30 metros, que o alcança em cheio. Em 5 minutos o encouraçado voltava-se sobre o lado ferido, e afundava silenciosamente. No naufragio do *Blanco* pereceu a tripolação, salvando-se só algumas pessoas, entre as quaes o commandante Goñi e o Presidente da Camara, Barros Luco. Os dous Presidentes do Congresso tinham assim escapado do modo o mais extraordinario, um depois do outro, dos desastres do navio-almirante. Dir-se-hia um presagio auspicioso para a causa Congressista. A perda do *Blanco* deve ser tomada como um desses avisos, essenciaes para a victoria dos que confiam demasiado em si. A Esquadra podia ter perdido tudo, despresando os meios de ataque de Balmaceda contra ella. Entre as causas a que o Sr. Bañados attribue as derrotas do seu partido, cita elle por vezes o desprezo que o exercito regular tinha pelas tropas da Revolução. A precaução faltou no acto final a Balmaceda, talvez por não ter tido, como a Revolução, uma catastrophe, como a do *Blanco*, para o advertir a tempo.

A grande questão era o armamento, este não podia demorar ; Ross e Matte tinham todos os recursos para o comprar e remetter, emquanto, porém, não chegava, a Revolução sentia-se sem defesa, exposta a uma surpresa, além de que era impossivel começar a formação do exercito. A 3 de Julho, chega o *Maipo* a Iquique, trazendo o armamento anciosamente esperado. Esse facto equivalia a uma grande victoria. O primeiro carregamento constava de 5.000 espingardas Gras, como as do exercito governista, com dous milhões de cartuchos ; vinham, porém, mais quasi dous milhões de cartuchos Mannlicher para as 4.000 armas apreçadas pela revolução em Valparaiso, a 8 de Janeiro. Vinham tambem seis canhões Krupp. Esse armamento com o que fôra tomado em Tarapacá dava para levantar um exercito de 12.000 homens. A Revolução entrava em uma nova phase.

Tambem ao acampamento revolucionario estavam agora continuamente chegando de Santiago e Valparaiso amigos e partidarios, que vinham tomar logar nas fileiras. A aquisição mais importante de todas fôra, em Maio, a do tenente-coronel Körner, o Moltke dessa campanha. Será elle o disciplinador, o organisador do exercito que o coronel Canto ha de levar á victoria ; é elle quem planeja o embarque, o desembarque, as operações

todas que se vão effectuar, com a certeza que dá a esses movimentos a precisão Prussiana de jogadas de xadrez. Com a chegada proxima do *Errázuriz* e do *Pinto*, do *Aquila* e do *Mapoche*, o Governo ia disputar o mar á esquadra Congressista, e, ganhando elle a partida, que recursos teria nas provincias do Norte o exercito revolucionario? Custasse o que custasse, era no Chile mesmo, levantando o paiz, que se devia ferir o grande combate. A anciedade por um ataque em força ás posições de Balmaceda crescia entre os revolucionarios, de toda parte se implorava aos chefes que não perdessem tempo, porque o tempo era o alliado principal do Dictador. Não tinha havido demora ainda, mas agora cumpria que se economisassem os dias. Por isso era crença geral, que apenas chegadas as armas, o exercito estaria de pé, prompto a entrar em acção. Em Junho o Barão de Gutschmid communica ao seu Governo ter ouvido de um membro influente da Junta Executiva ser certo o ataque, em Agosto, por Valparaiso ou Coquimbo, e em Agosto o ataque se effectuará. A Junta revolucionaria tanta confiança sente que annuncia os planos com antecedencia aos seus partidarios de Santiago e Valparaiso.

Em Agosto o exercito tinha já descido do extremo Norte e estava concentrado em Vallenar,

prompto para a expedição esperada. Com effeito, a 14, 15 e 16, embarcam as tropas em Caldera e Huasco. A esquadra é composta de uma vanguarda e de duas divisões, ao todo 16 navios. A bordo do *Cochrane* estão os representantes da Junta, o commandante em chefe, coronel Canto, o chefe do estado-maior, Körner. Tudo se faz na mais perfeita ordem, todos os detalhes são previstos, tudo é obra de calculo, sciencia, estudo; em tudo se reconhece a acção de um espirito systematico e creador, que pretende tirar a unidade do seu plano estrategico, não de um exercito militarmente preparado como o Prussiano, mas do assentimento, da sofreguidão mesmo, de um corpo improvisado de voluntarios, que obedecem para vencer.

Parecia uma loucura a expedição. « O embarque de um corpo de 10.000 homens, escrevia o almirante Allemão a 9 de Agosto ao Barão de Gutschmid, com os cavallos, a artilharia e respectiva viatura e uma expedição á costa de mar ao Sul, tendo Valparaiso pelo flanco, parece-me uma empreza tão ardua e tão arriscada que não a considero provavel. » « Emprehender o ataque, escrevia o mesmo almirante a 20 de Agosto, contra o proprio centro de todas as fontes de recursos do Governo, significa aventurar o todo em uma só parada. » O Sr. Bañados diz que para tentar esse golpe temerario a Revo-

lução contou ao certo com dous factores: o primeiro, a traição entre a tropa de Balmaceda; o segundo, a interrupção dos caminhos de ferro, da qual dependia a concentração governista. Traição, não se viu; interrupção, não houve; no entanto deu-se a victoria.

E' que o plano tinha outra base, outra inspiração, outra certeza: — a confiança dos chefes, primeiro em si, depois no exercito que tinham creado, acima de tudo, no effeito moral da sua causa. Balmaceda dispunha para se defender desses 9.000 homens, que ousavam vir ataca-la nas suas proprias posições, de cerca de 32.000 soldados. Esses 32.000 homens de tropa formavam quatro Divisões: a de Coquimbo, ao Norte, mais afastada, de 9.000 homens; a de Santiago, de 6.000; a de Valparaiso, de 7.000, e a de Concepcion, de 10.000. Se o desembarque tivesse logar em Coquimbo, as forças revolucionarias batiam-se contra a Divisão Coquimbo isoladamente, porque esta não podia ser auxiliada em menos de dez dias. Seriam forças iguaes. Esse plano foi, porem, abandonado; o golpe tinha que ser dado no centro mesmo. Desembarcando as tropas em Valparaiso ou para o Sul, as tres Divisões, fortes de 23.000 homens, tinham ordem de se concentrarem immediatamente no ponto ameaçado, o que podiam fazer em horas:

á de Santiago bastavam dez horas para se reunir á de Valparaiso, e a de Concepcion em 24 horas podia estar em Valparaiso e em 30 em Santiago. Senhor dos telegraphos e dos caminhos de ferro, no maximo em 48 horas depois de iniciado o desembarque, Balmaceda podia oppôr aos nove mil mineiros de Tarapacá não menos de 20.000 homens de tropa solida, aguerrida, pôde-se dizer, porque o nucleo de toda ella era formado dos veteranos, dos *invenciveis*, do Perú. No terreno em que podia ter logar o desembarque faziam-se manobras para familiarizar a tropa com as operações que teria de executar alli mesmo. Para a Divisão de Concepcion partira o principal ministro, Bañados, para a de Coquimbo o ministro do Exterior, Aldunate, como desdobramentos de Balmaceda mesmo. Nenhum desses preparativos de resistencia perturbou a serenidade do estado-maior revolucionario. Não ha, ao que parece, na sciencia do instincto animal nenhum segredo mais maravilhoso do que a certeza dos golpes com que o sphex paralyza a presa que dá a devorar viva ás suas larvas. Quando a victima é um verme, são nove golpes de aguilhão nos nove centros nervosos do corpo, nem um de mais, nem um de menos, diz o observador. Quando é a aranha, é uma só picada no grande ganglio em que se acha reunida a maior parte da substancia

nervos
Congre
faz ler
a aran
que es
A
afortun
Sul, e
a 50 m
a noti
Pariz,
da Re
em Va
valle d
com o
48 hor
da cid
resulta
de ma
sõment
dos la
ousadia
da prin
dessa c
a Revo
sentian
fundo

nervosa. (Alf. Fouillié.) O golpe do estado-maior Congressista sobre o poderio militar de Balmaceda faz lembrar a precisão instictiva do sphex ferindo a aranha; é um golpe só no grande ganglio em que está reunida toda a sua força.

A 16, 17, 18 e 19 de Agosto, por um mar afortunadamente calmo, a esquadra navega para o Sul, e a 19 á tarde reúne-se á altura de Quinteros, a 50 milhas da costa. Por todo o mundo circula a noticia da expedição; em Buenos-Ayres, em Pariz, em Londres, a impaciencia dos amigos da Revolução é a mesma. A 18 a *Esmeralda* entra em Valparaíso e dispara tres tiros em direcção ao valle do Aconcagua. Era o signal, convencionado com os revolucionarios de terra, de que dentro de 48 horas teria logar o desembarque nas visinhanças da cidade. O Chile todo está de pé, á espera do resultado, com o coração contrahido. Foi a hora de maior anciedade da sua vida. O que se sabe é sómente que o choque será terrivel, que nenhum dos lados dará quartel ao outro. Na Moneda a ousadia do commettimento impressiona, mas apesar da primeira duvida, inevitavel diante de um ataque dessa ordem, Balmaceda mostra-se certo de esmagar a Revolução. Os seus generaes, diz-nos o Sr. Bañados, sentiam pelas levas de Iquique e Antofagasta *«profundo desprezo e tinham absoluta confiança no velho*

exercito.» « A operação de desembarcar um exercito e proceder a um ataque immediato, telegrapha o general Alcérrica a Balmaceda, é cousa que os inimigos não farão, não têm qualidade para isso.» Nem Barbosa nem Alcérrica tinham idéa da *qualidade* do exercito improvisado que devia destruir as suas divisões em Concón e Placilla. « A organização administrativa foi irreprehensivel na guerra; faltaram-nos os generaes », dirá Balmaceda em uma das cartas que deixou. Teriam faltado os generaes? No logar desses que se fizeram matar pelo seu critico, infeliz tambem como elles, teriam tido melhor fortuna Canto e Körner? Na propria obra de Moltke, pôde-se acaso isolar o genio do general do espirito do exercito? Quanto a mim, na lucta que vai agora concluir, entre 20 e 28 de Agosto, nas batalhas em redor do Valparaíso, o que dá a victoria á Revolução, é a inspiração donde esse immenso esforço procede; o que causa a derrota da Dictadura, é o fatalismo sem fé com que as suas forças combatem; o que explica tudo, é que a estrella do Chile está em plena ascensão.

IX

A VICTORIA NACIONAL

Balmaceda acompanha, ha dias, o movimento da Esquadra; a principio (15) suppõe que é um ataque a Coquimbo, depois pensa em Concepcion; o que lhe parece menos possivel é que os revolucionarios tragam o seu pequeno exercito para o centro do poder militar da Republica. A 20, porém, não resta mais duvida. O telegrapho annuncia de Quinteros, pela manhã, 17 navios á vista, calculando as forças em 8.000 homens, com cavallaria e artilharia.

O desembarque não é impedido; não ha em Quinteros as grandes tropas do Governo que o almirante Viel, Intendente de Valparaiso, annunciára ao almirante americano Brown. O exercito de Balmaceda occupava fortes posições, coberto pela frente pelo rio Aconcagua. As forças revolucionarias desembarcaram na melhor ordem. «A operação, diz o [Barão de Gutschmid, que falla com as informações do Almirante Allemão, foi bem preparada sob todos os aspectos.» A' medida que desembarcavam, as tropas, que tinham

recebido de vespera munições e viveres para dous dias, iam marchando sobre Concón. Sabia-se entre os revolucionarios, por ter funcionado até o ultimo momento a estação telegraphica de Quinteros, que o Governo estava informado de tudo e que as Divisões de Valparaiso e de Santiago tinham tido tempo de reunir-se. De facto, ás 8 1/2 horas da manhã de 20 os chefes de todas as Divisões conheciam a situação. O exercito revolucionario tinha que se apressar, se não queria combater tambem com a Divisão de Concepcion, que não podia tardar.

Na manhã de 21 os exercitos achavam-se frente a frente, nas alturas que dominam o Aconcagua. Do lado de Balmaceda o commando estava dividido; commandava o general Orozimbo Barbosa a Divisão de Santiago, e o general Alcérria a de Valparaiso. Segundo o Sr. Bañados, não se reuniram dessas duas Divisões na manhã de 21 senão 6.327 homens; segundo o coronel Canto, o exercito inimigo excedia de 11.000 homens, Körner o calcula em 8.000 no minimum. A artilharia governista era de 18 canhões e 4 metralhadoras; a contraria de 32 canhões e 6 metralhadoras, nem toda porém entrou na acção. A superioridade de armamento da infantaria revoltosa era grande, estando armada uma metade de espingardas Mann-

licher, com o alcance de 3.000 metros, ao passo que as tropas Balmacedistas tinham Comblains e Grass, de 1.200 a 1.800 metros de alcance. O Sr. Bañados basea principalmente a derrota das tropas Balmacedistas na inferioridade de numero e de armamento, mas essa inferioridade era compensada pela vantagem das posições, pela defesa do Aconcagua, e pela fadiga das tropas revolucionarias, que, além disso, estão em terreno inteiramente desconhecido para ellas. «Se eu tivesse que dar uma batalha no dia seguinte, do que tratava antes de tudo era de fazer a minha tropa dormir uma boa noite», disse uma vez no Reichstag o Conde Caprivi. As forças Congressistas, em vez de dormir, tinham feito na noite do desembarque uma marcha forçada.

A preocupação de Balmaceda é demorar o combate até a concentração do seu exercito ficar terminada. A 20, ás 9 horas da manhã, Bañados, que estava em Concepcion, recebe este telegramma: «*Sr. Ministro Bañados. Em marcha e immediatamente com toda a sua Divisão. Quando chegue a Chillan, avise. Balmaceda*». No dia seguinte, ás 11 1/2, Bañados está na Moneda e Balmaceda manda-o immediatamente para o theatro das operações como Ministro da Guerra em campanha, dando-lhe instrucções que o Sr. Bañados photo-

grava no seu livro. Essas instrucções são que a linha do Aconcagua é muito extensa e muito distante da estrada de ferro, com 3 ou 4 passos; que é preciso tomar como linha definitiva a de Viña del Mar, fóra dos fogos da esquadra, proxima a estrada de ferro, facil para a cavallaria, e dar ahi a batalha *no dia seguinte* 22— depois de chegados os reforços do Sul. Ao coronel Pinto elle telegrapha: «*Amanhã chegarão ahi reforços poderosos, convém demorar a batalha*». Quando isto era telegraphado, a batalha de Concón já estava empenhada. As instrucções a Bañados tinham este fecho: — «*Pelear a muerte, porque no ha mas dilema que vencer o morir*». Tudo isso revela sobresalto, presentimento de que não ha mais tempo, de que tudo está comprometido.

A batalha de Concón durou todo o dia de 21. As forças revolucionarias estavam fatigadissimas com os 25 kilometros de marcha forçada da vespera; para chegar ao inimigo tinham que atravessar o Aconcagua, com agua ás vezes pela cintura e debaixo de fogo, e depois escalar as posições fortemente defendidas. Parar, porém, na outra margem, sem rancho, porque os viveres ficaram a bordo, em Quinteros, além de tempo dado ao inimigo para reunir maior força, era perigoso para o moral da tropa que os chefes ainda não conhe-

ciam. «A passagem do rio Aconcagua, diz o Sr. Bañados, era uma enormidade.» Era preciso, porém, a todo o custo, tentar com essas forças extenuadas, o esforço de passar o rio naquella mesmo dia. A 1.^a brigada, perto da costa, longe das vistas do inimigo tinha achado um excellente vau; com Körner á frente ella atravessa o Aconcagua por ahi, atacando o flanco esquerdo dos Balmacedistas, auxiliada pelos fogos do *Esmeralda*. A batalha começa desse modo; debaixo do mais nutrido fogo de fuzilaria, a 2.^a brigada passa por sua vez o rio por diversos pontos, suspendendo os soldados as espingardas no meio da corrente, que arrebatoou a muitos. Uma circumstancia fortuita favorece o ataque. Na noite de 20 dous corpos da 3.^a brigada, o *Taltal* e o *Tarapacá*, tinham-se extraviado, seguindo pela costa. Eis como Körner descreve a inesperada apparição delles no meio da batalha: «Nesses momentos criticos não só para o Iquique, como tambem para o Antofagasta e o Constitucion (isto é, para os tres corpos de infantaria da 1.^a brigada), os quaes rendidos por uma marcha forçada de legua e meia, em terrenos asperrimos e com os sapatos cheios de agua, se batiam corpo a corpo com o inimigo tenaz, tendo as munições quasi esgotadas, chegaram em reforço da 1.^a brigada o *Taltal* e o *Tarapacá*, e um regimento da 2.^a brigada, o *Chañaral*». Com esse re-

forço os revolucionarios avançam, tornando impraticavel a retirada dos governistas sobre Viña del Mar, forçando-os assim, no caso de derrota, contra o terreno montanhoso de Quilpué, isto é, a abandonarem Valparaiso. Desde ás 3 horas escasseiam as munições ás tropas do governo; ás 4 1/2 pronuncia-se a derrota, o exercito Balmacedista está em fuga, perseguido, até curta distancia sómente, pelo vencedor, que não pôde mais.

A perda de ambos os lados é grande, mas a dos governistas é dobrada. Nessa acção, em que se empenham de 18 a 20 mil homens, os mortos e feridos são computados em 3.000. O prejuizo mais consideravel, porém, que soffre o Governo é a destruição do prestigio do seu exercito, reputado invencivel pelos que se lembravam do Perú; é a confusão que vai reinar na tropa, o seu desanimo. Ao exercito revolucionario incorporam-se os prisioneiros, os que podem fugir do exercito legal e que até alli se haviam mantido por disciplina nas fileiras do Dictador a despeito dos seus sentimentos e dos seus desejos. «Nosso exercito, pôde dizer o Secretario geral da esquadra, tinha antes da batalha um effectivo de 9.500 homens; as baixas em Concón o reduziram a menos de 9.000, e algumas horas depois augmentava o effectivo a cerca de 11.000. Isto quer dizer que os soldados vencidos

da Dictadura tomavam lugar nas columnas da Revolução, e que 2.000 dos que se bateram contra esta em Concón vão bater-se por ella em Placilla.» E' inutil querer applicar, como faz o Sr. Bafiados, o epitheto de *traição* a esses movimentos produzidos na tropa, que combatia forçada. Entre ella e Balmaceda não existia mais, desde o golpe de Estado, o laço da honra militar; havia apenas a sujeição passiva, o captiveiro dos quartéis.

Se o exercito revolucionario não entrou no dia seguinte em Valparaiso, diz na sua parte official o coronel Canto, foi sómente por falta de munhões. Póde-se dizer que tudo estava perdido para Balmaceda. O effeito da primeira communição mandada a Moneda é desesperador. E' o general Alcérrica quem informa ao Presidente que se salvaram uns 4.000 homens, muito fatigados, mal municidados. Balmaceda chama-o ao telegrapho, e ha entre elles este dialogo que o Sr. Bafiados reconstruiu:

«—Tambem entrou na acção a Divisão de Santiago?—Ficaram sómente tres corpos em Viña del Mar; o resto da Divisão pelejou toda.—E as forças do inimigo?—A infantaria inimiga superior á nossa e pelejou bem.—E a cavallaria inimiga?—Não chegou ao alcance da nossa.—E a artilharia?—Numerosa. Trinta canhões.—E a nossa artilharia?

—Perdeu-se toda.—E o parque?—O parque que assistio ao combate perdeu-se todo; salvámos sómente uma parte das mulas.—De maneira que a tropa está sem munições?—Ha apenas um maço para cada soldado.—E nossa cavallaria?—Completamente extenuada e anniquilada. Aqui não ha pasto para cavallaria.—E quanta tropa poderia reunir-se do que resta?—Cerca de 2.000 homens, porque se calcula em 4.000 ou 5.000 os dispersos e 2.000 os mortos; ambos os exercitos bateram-se desesperadamente, houve um momento em que faziam fogo a seis metros de distancia.—E a esquadra que papel desempenhou?—A esquadra fez-nos fogo cada vez que teve oportunidade de dizimar nossas fileiras.—Logo, o campo ficou em poder do inimigo?—Ficou, porém em grande confusão.—Então elles marcharão sobre Valparaíso?—Julgo impossivel, porque têm que recolher feridos e que se refazer, ficou tudo em grande desordem.—E que resolução tomou com Barbosa?—Retirar para Quilota, fazer ahi nosso quartel-general, e reorganisar-nos, augmentando as nossas forças com a divisão de Concepcion.—Não julgam, porem, perigoso abandonar Valparaíso, que será impossivel recuperar, uma vez tomada?—Estamos sem munições, a tropa desalentada, a resistencia é impossivel, seria expôr-nos. »

Balmaceda, porém, não está por isso, não pôde resignar-se a perder desde logo Valparaíso, — seria a victoria da Revolução, — e assim ordena que Barbosa fique em Quilota com as tropas que forem chegando, e Alcérrica vá defender Valparaíso. O exercito revolucionario, entretanto, prevendo a concentração, decide-se a não marchar sobre Valparaíso, e sim a forçar o inimigo a abandonar as posições, preferidas de Balmaceda, de Viña del Mar. A primeira idéa do coronel Canto fôra occupar Quilpué e interromper as communicações entre Santiago e Valparaíso, ameaçando ambas as cidades e obrigando as forças dictatoriaes a deixar Viña del Mar, para defender a capital desprotegida. A 26 de Agosto, porém, elle abandona Quilpué para tomar o caminho antigo que vai de Santiago a Valparaíso. Foi essa, diz o coronel Canto, a marcha mais penosa de toda a campanha, e demorou de um dia a batalha. A noite veio fria e tenebrosa, em meio da escuridão, tinham os soldados que marchar, silenciosamente para não serem surprehendidos, por terrenos desconhecidos, difficeis, ladeados de precipios. Rendidos de somno e de fadiga, muitos ficaram pela estrada, dormindo entre o arvoredo. No dia 27, porém, refizeram-se, reuniram-se em las Cadenas, a 10 kilometros de Placilla, onde o exercito de Balmaceda tinha tomado fortes posições

nas alturas de Peñuelas, que dominam o povoado e a antiga estrada de rodagem de Santiago.

Às 7 horas e 30 minutos da manhã o inimigo rompe o fogo de artilharia sobre o exercito revolucionario, que avançava com enthusiasmo pela planicie, entre uma chuva de balas. A batalha durou sómente tres horas, mas ficou um instante incerta para os revoltosos: n'esse momento o coronel Canto deu ordem á cavallaria de reforçar a a infantaria, cahindo sobre o inimigo. Era uma resolução temeraria, essa de lançar a cavallaria, de baixo para cima, contra fortes posições defendidas pela artilharia e infantaria; essa carga, porém, decidiu da victoria. A mortandade apezar do pouco tempo foi enorme. O exercito de Balma estava completamente destroçado, seus valentes generaes mortos; o que restava, erão grupos em fuga, alcançados pela cavallaria inimiga. A Revolução tinha triumphado em toda a linha; Valparaiso e Santiago estavam uma e outra á sua discreção.

A proporção de mortos e feridos mostra que se bateram encarniçadamente, de parte a parte, e destróe a idéa de traição que o Sr. Bañados lança sobre os seus. Havia de cada lado cerca de 10.000 combatentes, e o numero de mortos e feridos subio a 5.000. Em Bull Run a perda foi igual, combatendo, porém, 70.000 homens. As duas

batalhas custavam ao Chile 8.000 homens entre mortos e feridos.

Na Moneda, Balmaceda esperava anciosamente o resultado da acção. Às 8 horas da manhã o Governador de Limache telegrapha-lhe que se ouvia um forte canhoneio na direcção de Placilla, e, ás 10 1/2, que o fogo parecia ter cessado. Até á noite, Balmaceda na maior incerteza, telegrapha continuamente, pedindo noticias, até que ás 7 1/2 recebe de Quilota o seguinte telegramma do coronel Vargas: « Acabam de chegar varios chefes nossos, derrotados. Dizem que a derrota é completa, que os nossos pelejaram sem valor, nem entusiasmo, no mais renhido do combate deitaram fóra as armas, e passaram a engrossar as fileiras inimigas. Os generaes Barbosa e Alcérria mortos. Dom Claudio Vicuña e Bañados encerrados na Intendencia de Valparaiso, e a praça em poder da opposição.» Era o ruido longinquo da avalanche que se precipitava na direcção de Santiago.

A *Nacion* desse dia presentira a possibilidade da catastrophe. « *O que mais preoccupa a S. Ex. o Presidente da Republica*, dissera o órgão official, *é evitar quanto possivel o derramamento de sangue, e para isso o nosso exercito está sendo reforçado de hora em hora por novas tropas que chegam ao campo de batalha e fecham todos os caminhos ao*

inimigo. » « *Espero que esta lucta que já se prolonga demasiado,* dissera Balmaceda na ante-vespera (26), em uma proclamação, *não termine com os prejuizos e as vexações pessoaes que nas horas de trans-torno mancham os homens e aviltam os povos.* » Isto era escripto na semana de lo Cañas. E' nessa hora de duvida, senão já de desespero, — depois de Concón e da conversa telegraphica com o general Alcérrica, a probabilidade é que o animo de Balmaceda tinha já succumbido, — é nessa hora extrema que elle aconselha a moderação e escreve, como que resguardando a sorte do seu partido: «... não ha, não pôde haver desaccôrdo, tratando-se do respeito que nas horas de crise devemos todos os Chilenos, sem distincção de bandos politicos, á propriedade e ás pessoas, ao socego e á inviolabilidade dos lares. »

Como essa linguagem é significativa! mas tambem como em todo o procedimento de Balmaceda se vê a differença do modo por que se defendem os governos despoticos e os governos livres! Desde que lhe chega a primeira noticia da expedição para o Sul, elle sabe que soou a hora decisiva. Nessa crise, evidentemente final, appella elle acaso para o paiz, dá-lhe a conhecer, com confiança, a gravidade da situação, procura apoiar-se nelle, em uma palavra, procede como Lincoln, quando se viu isolado em Washington, exposta

a ataque immediato, rodeada de forças Separatistas, cujas bandeiras se avistavam do Capitolio, na outra margem do Potomac? Não; os despotismos não se defendem contando tudo ao paiz e contando com elle, defendem-se nas trevas, com o dinheiro, com o terror, com o silencio. Por isso Santiago é posta em rigoroso estado de sitio; o trafico de vehiculos é suspenso desde as 6 horas da tarde; para sahir á rua á noite é preciso licença especial; fazem-se centenaes de prisões nos ultimos oito dias, ao passo que a poucos kilometros da capital, na manhã mesma do desembarque do exercito revolucionario, dá-se a atrocidade de lo Cañas. « O paiz acha-se submettido ao despotismo militar da peor especie », escreve ao seu Governo, em data de 21, o ministro Allemão, resumindo a situação.

O que se segue a Placilla, é o immediato colapso da Dictadura. Os principaes Balmacedistas, que se achavam em Valparaiso, refugiaram-se logo nos navios de guerra estrangeiros, Claudio Vicuña, Presidente eleito, o almirante Viel, Alberto Fuentes, commandante da *Lynch*, que dias antes trouxera de Coquimbo, a despeito do bloqueio, 500.000 tiros, acolhem-se ao navio-almirante Allemão; Bañados, Godoi, os dois principaes sustentaculos da Dictadura, refugiam-se nos

navios Norte-americanos. Quanto a Balmaceda, logo que sabe do desbarate completo, resolve deixar o poder e por sua vez esconder-se. Tinha ainda 4.500 homens em Santiago, sem contar a policia, e em Coquimbo 6.000, mas era inutil tentar uma concentração, pensar em uma retirada. As retiradas são o supremo esforço do general e exigem a maxima solidez da tropa, para não se tornarem em um *sauve qui peut*. A um amigo que uma vez o comparava aos grandes generaes da historia, Moltke interrompeu dizendo:—«*Ainda não commandei uma retirada.*» Se Balmaceda pensasse que representava a causa nacional, era logico com o que elle tinha feito até então, que pensasse em organizar a resistencia. Se elle se sentisse a encarnação de um principio, como Juarez no Mexico, teria appellado para o paiz com o grito que lançára aos seus generaes antes da batalha: «*Vencer ou morrer.*» Elle, porém, via distinctamente que a sua causa era uma causa pessoal, sem irradiação alguma fóra do circulo de baionetas dentro do qual se fechara. Dahi a rapidez da resolução, tomada na noite de 28, de abandonar tudo, antes que a onda da reacção popular, que se estava formando em todos os angulos de Santiago, forçasse as represas que já começavam a ceder e cobrisse a Moneda com um lençol de sangue. A's 10 horas da noite, Balmaceda e

Baquedano têm uma entrevista, e o Presidente entrega o poder ao general, que se mantivera neutro em apparencia, mas quanto possivel auxiliára a Revolução. O Sr. Bañados affirma que nessa conferencia Baquedano se compromettêra a impedir a perseguição dos partidarios da Dictadura e a garantir a sahida de Balmaceda para o estrangeiro.

Pelas duas horas da noite, acompanhado de alguns amigos fieis, Balmaceda sae do palacio do Governo em busca do asylo promettido na Legação Argentina. O grupo bate anciosamente á porta da Legação; passados minutos, o Sr. Uriburu vem abrir em pessoa. Tudo se passa com as maiores precauções. Alguem que encontrasse a essa hora o Presidente fugitivo diria que era algum revolucionario perseguido pela Dictadura, que mudava de abrigo. Houve nesse facto uma coincidencia singular. Dias antes, pelo que refere o barão de Gutschmid, Balmaceda estranhara ao mesmo Sr. Uriburu, decano do Corpo Diplomatico, o asylo que concediam aos revolucionarios certas Legações, ameaçando tomar providencias para impedi-lo. O ministro Americano, informado d'essa conversa pelo Sr. Uriburu, procurara o Ministro do Exterior para dizer-lhe que na sua casa não se entraria senão usando de violencia e que elle resistiria á força com a força. Balmaceda pensando em

cercar as Legações, em interceptal-as, para obstar ao agazalho que ellas davam e horas depois valendo-se da protecção de uma d'ellas, por ultimo matando-se por não julgar bem garantido o seu refugio, é a mais perfeita demonstração da necessidade e da conveniencia de se manter na America Latina, com a maior largueza possivel e de modo inviolavel, o asylo das embaixadas. Em nossos paizes, é esse com effeito, um beneficio feito aos chefes de todos os partidos, a unica e estreita taboa de salvação a que elles se possam entregar, e seria augmentar a barbaria e a crueldade das nossas luctas politicas, se o Direito Internacional, como parece ser a nova tendencia das grandes Potencias, viesse a considerar aquelle refugio como uma excepção obsoleta e caduca, por opposta á soberania das nações. Muito pelo contrario, em todos os paizes onde de repente se pôde levantar, sem que nenhum signal o annuncie, uma d'essas «proscripções» Sul-americanas, o direito de asylo, que é um privilegio historico da humanidade, devera ser cada vez mais um ponto de honra da civilisação.

X

A TRAGEDIA

Foram crueis os vinte dias que Balmaceda passou occulto na Legação Argentina. Confesso não conhecer bem as circumstancias desse final. A escolha da Legação parece ter sido em mais de um sentido infeliz. A Legação Argentina não offerecia segurança contra um ataque subito de exaltados que adivinhassem que Balmaceda estava refugiado nella. o Sr. Uriburu far-se-hia matar no limiar da sua casa, como um homem de honra e de alto cavalheirismo que é, mas isto só serviria para tornar mais odiosa a execução popular. Aconteceria o mesmo na Legação Norte-Americana? Por minha parte duvido.

Decerto, o novo governo Revolucionario não consentiria que a multidão pretendesse arrancar Balmaceda de dentro da casa do Sr. Uriburu, mas entre o povo Chileno e o Argentino existe uma antipathia aggressiva inexplicavel, a menos que o Chile esteja sendo insensivelmente arrastado para o Atlantico, — o que seria uma immensa mudança ; os Argentinos, esses não têm interesse em se afastarem

para o Pacifico. Durante a guerra civil o Governo de Buenos-Aires, se não favorecera a Balmaceda, pelo menos não lhe creára difficuldades, deixara até passar pelo seu territorio, em ordem e apparato militar, ainda que sem armas, as duas Divisões Camus e Stephan. O Sr. Uriburu, pessoalmente, era um grande amigo dos Congressistas, mas isso era um segredo da Revolução e não podia influir sobre as massas de Santiago. Estas, quer me parecer, por todos os motivos mais facilmente se conteriam diante do escudo Norte-Americano do que do Argentino.

Foi no interesse do seu hospede que o Sr. Uriburu tomou extraordinarias precauções de segredo, mas essas precauções mesmas não podiam deixar de abater o animo de Balmaceda. Elle não era de facto um asylado do Direito internacional, era um acoutado, um escondido; para um Chefe de Estado da vespera, que ainda nem tinha concluido o seu periodo, tal posição era cruel e lancinante. Não era de certo culpa do Sr. Uriburu, que tratava só de salvar Balmaceda, mas na Legação Norte-Americana, cheia de asylados politicos, este teria de certo achado um ambiente menos depressor. Acontecia ser nesse tempo Ministro dos Estados-Unidos no Chile um dos chefes proeminentes do partido revolucionario irlandez, Mr. Pa-

trick Egan. Nomeando-o para um lugar de ministro na America do Sul, Mr. Harrison quiz reconhecer a importancia do voto irlandez no triumpho da sua candidatura. Quem sabe a qualidade de homens que são os revolucionarios Norte-americanos da Irlanda, pôde avaliar se Mr. Egan não teria feito sahir incolume da Legação dos Estados Unidos o ex-Presidente do Chile, a menos que se dêsse dentro dessa Legação, defendida por marinheiros dos cruzadores então em Valparaíso, uma scena de todo indigna da civilisação Chilena, e que levantaria como um só homem o povo Americano.

Onde está, Balmaceda vive todo o tempo na apprehensão de uma desgraça que possa envolver a familia Uriburu. Suas manifestações nesse sentido são numerosas. Aos irmãos, na carta de despedida, diz elle: *«Já se falla da casa onde estou, e pôde chegar um momento em que meus inimigos lancem partidas de povo (pobladas) ou do exercito revolucionario, e façam uma tragedia, com damno irreparavel dos que me serviram com tão generosa e boa vontade.»* Ao Sr. Uriburu mesmo elle escreve: *«A exacerbação de meus inimigos é capaz, se descobrem minha residencia, de extremos que evitarei mesmo com o maior sacrificio que possa fazer um homem de animo inteiro.»* De certo o Sr. Uriburu tran-

quillistou-o a esse respeito, mas todas as seguranças do seu hospede Argentino não valiam um secco e autoritario *Don't mind* de Mr. Egan, prompto a receber, se preciso fosse, os invasores da Legação Americana com a marinhagem dos seus navios.

Como quer que seja, o espirito de Balmaceda, solitario, encerrado em um quarto, no alto da casa, começa a enfraquecer; perdido o movimento, sem poder renovar-se, estagna-se e corrompe-se. Elle chega a pensar em entregar-se. O Sr. Uriburu o refere em carta ao Presidente da Junta, dando conta do suicidio: *«Nos dias seguintes manifestou-me elle o proposito de pôr termo ao asylo, apresentando-se á disposição da Exma. Junta para ser julgado conforme a Constituição e as leis. Afim de prevenir qualquer conflicto pessoal, convencionou-se que depois de informar eu á Exma. Junta do Governo, e acceitando ella a proposta, eu o conduziria em carroagem a um lugar de detenção, podendo fazer-me acompanhar dos Srs. Concha y Toro e Walker Martinez para não chamar attenção e evitar que se dessem atropelamentos e conflictos. Por minha parte propunha-me, chegado o momento, a dirigir-me á Exma. Junta e solicitar della, interpondo os meios mais efficazes que me fosse possível, que no caso de condemnação no processo que se houvesse de instaurar, a vida do Sr. Balmaceda fosse salva pelo exercicio da alta*

atribuição de commutação das penas, que a Constituição conferio á autoridade suprema da Republica. Quando acreditava que a solução adoptada teria lugar mui proximamente, fui surprehendido na manhã de hoje pela detonação de um tiro de revolver.» Essas negociações para a entrega de Balmaceda encobriam alguma tentativa para fazel-o escapar com segurança. A responsabilidade do Sr. Uriburu e do seu governo seria muito grande se acontecesse na prisão alguma desgraça ao hospede que acolheram sob sua bandeira. Se elle insistia em entregar-se, a posição do ministro Argentino era difficil; de qualquer modo que procedesse, expunha o nome de seu paiz a commentarios pouco escrupulosos, sendo parte em negociações que o Governo revolucionario talvez não pudesse cumprir. A idéa de entregar-se era porém absurda e Balmaceda logo desistio de confiar a guarda de sua pessoa aos seus inimigos da Junta. *«Estes não respeitam nada, escreve elle aos irmãos, zombariam de mim e encher-me-hiam de immerecidos opprobrios.»*

A outra solução era a fuga. Balmaceda, segundo diz na sua carta ao Sr. Uriburu, teve possibilidade de evadir-se. *«Sabe o senhor que desde-nhei o caminho da evasão vulgar, porque o julgo indigno do homem que regeu os destinos do Chile, sobretudo*

para evitar a mão da revolução triumphante. » Não havia porém nada indigno nessa evasão, se era possível. Balmaceda de certo recebeu alguma circumstancia adversa, ou alguma traição. Pela Cordilheira, quem sabe se elle não teria a sorte do pobre Demetrio Lastarria, quando fugia á Dictadura? Pela costa, se fosse reconhecido, tel-o-hiam morto como ao seu ministro Aldunate, tel-o-hiam desfigurado mesmo; todo o odio dos vencedores condensava-se contra elle, estava convencido. *« Poderia evadir-me, porém não correria jamais o risco do ridiculo ou de um desastre que seria o principio de vexames e humilhações que não posso consentir que cheguem até a minha pessoa e ao nome dos meus. »* (Carta aos irmãos). E' essa a idéa que o domina, a crueldade dos inimigos nas guerras civis da America do Sul. *« Todos os fundadores da Independencia Sul-americana morreram nos calabouços, nos cadafalsos, ou foram assassinados, ou succumbiram na proscripção e no desterro, »* dirá elle nas suas ultimas palavras ao paiz. *Só quando se vê e apalpa o furor a que se entregam os vencedores nas guerras civis comprehende-se porque em outros tempos os vencidos politicos, mesmo quando tivessem sido os mais insignes servidores do Estado, acabavam por se precipitarem sobre as suas espadas.* »

Todas essas impressões actuam sobre o seu

espírito, e preparam o desfecho. Entregar-se, era-lhe vedado pela sua honra ; fugir, seria arriscar a sua pessoa aos peores ultrajes ; conservar-se asy-lado na Legação, era expor a casa e a familia dos seus hospedes a um ataque popular, ao incendio, quem sabe. O que restava era talvez mudar de es-conderijo, refugiar-se em casa de algum partidario obscuro e dedicado. Mas quanto tempo duraria essa posição angustiosa, e que segurança havia ? O seu espirito, desde que começara a render-se á fascinação da morte, via tudo escuro. A victoria da Revolução era completa, absoluta, irreparavel. Em breve não haveria quem ousasse pronunciar o seu nome; a sua pessoa estava banida da com-munhão Chilena, criminosa, carregada de respon-sabilidades tremendas, aos olhos dos que o comba-teram, fatidica, causa da ruina de todos, perante os que o acompanharam. « *Sempre se necessita nas grandes crises ou dramas um protagonista ou uma grande victima.* » (Carta a Julio Bafiados.) A solução era sahir do Chile, sob a protecção das nações amigas em esforço commum, se o Sr. Uriburu, reunindo os seus collegas, conseguisse garantir de alguma fôrma o embarque. Isso tinha Balmaceda o direito de esperar, como Chefe de Estado que fôra, do cavalheirismo dos representantes estran-geiros acreditados perante elle, e que, se não tinham

o dever, tinham o direito de o fazer, porquanto todos, ou quasi todos, tinham asylo e salvo em suas Legações chefes revolucionarios proscriptos. E' provavel que pensassem nisto e que o suicidio tenha inutilizado todo o trabalho feito pelo proprio Sr. Uriburu. Isso, porém, não lhe cabia, a elle Balmaceda, suggerir nem activar, e ao seu amor proprio não sorria talvez essa retirada espectacular para fóra do Chile sob a guarda de nações estrangeiras. Mais facil do que tudo para um espirito prostrado pela derrota era mesmo o tiro de revolver, *refugiar-se a um maior altar*, como diz Plutarcho da morte de Demosthenes.

Desde que se insinua nelle, a idéa de suicidio faz todo o dia caminho; parece que elle a afaga, a idealisa, a aperfeiçoa, como o seu ultimo acto publico, a sua derradeira Mensagem ao paiz; elle trabalha essa idéa politicamente, litterariamente, trata de pôr nella tudo que póde dar o seu cerebro de estadista e a sua energia de Chileno. E' uma resolução amadurecida para a qual concorrem todas as impressões, como nas horas de inspiração tudo converge para produzir a obra prima. Uma vez assentada a solução da morte, é preciso justificá-la, depois utilisá-la politicamente, por ultimo escolher o momento. O coração do pai, do esposo, do filho, é stoicamente reprimido; o político tem de representar o seu papel até o fim.

A data de 19 de Setembro é escolhida porque expira na véspera o prazo de sua Presidência. Não é um presidente do Chile que se mata, é um simples particular. «*Junto com a terminação constitucional do mando que recebi em 1886, tive que estudar a situação que me rodeia.*» (Carta aos irmãos). A justificação, é a impossibilidade de fugir, sem se expor a ser despedaçado pelos inimigos, se fosse reconhecido ; é a impossibilidade de prolongar o asylo sem comprometter os seus generosos amparadores ; por ultimo, é a impossibilidade de entregar-se aos adversarios, «*um acto de insanía política.*» (Carta a Claudio Vicuña e Julio Bañados.) A morte é só o que lhe resta, e porque ha de recuar desse passo, se a sua morte pôde ser bemfazeja ao seu partido, á causa commum ? «*Com meu sacrificio os amigos acharão em pouco tempo modo de reparar o seu infortunio.*» (Carta a Julio Bañados) «*Estou certo que com o meu sacrificio os amigos se verão menos perseguidos e humilhados.*» (Carta aos irmãos.) «*Estou convencido de que a perseguição universal é em odio, ou temor a mim. Dada a ruina de todos e sem poder servir a meus amigos e correligionarios, julgo que o meu sacrificio é o unico meio de attenuar a perseguição e os soffrimentos, e a maneira tambem de habilitar os nossos amigos a voltarem em época proxima á vida do trabalho e da actividade politica.*» (Carta a Julio Bañados.) Balmaceda sente-se

devedor para com a multidão dos sacrificados, dos arruinados por terem seguido a sua fortuna; como saldar essa divida para com milhares de familias em cujas casas reina agora a desolação e paira a ameaça? O suicidio era, se não o resgate dessa divida enorme que em consciencia lhe pesava, a unica satisfação que elle podia dar a tantos infelizes. «*Só lhes posso offerecer o sacrificio de minha pessoa.*» (Carta aos irmãos.) Matando-se, elle deixava livres os partidarios de sua causa. De facto, tirava o pretexto a novas perseguições; morto elle, não havia receio de que se podesse organizar uma revolução com os restos do exercito e o prestigio do seu nome; tornar-se-hia mais facil a volta do seu partido á vida politica, suas victorias parciais na eleição, que de facto se deram. O effeito do sacrificio era bem calculado.

Agora que a resolução extrema lhe parece justificada e elle sente que só póde resultar da sua eliminação completa e prompta beneficio para os que foram envolvidos na sua desgraça, passa elle a cuidar do seu nome. Nesses ultimos momentos preoccupa-o a idéa de comparecer perante a posteridade na mais perfeita attitude. Esta é a grande questão para elle. «*Escrevi uma carta a Vicuña e a Bañados... E' um documento historico que se deve reproduzir integro na America e na Europa, para*

que se comprehenda a minha situação e a minha conduta. Façam-no reproduzir. Não o deixem de publicar.» (Carta aos irmãos.) Além disso, já vimos, elle dava a Bañados Espinosa a tarefa de escrever a historia completa da sua administração.

Na carta aos amigos, chamada hoje o Testamento de Balmaceda, ha tres partes : uma, é a revista do procedimento da Junta Revolucionaria, para mostrar que não lhe era permittido esperar justiça de seus inimigos e que por isso não realisava a sua primeira idéa de entregar-se a elles ; outra, é a sua defesa dos pontos de accusação que lhe ficaram mais sensiveis ; a ultima, é um brado de esperanza na victoria ulterior de sua causa.

« O regimen parlamentar triumphou nos campos de batalha, diz elle, mas esta victoria não prevalecerá. Ou o estudo, a convicção e o patriotismo abrem caminho razoavel e tranquillo á reforma e á organização do governo representativo, ou novos disturbios e dolorosas perturbações terão de produzir-se entre os mesmos que fizeram a Revolução unidos e que mantêm a união para garantia do triumpho, mas que por fim acabarão por se dividirem e se chocarem... Se a nossa bandeira, encarnação do povo verdadeiramente republicano, cahio dobrada e ensanguentada nos campos de batalha, será de novo levantada em tempo que

não está longe e, com defensores numerosos e mais felizes do que nós, fluctuará um dia para honra das instituições Chilenas e felicidade da patria, que amei acima de tudo.»

Elle não queria entrar na historia sem uma legenda; esta seria a do Governo Presidencial contra o Parlamentar. Estava ali a sua justificação aos olhos de um numeroso partido, e um dia, esperava aos olhos do paiz. Quando o Chile mudasse o eixo das suas instituições, seria elle proclamado o fundador da segunda Republica. Nesse dia ninguem perguntaria se elle estivera no seu papel servindo-se da Presidencia para tornar-a omnipotente; se não era preferivel deixar a reforma amadurecer na opinião a arrostar por causa della uma guerra civil. Seria elle o precursor, o estadista de vistas largas, que de tão longe adivinhára o unico meio de salvar a republica, e nesse dia o Chile havia de honrar no Dictador-martyr o propheta do grandioso futuro nacional.

Não se póde estranhar que Balmaceda escolha por si mesmo o terreno em que prefere ser enterrado na historia do Chile e componha o seu epitaphio politico. Por mais singular que seja essa revelação,—que só lhe foi feita na Presidencia mesmo,—de que o futuro do Chile depende de substituir pelo systema Norte-americano, nunca en-

saiado com successo em povo Latino, as instituições que o fizeram chegar ao maior gráo de ordem, de liberdade e de desenvolvimento, é incontestavel que a elle Balmaceda pertence a iniciativa desse movimento retrogrado. O que mais interessa, porém, o que mais commove, é a preocupação que elle tem de que não adhira ao seu nome nenhuma parcella de tyrannia. Por isso elle escreve esta pagina que transcrevo em sua parte essencial por dever de lealdade depois dos juizos que por vezes emitti.

« As pessoas que formaram o elemento civil da Revolução, que a dirigiram e ampararam com seus recursos e esforços, foram inhabilitadas pela prisão, por desterro provisório, ou enviadas ás fileiras do exercito revolucionario. Procurou-se evitar quanto possível procedimentos que fizessem mais profundas as scisões que dividiam a sociedade Chilena. A acção do Governo alcançou na realidade um numero reduzido de pessoas comprometidas na Revolução. » E' com esses euphemismos que Balmaceda se refere ao systema de terror que durante oito mezes reinou em todo o Chile. Agora o modo porque allude ás execuções militares que não ousou impedir :

« Os delictos de conspiração, suborno ou insubordinação militar foram julgados pela Ordenança unicamente em casos provados e gravissimos, pois

na generalidade dos casos não se formou processo, ou fingio-se ignoral-os, ou não proseguiram os processos iniciados. Pensando o Governo em sua propria conservação, não julgou prudente comprometter, sem razões provadas, publicas e irrecusaveis, a confiança que lhe merecia o exercito que guardava a sua existencia.» Aqui ha um evidente descarregar da responsabilidade do jogador sobre o automato: a commutação não podia ferir a susceptibilidade do exercito mais do que entregar Balmaceda as duas Divisões de Concepcion e Coquimbo aos seus ministros Bañados e Aldunate; de facto, o exercito era elle. Agora, o ponto mais sensivel de todos, lo Cañas.

« Quanto ás montoneras que o Direito das Gentes põe fóra da lei e que pela natureza das depradações que são chamadas a commetter, teriam sido causa de desgraças sociaes, politicas e economicas, julgou-se sempre que deviam ser batidas e julgadas estrictamente segundo as disposições da Ordenança Militar... Se as forças destacadas em perseguição das montoneras e em defesa dos telegraphos e da linha ferrea da qual dependia a existencia do Governo e a vida do exercito, não observaram estrictamente a Ordenança Militar e commetteram abusos ou actos contrarios a ella, eu os condemno e os execro... »

A respeito de lo Cañas é preciso dizer que quando esse horrivel morticinio se deu, na visinhança de Santiago, Balmaceda estava inteiramente occupado com o desembarque do exercito inimigo, e na vespera de uma batalha. Por mais que essa crueldade o contrariasse, não é natural que no momento ella pudesse desviar a sua attenção do combate imminente. O que é altamente lamentavel é que no meio mesmo de toda essa anciedade, elle não achasse uma palavra para condemnar a atrocidade praticada em sua defesa. Mas, se as suas ordens foram as que elle mesmo reproduz, então a responsabilidade é d'elle. O Direito das Gentes não põe de modo algum fóra da lei as guerrilhas que em defesa de uma causa, e para ajudar aos seus partidarios, cortam telegraphos e destroem pontes. São serviços estes maximos de guerra, e, uma vez a guerra empenhada, devem ser tratados como taes. Aos jovens que se prestavam á parte mais arriscada e mais meritoria do serviço revolucionario, não se podia applicar sem barbaridade a Ordenança Militar a que se refere Balmaceda e que o Sr. Bañados copia, mandando tratar como salteadores ou piratas os individuos que, sem formar parte do exercito organizado, commettessem hostilidades. Está longe de se poder fundar essa ordem na autoridade do Direito das

Gentes. Este propriamente ainda não tem uma secção relativa á guerra civil, mas, em guerra estrangeira moderna, a força que surprehendesse a caminho uma pequena guerrilha, não a passaria sumariamente pelas armas, como se fez em lo Cañas, seria isso desenvolver extremo rigor. « *O caso de invasão de um paiz, diz Calvo, é o que melhor favorece e justifica o emprego de corpos francos e de indivíduos tomando parte isoladamente nas hostilidades.* » Cortar pontes, estradas, canaes, vias de comunicação, são necessidades militares, e, portanto, operações licitas de guerra; isso está fóra de questão. (Ver § 15 das Instrucções de 1863 para os exercitos em campanha dos Estados-Unidos da America.) O caso de guerra civil é semelhante ao de invasão, em um como em outro o impulso do cidadão é subito, é uma inspiração propria, independente de imposição militar; não se póde assimilar esse movimento espontaneo e patriótico, por mais errado que seja, ao procedimento de bandidos que atacam ou destroem para roubar. E' uma ampliação igual á que já vimos da pirataria ao pronunciamento da Esquadra. Pela propria confissão de Balmaceda foram d'elle essas instrucções inexoraveis que mandavam tratar as guerrilhas revolucionarias, isto é, a adversarios politicos, a Chilenos como elle, pela Ordenança feita para a

guerra do Perú, como *vagabundos armados*, e não como prisioneiros de guerra.

« *Ainda que nós não aceitassemos nunca a applicação dos açoites, insiste se em imputar-nos os erros e as irregularidades dos subalternos, como se no territorio em que dominou a Revolução não se houvessem desgraçadamente produzido os mesmos factos.* »

Ha aqui um desvio de responsabilidade e uma recriminação. Realmente o Sr. Bañados cita-nos o açoite barbaro de prisioneiros Balmacedistas a bordo da *Abtão*, depois da perda do *Blanco*. E' sempre um erro de critica quando se julga um partido suppôr o outro incapaz dos mesmos excessos; os partidos compõem-se quasi dos mesmos elementos nacionaes, os mesmos individuos passam de um para outro, e em geral as secções politicas de um paiz têm o mesmo nivel, como o liquido em vasos que se communicam. O que faz a differença entre elles nas épocas de crise social é quasi sempre que um, representando o instincto conservador, reune de preferencia os elementos estaveis, receiosos de mudança, associados entre si pelo perigo de seus interesses, e que assim ha nesse partido uma maior somma de responsabilidade, de verdadeira cultura, ao passo que o outro tem antes a natureza turva e mesclada de uma alluvião. O caso, entretanto, que o Sr. Bañados refere é uma represalia; é um official

de marinha que debaixo de uma terrivel excitação pela catastrophie do *Blanco* diz aos seus marinheiros: «—*São estes os auctores do afundamento do Blanco; os assassinos dos marinheiros da Guale. Esta noite devem ser todos castigados.*» Os açoites de que temos noticias nas prisões da Dictadura têm outro character, partem de outro movel, não são uma crueldade sómente, são uma baixeza, porque são applicados para extorquir dos presos a revelação do esconderijo do Comité, isto é, a entrega de sua honra para sempre por meio da tortura. Nesses procedimentos tem connivencia Balmaceda, ou são elles da responsabilidade privativa dos seus agentes, interessados em effectuar a maior das diligencias? Não tenho, pela minha parte, duvida que Balmaceda não ordenou, não inspirou, não approvou esses excessos, mas não posso dizer que os não conhecesse, e não ha prova de que procedesse seriamente contra os auctores; ha prova, entretanto, de que desses tormentos tinham conhecimento, até como espectadores, homens importantes da situação.

Os preparativos da morte, pôde-se dizer, estavam acabados, a sua defesa estava feita, a medida extrema justificada, o sacrificio offerecido á reconciliação do Chile, «*que amei*, dirá elle, *sobre todas as cousas da vida.*» Não ha propaganda pelo suicidio, elle o sente bem; a um homem de sua

cultura não acode como recurso politico essa especie de *hara-kiri* do Japonez, que se mata para desaggravar a honra, do mesmo modo que o Europeu se bate. Elle morre por não poder viver, por se sentir em um desses momentos «*em que el sacrificio es lo unico que queda al honor del caballero.*» (Carta aos irmãos.) E' o *caballero*, com a elevação, a estreiteza, os preconceitos, desse typo que absorveu uma raça; sombrio de pundonor, casuista da honra, que é no fundo a sua unica theologia; indifferente a tudo que não é o perfil exterior da sua pessoa, do seu character; é o *caballero*, que arrasta o Chileno, frio, pratico, positivo, pelo despenhadeiro das ficções que são para elle os Mandamentos supremos. E desse modo, tendo levantado essa fantasia logica do suicidio, inevitavel, obrigatorio, expiatorio, na vasta solidão do seu espirito deprimido, onde não penetra mais uma impressão exterior de bom senso, uma corrente de esperança que lhe refaça o moral destruido, um sopro de verdadeira coragem, de verdadeira consciencia, de verdadeiro amor, na manhã de 19 de Setembro, Balmaceda põe termo á vida, disparando um tiro de revolver contra a fonte direita.

Para mim esse fim tragico é a ultima prova de que a consciencia de Balmaceda desde o golpe de Estado esteve sempre em duvida e fluctuação.

Se elle tivesse vencido, teria tratado de serenar a por um desses expedientes heroicos com que os inversores da sociedade procuram tranquillizar-se a si mesmos ainda que perturbem o mundo, como é, por exemplo, uma guerra de conquista. No ponto duvidoso da consciencia teria elle posto um grande remendo de gloria, como Napoleão. Na boa fortuna, a subserviencia de um grande partido adventicio teria continuado a enganar-o; homens de talento fariam delle o destruidor popular da oligarchia, o creador do novo Chile. Na adversidade, elle pôde pensar só. Se tivesse uma convicção solida, calma, segura, de que só tinha feito o seu dever, essa convicção o teria sustentado contra todas as depressões. Até o procedimento das nações estrangeiras, deixando de interessar-se pela sua sorte, mostrava que para o mundo elle tinha atravessado imprudentemente a linha que separa o chefe do Estado do aventureiro politico. O suicidio nunca se offereceria ao pensamento de um Presidente que se tivesse mantido estrictamente no seu dever, na zona indisputavel da lei, por maior que fosse o tripudio em torno delle de seus inimigos triumphantes. A idéa da morte só occorre ao seu sentimento porque elle jogára, em uma cartada terrivel, a tranquillidade sua, dos seus, do seu paiz, tudo que tinha accumulado, tudo que recebera do

Chile, todos os affectos que possuia, a posição social inabalavel que occupava.

O seu suicidio é indirectamente uma homenagem á solidez do antigo Chile que o havia vencido. O Sr. Bañados refere que, momentos antes da morte, Balmaceda esteve a contemplar da humbreira da janella a cordilheira dos Andes coberta de neves perpetuas. Como é que esse espectáculo não lhe suggerio por um contraste com as cousas humanas a idéa de que a sua situação angustiosa seria passageira e que elle poderia ainda um dia olhar para o panorama familiar dos Chilenos com o sentimento em que tantas vezes se engolfara? E' talvez que elle vio na Cordilheira a imagem da antiga sociedade que pensara destruir, a sua formação aspera, a sua elevação lenta, por ultimo a gloria, a cultura, a riqueza que lhe revestira os cimos, como essa neve brilhante. Que fôra na vida dessa sociedade, elle, o seu partido, a guerra civil? Uma avalanche— nada mais, que se desprendera com fragor dos cimos nevados, deixando o panorama exactamente o mesmo aos olhos do observador, envolvido no mesmo silencio e na mesma luz. Nesse momento elle deve ter-se sentido uma victima da orgulhosa sociedade de que fôra o chefe, uma especie de Marino Falieri moralmente executado nos degraus d'aquella Escadaria dos

Gigantes e com o seu lugar vasio na galeria dos Presidentes Chilenos.

N'um instante, porém, o seu nome vai elevar-se acima da competição ephemera dos partidos, e entrar para a Tragedia, a mais alta região humana, —que o poeta disputará sempre ao historiador, e que de facto lhe pertence por uma prescripção immemorial. O seu suicidio revestirá então o character de uma expiação voluntaria, excessiva, —de uma paz com o Chile.

XI

BALMACEDA E O CHILE

A victoria da Revolução deu logar em Santiago ao saqueio das residencias dos principaes Balmacedistas. Baquedano, investido provisoriamente do governo, não tendo auctoridade real no dia do triumpho, porque se conservara neutro, teve receio de que as represalias, se elle interviesse com a tropa de Balmaceda, tomassem character peor recahindo sobre as pessoas. E' preciso em nossos paizes ter bem presente esta noção : — o Governo é o unico meio de defesa das sociedades. Todos os Jacobinos reunidos não chegam a 300.000 ; como é que elles se impõem, pergunta Taine, a uma nação de 26 milhões, como era a França em 1792 ? « *E' porque contra a usurpação no interior, assim como no exterior contra a conquista, as nações não se podem defender senão por meio do seu Governo. Este é o instrumento indispensavel da acção commum; desde que elle não existe ou falta, a maioria deixa de ser um corpo, torna-se uma poeira.* » (Taine, *La Conquête Jacobine*, p. 64.)

No Chile deixara de haver governo ; tudo

que se passa n'esse interregno é consequencia da ausencia do órgão de direcção e defesa social.

Em diversos pontos deram-se vindictas, que chegaram até o lynchamento, como com o redactor do *Comercio* de Valparaiso, Leon Lavin, e com o ministro do Exterior Aldunate, mas sobre esses factos, que parece terem partido de partidarios extremados, como o assassinato de Lincoln, não quizera eu emittir juizo incompleto, na falta de informações insuspeitas. O que surprehende a quem vem acompanhando a marcha da Revolução é que a sua victoria não tenha dado occasião ás explosões que se temiam, aos desvarios inseparaveis na America do Sul dos triumphos partidarios, mesmo quando é o governo quem vence. Depois de uma lucta tão encarniçada, a victoria nacional pôde-se dizer que foi assignalada por outra ainda maior: a do temperamento Chileno sobre si mesmo.

Ha uma pagina na *Historia da Moral Europeia* de Lecky que se poderia applicar ao Chile; é um estudo sobre a crueldade. «*Ha duas especies de crueldade*, diz esse grande physiologista da historia; *uma procede de um fundo brutal, outra de um fundo vingativo. A primeira é propria das naturezas duras, pesadas, um tanto lethargicas; apparece mais frequentemente entre na-*

ções fortes e conquistadoras, em climas temperados, e é devida em alto gráo á falta de imaginação. A segunda é antes um attributo feminino, e usualmente se mostra em povos opprimidos e soffredores, em naturezas apaixonadas, e em climas calidos. A crueldade que provem da vingança allia-se, ás vezes, á grande ternura, e a que provem da dureza allia-se com grande magnanimidade; mas uma natureza vingativa é raramente magnanima, e uma natureza brutal ainda mais raramente é terna. Os antigos Romanos offerecem uma combinação notavel de grande endurecimento e grande magnanimidade, e, por um contraste curioso, o character Italiano moderno tende a realizar a combinação opposta.»

Quanto a mim a combinação Chilena é no todo a dos Romanos, os traços salientes de uma e outra são os mesmos. O Chileno é tambem um povo aspero, animoso, callejado, serio, lethargico, conquistador, habitando um paiz temperado, destituido de imaginação. Essa especie de crueldade, resultante da incapacidade de imaginar o soffrimento alheio e propria das raças de grande resistencia, modifica-se, pensa o historiador Irlandez, pelo desenvolvimento intellectual, que produz a sensitividade das imaginações cultivadas; não é um verdadeiro defeito nacional, póde-se dizer, porque a cultura a converte em uma grande e boa qua-

lidade. Foi essa cultura da imaginação que modificou na raça Anglo-Saxonia a sua brutalidade primitiva até fazel-a chegar ao grão talvez o mais elevado de sensibilidade que uma nação tenha attingido.

A crueldade dos caracteres nacionaes fracos é de outra ordem, não entra nas duas classes estudadas por Lecky. Nós, Brasileiros, por exemplo, não possuímos o organismo preciso para se ser impunemente cruel; em nós, a crueldade não poderia proceder nem da falta de imaginação, porque a temos em grão excessivo, nem da vingança, que não sentimos; só poderia ser uma perversão literaria, um plagio de 1793, ou uma idiotia sangui-naria, o que tudo quer dizer uma séria doença do cerebro ou do coração, o fim da raça.

O que resta nos dous volumes do Sr. Bañados é a critica da Alliança victoriosa e do Parlamentarismo restaurado, mas essa não póde servir de base para um juizo, porque não dá idéa do plano de reconstrucção adoptado, nem do espirito que anima a nova situação Chilena. Sobre a defesa de um advogado habil, que allega em favor dos seus associados tudo que os póde justificar, eu me arrisquei a formular uma sentença, ainda que appellando della; da accusação apaixonada de uma das partes, eu não poderia nada concluir.

O livro do Sr. Bañados não habilita a conhecer o circulo intimo de Balmaceda, o ambiente moral da Moneda no seu tempo, nem o caracter da nova sociedade que devia substituir a antiga; sobretudo não dá a conhecer interiormente o homem. O escriptor procurou apenas photographar o politico, mas o politico não é senão o papel, um dos papeis, que o homem representa na vida. Ha alguns traços, entretanto, apanhados naturalmente pelo Sr. Bañados, que são suggestivos para o critico. « *Qualquer idéa que cahia em seu cerebro, diz elle de Balmaceda, germinava e florescia ali como semente em terra tropical. Bastava insinuar-lhe problemas políticos, economicos ou de sciencia, para que logo se apossasse da idéa ou do projecto, que crescia em seu cerebro com raro poder de expansão... Tinha uma iniciativa devoradora... Era orador sem querer e sem o saber, em casa, nas tertulias politicas e até nas reuniões de completa confiança... Era um fallador (charliador) infatigavel, ameno, de todas as horas...* » A impressão que elle causa, em uma primeira entrevista, é a de um « *enthousiaste à froid.* » (Wiener, *Chili et Chiliens.*) Ao que parece, é um espirito amigo da novidade, ao qual não occorreu nunca a phrase de Burke :—« *Ha uma sorte de presumpção contra a novidade, tirada da observação profunda da na-*

tureza humana e dos negocios humanos. » A versatilidade d'esses espiritos alviçareiros não é um simples vicio intellectual, ou uma doença ataxica do espirito. A novidade que os fascina é a que elles podem lançar em circulação como moeda sua, com a sua effigie. Se acontece ser a idéa nova lançada contra elles, qualquer superstição nacional, por mais antiga, lhes serve de reducto contra ella.

No fundo, o phenomeno é um relaxamento causado pela desordem das leituras; é a atrophia das defesas naturaes do espirito; um gasto continuo, inutil, de actividade mental, inhabilitando o espirito para qualquer producção forte, o coração para todo sentimento seguido. O homem torna-se uma especie de titere de bibliotheca; deixa de pensar por si, de contar comsigo; é o eterno suggestionado, em cujo cerebro se succedem rapidamente em combinações estravagantes as chimeras alheias, os systemas antipodas; não é mais, em sentido algum, uma individualidade, é um feixe de incompativeis. Um espirito assim, posto no governo do Estado, é o mais perigoso de todos; a sua marcha politica só póde ser um perpetuo zigue-zague, as suas construcções um perfeito labyrintho, até que de repente se vê sem sahida, e então, se é um homem de acção e de vontade,

além disso de orgulho, elle bater-se-ha como um fanatico até a morte, isto é, fará, sem o sentir, da ultima novidade que o seduziu a sua fé definitiva e immortal.

Dahi talvez o naufragio de Balmaceda como chefe de Estado. O Sr. Bañados não conseguiu mostrar que antes d'elle existisse no Chile outra cousa senão o systema parlamentar, inteiramente desenvolvido; nem sequer insinuou que a substituição das instituições Chilenas pelas Norte-americanas tivesse sido nunca pensamento de algum partido ou individualidade notavel. Pelo contrario, o que uniformemente se pensou sempre, é que no Chile o Governo era de facto omnipotente. Sendo assim, não se comprehende que o remedio para os males de um paiz onde o Executivo não tem limites, fosse, ainda por cima, supprimir a responsabilidade dos ministros perante o Congresso e com ella as garantias de publicidade e fiscalisação, que são o principal titulo do Regimen Parlamentar.

O Chile, tem sido sempre descripto como uma oligarchia, mas ninguem nunca imaginou que essa chamada oligarchia tivesse a fórma Veneziana, e que ao lado do Presidente houvesse uma especie de Conselho dos Dez, incumbido de vigial-o dia e noite. Era elle, pelo contrario, quem podia

tudo; e, que esse poder illimitado lhe estava exclusivamente entregue, Balmaceda mesmo encarregou-se de o mostrar. Se havia no estado politico do Chile alguma cousa que mudar, nada absolutamente indicava que o vicio existisse na responsabilidade ministerial ou no Governo Parlamentar; mas, quando fosse assim, quando o Congresso fosse o instrumento da oligarchia, e o regimen Presidencial,—senão alguma fórma de Cesarismo, que seria evidentemente a cura radical,—parecesse o meio energico de destruil-a, o processo não podia ser o atropellamento das leis, a inversão social pela guerra civil. Não havia outro meio, — dirão os partidarios de Balmaceda. Se esta é a defesa, se realmente não havia outro meio, o que se conclue é que essa guerra civil necessaria foi artificialmente produzida. E' preciso, entretanto, desconfiar de uma empreitada politica que se diz ao mesmo tempo anti-oligarchica e salvadora do principio da autoridade. A mim, pelo menos, não parece sincero esse movimento em duas direcções oppostas, pretendendo destruir a oligarchia, e reconstruir de modo inabalavel a acção do governo. Acção anti-oligarchica, partindo do governo; acção restauradora da autoridade, a que se associam os elementos radicaes socialistas, são egualmente suspeitas.

De certo, Balmaceda, se tem transigido e es-
perado até ás eleições, fiando-se em homens como
o Sr. Covarrubias, teria tido em Março o Con-
gresso de que precisava para demolir o antigo
regimen e esculpir sem sangue as suas recentes
theorias. «A Revolução teria vindo do mesmo
modo,» dirão os Balmacedistas, mas não era pouco
tirar-lhe a sua grande razão constitucional. A Es-
quadra sem o decreto dictatorial de Janeiro não
se movia; pelo menos foi isto o que Jorge Montt
disse aos que primeiro o convidaram em nome do
Congresso. Não é tão insignificante, como pa-
rece, mesmo para homens dispostos a tudo, a natu-
reza do motivo; é ao contrario da maior importancia.
Em toda a America do Sul, ha neste momento
como tem havido sempre, uma porção de revolu-
ções á espera sómente de um pretexto para re-
bentar. Os golpes de Estado são occasiões pre-
ciosas, de primeira classe, que despertam o maior
enthusiasmo revolucionario, e por isso o Presidente
que fornece aos animos já mal refreados dos seus
contrarios um motivo dessa ordem, lança a um
paiol de polvora o morrão acceso.

Afastado tudo que seja questão de technica
Constitucional, se Balmaceda não previo o effeito
do seu acto, — e eu creio que não previo, — pôde
se dizer que elle não conhecia o Chile, ou então

que vivia na atmospha de omnipotencia em que o politico perde a sua agudeza. Se previo e não recuou, é que estava sob a influencia dessa atmospha desmoralisadora. Não podia elle ter convicção de que estava com a lei e o direito a ponto de não admittir uma duvida; quando mesmo a tivesse nesse gráo, o que era estreiteza de espirito, o senso moral não lhe permittia resolver a questão pela força. Era esse exactamente o caso de um arbitramento nacional, desde que o Congresso entendia differentemente. Querendo impôr a sua opinião, elle podia ter contra si, além da Representação Nacional os tribunaes do paiz, como os teve. Que valor objectivo tinha o seu parecer individual contra todos os outros? O que distingue as sociedades e as pessoas cultas, é que nas grandes divergencias de boa fé que só se podem resolver pela ruina de ambas as partes se luctarem, ellas sujeitam-se a um laudo, ou de alguma fórma transigem. Em 1877, por exemplo, os Estados-Unidos só evitaram uma segunda guerra civil, por terem consentido os dous partidos em submeter a eleição disputada do Presidente á decisão de um tribunal *ad hoc* que a Constituição não imaginára. Era porventura de menor importancia a guerra civil Chilena?

Admittamos que não fosse prevista, desde

porém, que rebentou, e pela fôrma por que foi iniciada, Balmaceda devia calcular que se tratava de uma dilaceração profunda. Primeiro que tudo, estava elle obrigado a destruir a poderosa marinha Chilena, defesa essencial do Chile, base de sua supremacia. Quer isto dizer que elle tinha que preferir a victoria da sua facção, da sua auctoridade, digamos, á consolidação do poder Chileno. Depois, elle via que a « sociedade » inteira estava unida contra elle; que ella offerecia a sua adolescencia, para o exercito de Iquique uns, outros para as *montoneras*; que ella punha as suas riquezas ao serviço da causa revolucionaria, como Edwards, que assigna um milhão de pesos, D. Juana Ross, que dá um cheque em branco, Irrarázaval e Barros Luco, que afiançam 30,000 libras; que ella empregava a supplica, as obrigações de amisade, com as suas relações militares, como a senhora e as filhas de D. Julio Lira, as quaes, agarrando-lhe as mãos, imploravam com lagrimas ao director da Fabrica de Cartuchos que não fizesse munição Mannlicher para Balmaceda; — de facto, com 25,000 espingardas Mannlicher, elle não pôde utilizar uma só por falta de munição.

Para vencer elle tinha que destruir essa « sociedade », porque ella havia de bater-se bem. Se era uma oligarchia, tanto peor; as oligarchias em

regra sabem defender as posições em que se encastellam ; não lhes falta coragem. Mas essa « sociedade » era a sua, a mesma de que elle fazia parte ; com que pessoal ia elle ataca-la, que gente ia pôr no lugar della ? E' visível que elle tinha que acceitar para isso todos os elementos adventícios ; que não podia fazer escolha ; que tomaria até os peores, a quem viesse. Elle conhecia bastante o Chile para saber que a oligarchia, socialmente fallando, era ainda indestructivel, e politicamente, que ella não passava de uma escola de governo. A força do Chile, a sua solida estrutura, já não está na grande propriedade, está no desenvolvimento progressivo, na propaganda insensível, da *hijuela* cobrindo o chão das grandes *haciendas*. Socialmente, a « oligarchia », que não é mantida artificialmente por privilegios e leis de excepção, mas que resulta da formação historica do paiz e conserva a sua influencia sob um código liberal, e em virtude dos costumes e da forma da propriedade, não é uma usurpação. Politicamente, o que se chama a « oligarchia » Chilena, é apenas a tradição de governo transmittida de uma a outra geração pelos processos e com as cautelas que constituem a educação dos homens de Estado, em outras palavras, não é senão o *contrôle* indispensavel á porta de cada instituição para que não entre indistinctamente toda a gente.

Entre nós a política era accessivel a todos ; quasi sem excepção, os nossos estadistas foram homens que se fizeram por si, sem nome de família, sem fortuna, sem relações no Paço ; o nosso Parlamento, onde, durante 50 annos, se trataram os negocios do paiz e nada ficou occulto, não era de certo a Camara dos Communs ; mas o historiador dessa instituição, que acompanhar o seu desenvolvimento desde 1828, dirá que era impossivel apparecer alli um Vasconcellos, um Alves Branco, um Paula Souza, um Paraná, que não chegasse um dia á posição que lhe competia pelo seu merito. No emtanto a queixa contra a oligarchia em um sentido era real : quem não tivesse, em certa época, a bôa vontade de Eusebio, de Torres e de Paulino, desanimaria da carreira politica. Qual é o modo entretanto de curar esse defeito do patronato, — que não é do systema parlamentar só, mas de todo e qualquer governo ? O methodo radical é mandar abrir as portas para que todos entrem, como a Republica fez a 15 de Novembro. Desde que fóra ha publico desejoso de assistir tambem ao espectaculo, o meio de não haver descontentes parece que é retirar as cancellas. Infelizmente o Gabinete, o Parlamento, a administração, tudo tem uma lotação certa, como os theatros. Da primeira vez, escancarando as portas,

o que se consegue é fazer entrar para o edificio renovado um pessoal inteiramente diverso, o dos que não receiam o atropello, dos que não sabem esperar a sua vez, dos que podem abrir caminho á força; desde, porém, que a sala estiver outra vez completa, ninguém mais entrará; os que tomaram logar, não quererão mais sahir. E' a principio uma multidão, de todas as procedencias, pessoas que não se conhecem umas ás outras, ou admiradas de se verem juntas naquelle lugar, mas que em breve se tornam um partido, adquirem o tom de classe directora, e ficam sendo, elles—os *parvenus*, — a oligarchia.

Para resultado tão negativo, valia a pena subverter o Chile? « Eu não hesito em dizer, é ainda uma lição de Burke, que a estrada que leva da condição obscura ás alturas do poder não deve ser tornada demasiado facil... O templo da honra deve estar collocado em uma eminencia.» De que se tratava, effectivamente? Seria de trazer uma classe mais numerosa ou de maiores qualidades para o governo do Chile, ou sómente de destruir a antiga iniciação nos mysterios do governo, a educação das novas ambições pelas velhas experiencias?

« A victoria do Governo, diz um observador sagaz dos acontecimentos, o Barão de Gutschmid,

conduzirá o Chile ao dominio do populacho com um dictador á frente. Se, pela inversa, sahir victoriosa do conflicto a oligarchia moderada que até o presente tem dominado (o partido Congressista), regerá no Chile uma constituição oligarchico-parlamentar.» As palavras acima devem ser entendidas estrictamente, no sentido allemão. O que ellas querem dizer, é que um pessoal novo, sem preparo nem cohesão, que não offerencia garantias ao paiz, sahido provavelmente dos restos das mesmas classes chamadas por elles de «oligarchia», os impacientes, os refractarios, os perdidos, tomariam de repente conta do governo, em outros termos que os ingovernaveis tornar-se-hiam a classe governante.

Balmaceda sente isso ; vê que tem contra si os antigos partidos, os homens de reputação firmada com raras excepções, a mocidade, a sociedade, a mulher, a Igreja. Como se elle fosse um invasor estrangeiro, a resistencia que encontrava tinha a unanimidade de uma guerra nacional. Ainda assim, elle insiste. Num momento dir-se-hia que o mundo inteiro tem mais pena do Chile do que elle. Os ministros dos Estados-Unidos, da França e do Brazil, fazem-se mediadores, mas as conferencias são bruscamente concluidas, os salvos-conductos annullados, por se ter dado uma tentativa contra

o Sr. Godoi. « Para essa mesma tarde, ás 4 $\frac{1}{2}$, diz o ministro Allemão, preparou o Sr. Godoi a execução de um attentado contra a sua pessoa e a de seus collegas, que effectivamente se realizou *conforme o programma.*»

Em quem se apoiava Balmaceda para essa lucta de morte? Apoiava-se no exercito, nos 5.000 homens de tropa que lhe davam a força precisa para «enganchar» outros 5.000; com estes, podia ter outros 10.000; com estes, outros 20.000. Se elle contava com o paiz, o meio de verificar e provar esse apoio era chamar voluntarios, levantar a opinião. O Sr. Bañados compara diversas vezes a posição de Balmaceda á de Lincoln; não ha nada de semelhante nellas, mesmo deixando de parte a differença das questões suscitadas. Para haver analogia, era preciso que Lincoln tivesse coagido o Norte, depois de fechar as typographias e de encher as prisões, a dar-lhe os homens e os meios para esmagar o Sul. Para haver analogia, era preciso que Balmaceda se tivesse apoiado em uma porção qualquer do Chile deixada livre e com o direito de resistir-lhe. A posição de Lincoln no Sul é a do general em chefe em territorio estrangeiro, tendo atraz de si o enthusiasmo, a dedicação, os recursos todos de sua nação. O simples facto de tratar Balmaceda o Chile, emquanto se defende,

como o conquistador trata o paiz que invade, receiando em cada canto uma cilada, em cada vulto um inimigo, prova que elle sabia bem que o Chile não estava com elle. Se estivesse, é claro que o defenderia voluntariamente; se estivesse, elle, Balmaceda, havia de deixal-o, como de certo o deixaria em uma guerra estrangeira, no gozo e na posse dos seus direitos, o que augmenta sempre o valor e o enthusiasmo dos combatentes. Elle, porém, sente que tem contra si a opinião, e por isso a abafa por todos os modos, quando o direito do paiz de manifestar-se deve ser reputado ainda maior nas crises em que o poderio, a honra, a vida da nação, está em perigo, do que nos momentos de paz e tranquillidade.

Desde que se sente em conflicto com o congresso, Balmaceda não procede como um Presidente dos Estados-Unidos, consultando as opiniões mais autorisadas e mais seguras em materia constitucional; procede á verdadeira moda Sul-Americana, ouvindo os commandantes de Corpos. O seu procedimento ainda se aggrava, tratando-se dos meios a empregar. Esses meios extendem-se desde a prisão até o fuzilamento. E' o regimen militar em todo o seu rigor, augmentado, porém, com os requintes do Terror politico. Era-lhe lícito empregar essa severidade n'uma contenda que

dependeu d'elle evitar; fazer passar summariamente pelas armas dezenas de Chilenos, — e se a guerra durasse teriam sido centenas, — para fazer vingar a sua interpretação duvidosa de um texto constitucional? Balmaceda reconheceu que a dictadura só se podia salvar pela tyrannia, e não recuou em principio diante da odiosidade do meio. A execução das ordens não era sua, mas as ordens levavam implicita a crueldade que o emissario tinha forçosamente que desenvolver para as poder cumprir.

Lo Cañas é o auge do systema adoptado. Não é Balmaceda quem dá a ordem de matar essas crianças, elle não teria a crueldade de o fazer, mas é elle quem dicta a Ordenança, que o executor barbaro cumpre á medida de seu interesse, da sua intelligencia e do seu zelo. Quando Chateaubriand escreveu no *Mercurio* a phrase estrondosa que fez estremecer a França :—« E' debalde que Nero prospera, Tacito já nasceu no Imperio, e cresce desconhecido junto das cinzas de Germanico, » qual era o crime de Napoleão? Era o fuzilamento do duque d'Enghien; não era uma atrocidade Lopezca como Lo Cañas, e Napoleão já tinha estado nas Pyramides, ja tinha passado o Grande S. Bernardo, já tinha feito o Codigo Civil, já tinha esmagado a Austria em

Hohenlinden, a Prussia em Iena, a Russia em Friedland. Mesmo nessa immensa corôa a mancha de sangue apparecia.

De certo, Balmaceda não é um tyranno no sentido antigo, mas tornou-se o centro de uma verdadeira tyrannia, entendida a palavra no sentido moderno, isto é, no sentido de um poder capaz de todos os extremos para se sustentar, antes que appellar para o paiz. Ninguém pensará, ao pronunciar-se o seu nome, em um Ezzelino da Romana, em um Segismundo Malatesta, em um Ferrante de Napoles, *«o qual gostava de ter na vizinhança os seus inimigos, ou vivos mettidos em gaiolas de grande solidez, ou mortos e embalsamados, com as roupas que trazião em vida.»* (Burckhardt). No governo moderno, um tyranno á moda da Renascença seria um alienado, como seria um imbecil o soberano que por falta de dinheiro confiscasse a propriedade. Ás antigas proscricções correspondem hoje os golpes de Estado; á confiscação, as largas emissões de papel moeda. Não se mata, nem se rouba; — se acaso vem a revolução, trata-se-a como uma guerra estrangeira. Nesse regimen as atrocidades são de facto erros de officio, porque são inuteis; representam um genero grosseiro, primitivo, de tyrannia, quando a arte do governo estava ainda em embrião.

Infelizmente Balmaceda não prestou a devida atenção ao perigo inherente a toda dictadura, de ser servida com excesso de zelo; ninguém o imagina tomando directamente parte na repressão brutal e sanguinaria, mas essa é, para empregar uma expressão vulgar, a *cosinha* da tyrannia, e Balmaceda nos salões da Moneda não tinha o direito de ignorar que alguém a faria. Da relação de tantos factos odiosos só se pôde, concluir que elle era um character fraco, que o poder desequilibrou no momento em que, na phrase do Sr. Francisco Puelma, elle podia ser o *maior homem do Chile*, e que, uma vez tendo reunido em torno de si o que havia mais decidido, mais violento, mais encarniçado no seu partido, não quiz ser tido por effeminado e frouxo, por um falso ambicioso, ou um pequeno « grande homem », que quer o fim e não quer os meios. D'ahi, as ordens abstractas que elle assigna, tomando-as por materia ordinaria de expediente, e que se tornam barbaridades concretas; d'ahi, tantos procedimentos em que elle não é auctor nem cumplice, mas cuja responsabilidade indirecta é sua, porque foi elle a causa primeira de tudo. E' desse modo que lhe fica pertencendo historicamente lo Cañas, quando é de crer que, presente, elle se tivesse posto entre a soldadesca e a flor da ado-

lescencia Chilena, que alli confessou a sua fé patriótica, *non loquendo sed moriendo*.

O Sr. Bañados repelle a idéa de *fuzilamentos mysteriosos e assassinatos phantasticos*, denunciados pela imprensa Revolucionaria. Não se concilia bem com o character varonil dos Chilenos esse sonegar de victimas á sociedade e ás familias no inventario da dictadura. Os fuzilamentos são publicos. No de Cumming e seus companheiros, o auto friamente refere : — « sendo conduzidos ao cemiterio *uma vez concluida aquella cerimonia*. » A hypocrisia nesses casos seria, é certo, uma homenagem á verdade moral, um protesto involuntario da propria consciencia, mas ao temperamento Chileno repugna a tergiversação com a morte. Das execuções clandestinas do Desterro aos assassinatos nocturnos dos Borgias não ha distancia moral apreciavel. O nosso grande acto tragico do Paraná não tem semelhante na guerra civil do Chile ; não se rolaram occultamente corpos de fuzilados pelos despenhadeiros dos Andes, como Luiz XI fazia desaparecer as suas victimas pelas *oubliettes* de Plessis-lès-Tours.

O Sr. Bañados allega em favor de Balmaceda a prosperidade do Chile durante o seu governo. Nesse ponto a replica do Sr. Zegers é magistral. « *E' facil*, disse elle perante o Senado,

governar um paiz sensato e rico, habituado á ordem e á legalidade. Governal-o bem, pôde ser uma felicidade; não é claro que seja virtude. Em todo caso seria difficil demonstrar que os tres annos de governo feliz, de 86 até 89, se deveram ao governante que rompeu essa situação legal, prospera e honrosa, para impor o despotismo.»

Estaria Balmaceda effectivamente convencido de que o paiz soffria os effeitos de uma oligarchia politica? «*Durante meio seculo, disse Condorcet fallando da França, estiveram soffrendo os males da anarchia, pensando que soffriamos do despotismo.*» Durante cincoenta annos soffremos nós tambem os males da anarchia, e julgavamos estar soffrendo os do governo pessoal. Não seria igual o caso Chile?

Se o governo parlamentar, que tornára o paiz forte, livre, respeitado, se estava esphacelando, o que se conseguiria com uma mudança violenta? De certo, é facil substituir artificialmente a classe directora de um paiz, até mesmo a sua aristocracia territorial. Com uma grande emissão de papel-moeda, que reparta de repente a fortuna dos que accumularam com os que são incapazes de enriquecer pela actividade ou pela economia, faz-se passar hoje a grande propriedade territorial das mãos de uma categoria de individuos para as de outra

com maior facilidade do que Guilherme o Conquistador fez passar a terra Ingleza para os seus vassallos Normandos.

O que podia, porém, esperar Balmaceda ao lançar fóra da direcção do paiz todos os que conheciam o segredo dessa sciencia difficil? Repudiar a collaboração dos melhores; fazer nascer entre elles o descontentamento, o abandono pessimista, como nos Estados Unidos, dos mais altos interesses publicos, os quaes passariam aos ambiciosos que fazem profissão da politica; forçal-os quem sabe, á conspiração permanente? Se o Chile estava realmente minado por uma seria doença organica, então dava-se a lei historica de Döllinger, que uma vez citei (*Agradecimento aos Pernambucanos*, 1891), —que as republicas não têm a força precisa para eliminar por si mesmas as causas de sua ruina, como não teve a Republica Romana, não teve a Republica Polaca, não teve a França sob o Directorio. Que milagre imaginava Balmaceda, do systema Presidencial? O *arxê tou prótou andrôs*, o governo do primeiro cidadão? Era isto o que elle esperava? Se era, esquecia que esse governo do melhor homem, que foi o ideal da democracia grega (Curtius), tinha por primeira condição o ser uma offerta popular espontaneamente feita e livremente renovada. Esquecia que nos tempos modernos é no

Governo Parlamentar, ou então nas monarchias temperadas, que se tem visto esta especie de Dictadores da opinião, como são os chefes de partido na Inglaterra, como foi Cavour, como foi, ou é ainda, Bismarck.

O Chile tinha um Governo forte como nós nunca tivemos. Durante 50 annos a liberdade Brasileira é uma teia de uma tenuidade invisivel, possuindo apenas a resistencia e a elasticidade da seda, que a monarchia, como uma epeira doirada, tirou de si mesma e suspendeu entre a selva Amazonense e os campos do Rio Grande. O governo do Chile era obra mais solida do que essa construcção aérea delicada. A differença das duas fórmãs de governo é que uma, a republica Chilena, suppõe o homem fôrte e justo, e a outra, a monarchia Brasileira, fraco e bom. Destruir um governo que tem dado os mais admiraveis resultados para pôr em lugar delle uma méra theoria, é ausencia de senso pratico. Os Chilenos não fariam facilmente o que nós fizemos; elles gabam-se de ter o ponto de vista Anglo-saxonio, o que em politica é a melhor das educações.

A primeira objecção ao Balmaceda do sr. Bafiados é ter sido, na phrase de Antonio Carlos, um *theorista cru*. Dir-se-hia que elle não apreciava bastante o valor de uma tradição, como a Chilena,

capaz só por si de conter, de governar, de dirigir, de satisfazer um paiz; que elle acredita mais nas suas inspirações do que no Inconsciente Nacional. Em segundo logar, é impossivel não se notar a sua attitude no momento da ruptura; não é a maneira grave de um estadista, é o desafio de um caudilho. Por ultimo, é lastimavel não haver elle traçado para si mesmo uma linha além da qual não se prestasse a levar a repressão. A meu vêr, faltou-lhe um alto objectivo, comprehensão de si mesmo, o sentimento de que era um méro depositario da grandeza do Chile, por ultimo, humanidade.

O valor dos chefes de Estado Sul-americanos tem que ser julgado pelo resultado de sua administração; não deve ser medido pela sua tenacidade, — em tenacidade quem se compára com Lopez? — nem pelo seu orgulho patriotico, — em patriotismo aggressivo quem se parece com Rosas? — nem mesmo pela sua honestidade, — em honestidade quem excede a Francia? Para julgal-os é preciso comparar o estado em que receberam o paiz e o estado em que o deixaram, o inventario nacional quando entram e quando saem. O Presidente que recebe um paiz próspero, unido, prompto a auxiliá-lo, e o deixa, por sua culpa, dividido, dilacerado, enfraquecido, não tem direito á gratidão. Elles podem dizer,

quando vencem, que salvaram a Republica, mas salvaram-na de uma crise que elles mesmos provocaram, ou, pelo menos, não quizeram evitar, e salvam-na quasi sempre de modo a não poder ser salva segunda vez. Para mim a verdadeira elevação moral de um chefe de Estado estará sempre nas velhas palavras de Pericles no seu leito de morte, quando os amigos, á moda grega, immortalisavam suas victorias e a grande autoridade que elle exercera quarenta annos: « *O que ha melhor em minha vida é que nenhum Atheniense tomou luto por minha causa.* »

« *A patria... que eu amei acima de todas as coisas da vida!* » foram as ultimas palavras que Balmaceda firmou ; entretanto, o amor que elle teve ao Chile não é o verdadeiro amor de patria, — sentimento talvez o mais raro que exista. A Igreja quer que se ame a Deus acima de tudo, mas S. Paulo ensina que Deus não acceita o amor que nós lhe mandamos directamente, mas somente o que lhe mandamos por meio do proximo. Amar o paiz acima de tudo, tambem, só é meritorio, quando a patria que se ama não é uma abstracção, mas, nos termos precisos do poeta Portuguez, a *terra* e a *gente*. O mais é uma fórma commum de egoismo, uma paixão politica, quando não é uma simples postura. « Amar o Chile acima de tudo », quer dizer

amar mais que tudo os Chilenos, — para Balmaceda, o povo que o elevara, e no meio do qual elle vivia, — e essa especie de amor feito de dedicação, de ternura, de sacrificios varonilmente acceitos, se não reclamados, é incompativel com a aposta de exterminio que elle fez com o Chile.

Não ha mais bella ficção no Direito constitucional do que a que imaginou Benjamin Constant com o seu Poder Moderador. O que a America do Sul precisa é um extenso Poder Moderador, um Poder que exerça a funcção arbitral entre partidos intransigentes. De muitas doenças graves costuma-se dizer que foi no principio um resfriamento mal curado; a historia da America do Sul parece não ter sido outra cousa senão uma revolução mal curada. O meio, entretanto, de curar as revoluções que nascem dos erros e abusos de todos os partidos, não é a perseguição, é a reforma de cada um, o abandono das pretensões exageradas, anti-sociaes, que, mesmo do ponto de vista do mais estreito e calculado egoismo, são um erro, porquanto, ellas não destróem sómente a paz, o prestigio, o credito, a grandeza da nação; ferem individualmente o filho do paiz, sobretudo se é chefe de familia, com a ruina de sua existencia,—se não para todos a ruina material, sempre a ruina moral. A Revolução ven-

cedora comprehendeu que, sobretudo em nossos paizes, ou ha a Amnistia, ou de facto continúa a guerra civil, e não teve medo do perdão, fosse ou não fosse o esquecimento. Desde muito não ha no Chile um só proscripto. A politica, porém, de reconstrucção, ou mais propriamente de apaziguamento, seguida depois da restauração do regimen Parlamentar, excederia os limites d'este estudo sobre Balmaceda.

POST-SCRIPTO

A QUESTÃO DA AMERICA LATINA

Não dei no Jornal do Commercio todos os motivos que me suggeriram este estudo sobre Balmaceda. Posso completar agora o meu pensamento. Sempre que antes e depois de 15 de Novembro algum partidario do regimen monarchico pretendia que entre nós a republica difficilmente seria um governo responsavel por não termos a tempera dos paizes que modelam os seus governos á sua feição, a resposta era: «E o Chile?» Não tinha o Chile a mesma antiga estabilidade que nós; não gozava da mesma liberdade; não assistia á transmissão da primeira magistratura, como se ella fosse hereditaria, na maior paz e socego; não havia entre os quartéis e o governo a mesma camada solida, impermeavel, de consciencia, de instincto, digamos de superstição civil, que no Brazil monarchico, e todavia não era o Chile uma Republica?

A mim figurava-se tão paradoxal animarem-se os Republicanos com os resultados do Chile como o se animarem com os da America do Norte, porque o Chile, ainda que de raça hespanhola, era tanto uma excepção como os Estados Unidos, — excepção que se podia considerar um capricho de ordem moral na formação da America do Sul, como ha apparentemente tanto capricho na sua estrutura geologica. Eu estava, porém, longe de pensar que em pouco tempo se estabeleceria um confronto tão perfeito entre a idoneidade de um e outro paiz para as instituições republicanas, e que se tiraria a prova real, a demonstração objectiva, da these que os Monarchistas sempre sustentaram contra os Republicanos de boa fé,—isto é, os desejosos de obter para o nosso paiz o maior grau possível de liberdade. A nossa estimativa realisou-se assim inteiramente a respeito do Brazil e do Chile.

E' natural a hypertrophia do poder nas sociedades onde elle não encontra nada que o possa limitar. O Brazil era e é uma destas; no Chile, pelo contrario, a sociedade pôde conter o governo, dentro de certos limites extremos. Se tivemos a liberdade na monarchia, foi só porque o poder se continha a si mesmo. Isto era devido á elevada consciencia nacional, que por herança, educação, e selecção historica, os Soberanos modernos quasi todos encarnam. O respeito

à dignidade da nação, o desejo de vel-a altamente reputada no mundo, era natural na monarchia, que era o governo pela força moral somente; mas não seria natural no substituto que lhe deram, o poder militar, que é a força material. Desde que o despotismo se manifestasse entre nós, eu sabia que elle levaria tudo de rojo, pela completa falta de resistencia. A nossa submissão seria maior do que a das outras nações Sul-americanas, porque estas, devastadas como estão pela guerra civil, ficaram tambem endurecidas por ellas; os seus homens publicos, como os Consules Romanos, sabem todos manobrar legiões. Entre nós, declarada a Dictadura, haveria de um lado o despotismo militar, do outro a passividade, a inercia do pais. Se a Dictadura assumisse o typo Sul-americano, a sociedade Brasileira, creada na paz e na molleza da escravidão domestica e da liberdade monarchica, enervada por uma ausencia total de perigo em mais de 50 annos, habituada à attenção que o Imperador sempre mostrou a todos, muito maior do que a que elle recebia, tomada de panico, faria renuncia da sua liberdade, dos seus interesses, das suas propriedades, como nos ultimos tempos do Imperio a velha sociedade Romana abandonava os seus palacios doirados da cidade e as suas

villas de marmore, todo o seu sybaritismo refinado, para apparecer como escravos supplicantes deante dos chefes Barbaros.

Tudo isto se verificou, e muito mais. Com effeito, nenhum de nós previra o typo que tivemos de Dictadura e as atrocidades dos seus proconsules militares, que lembram tão vivamente as do major Caminos e do padre Maiz em San-Fernando, que se nos pôde hoje applicar, invertendo no sentido da victoria da dureza e da barbaria sobre as artes e a civilização, o

Græcia capta ferum victorem cepit,

porque a tyrannia Paraguay reviveu entre nós na ponta das mesmas baionetas e lanças que a derribaram.

Por outro lado, tudo que nós diziamos do Chile, e muito mais, ficou igualmente demonstrado pela Revolução. Ninguem que a tenha acompanhado duvidará hoje da capacidade do Chile para a Republica, nem do bem que a forma Republicana fez ao Chile, da escola de educação, da influencia sã, varonil, patriótica, que foi para elle. A Revolução do Chile, como para a União Americana a Guerra de Secessão, não serviu somente para revelar ao mundo o vigor dos alicerces e a perfeição do plano do seu

edifício nacional; serviu, mais ainda, para cimental-o de novo e dar-lhe a sua estabilidade definitiva.

Outra razão tive para escrever este ensaio. O interesse que antes já me inspiravam as coisas Sul-americanas augmentou naturalmente depois da Revolução de 15 de Novembro. Desde então começámos a fazer parte de um systema politico mais vasto. Com effeito, ninguém procura justificar a nossa transformação republicana por motivos tirados das condições e conveniencias do nosso paiz, mas somente pela circumstancia de estar o Brazil na America. Desse modo o observador Brasileiro, para ter idéa exacta da direcção que levamos, é obrigado a estudar a marcha do Continente, a auscultar o murmuro, a pulsação Continental. Como a propria data do Centenario o indica, muito concorreu para o facto de 1889 a influencia litteraria da Revolução Franceza sobre a imaginação da nossa mocidade, mas não foi menor o arrastamento Americano. Quaesquer que venham a ser os accidentes da Republica, seja o militarismo, a corrupção, o desmembramento, a anarchia, e, peor que tudo, o opprobrio da raça, é crença fatalista de muita gente que seria um esforço inteiramente esteril para o resto de razão e de bom senso do paiz querer luctar contra o iman do Continente, suspenso, ao que parece, no Capitolio de Washington. Muitos acreditam mesmo que se trata de

uma força cosmica, como se o oxygeno e o azote formassem na America uma combinação especial dotada de vibrações republicanas.

Desde que é preciso acceitar o ineluctavel, o estudo da Revolução Chilena têm grande interesse para nós do ponto de vista da evolução politica do hemispherio. De facto, dado o progresso da Moral universal, não é possível que a civilização assista indefinidamente impassivel ao desperdício de força e actividade humana que se dá em tão grande escala em uma das mais consideraveis secções do globo, como é a America Latina. A manutenção de um vasto Continente em estado permanente de desgoverno, de anarchia, é um facto que dentro de certo tempo ha de attrahir forçosamente a attenção do mundo, como afinal a attrahiu o desaproveitamento da Africa. Como se fará a redempção dos paizes Centro e Sul-americanos? Onde acharão elles amparo contra os seus governos extortores? Como se fará nascer e crescer em cada um delles a consciencia do Direito, da Liberdade, e da Lei, que nelles não existem, porque não podem ter sancção alguma?

Um problema de tal complexidade não poderá ser resolvido pela propria geração que o formular. A' distancia em que estamos do tempo em que elle ha de amadurecer, a forte refração dos preconceitos actuaes não deixa imaginar o modo que a civili-

zação ha de encontrar para se introduzir no nosso Continente. O que esse modo não ha de ser, pôde-se, porém, ver em parte. Não será a absorpção pela Europa, a menos que se a entenda no sentido de uma recolonisação Européa da America com elementos que assegurem o predominio das novas alluções, porque é mais do que provavel que a immigração se realize no proximo seculo em escala tal que os nossos organismos anemicos, alguns mesmo rachíticos, não tenham capacidade para assimilal-a.

Quanto ao Protectorado, é difficil imaginar uma alteração no equilibrio Europeu que forçasse a Europa a reconquistar a America ou a sujeital-a, como fez com a Africa e a Asia, á sua direcção e ao seu governo. Pôde-se ter como certo, a menos que se operem grandes mudanças no systema geral do mundo, que a Europa deixará o Novo-Mundo fazer bancarrota com os capitaes e interesses que ella lhe houver confiado, sem pensar um só instante em compensações territoriaes ou em extender atravez do Atlantico a sua area de influencia.

Se a solução não pôde ser o Protectorado Europeu, será por acaso o Monroismo? Os Estados-Unidos, que já assumiram a protecção do Continente, desde que se comprometteram a defendel-o

contra as invasões da Europa, sentirão um dia que essa garantia lhes dá direitos ou que lhes impõe deveres?

No fundo o que é o Monroismo? O Monroismo parecia ser a promessa feita á America toda pela União Americana de que a Europa não adquiriria mais um palmo de terra no Novo-Mundo; depois, porém, do facto do Mexico, e agora recentemente do Brazil, quer-se entender o Monroismo como uma garantia dada não só á Independencia, mas á forma republicana em todo o Continente. Seria preciso reconhecer o caracter nacional do povo Americano para se suppôr, por exemplo, que se o Brazil restaurasse a sua monarchia, os Estados-Unidos impugnariam essa volta ás nossas antigas instituições. Se elles impedissem o Brazil de ter o governo que lhe parecesse melhor, estavam moralmente obrigados a governal-o sob sua responsabilidade; não tinham o direito de condemnar um povo ao despotismo e á anarchia por causa de um typo de instituições, para as quaes só elles possuem a resistencia e o correctivo preciso. Governal-o, porém, — como?

Os Estados-Unidos nunca se decidiram a ter colónias e rejeitariam para Estados da União cada um dos candidatos da America Latina. A nação Americana está convencida de que todo accrescimento de população de hábitos, crenças, e indole inteiramente

outras, causaria um profundo desequilíbrio em seu systema de governo e uma incalculavel deterioração de sua raça.

Mesmo como esphera de influencia a América Latina não conviria aos Estados Unidos. Os estadistas Americanos sabem que os Protectorados só produziriam uma nova especie de carpet-baggers, — praga cuja natureza comprehende bem quem sabe o que foi, durante a conquista de Grant, a invasão dos Estados do Sul pelos aventureiros politicos do Norte. Antes do carpet-bagger viria preparar-lhe a entrada o sibiusteiro, e a America do Sul ficaria coberta de um enxame de especuladores da peor classe, os quaes dentro dos seus «saccos de tapete» trariam os germens de uma profunda corrupção que havia mais tarde de se estender ao Lobby do Congresso.

A solução do problema tem assim que ser procurada dentro mesmo de cada um dos nossos paizes, mas depende da formação em torno delles de uma opinião interessada em seu resgate, que auxilie os esforços, ou quando mais não seja registre os sacrificios, dos que em qualquer parte luctarem pela causã commun. Em todos esses paizes ha homens cuja cultura rivaliza com a mais brilhante cultura Européa e que podem formar a Liga-Liberal do Continente. A causa é, de facto, commun. A liberdade Argentina tornou-se um interesse directo para o Brazil, como era

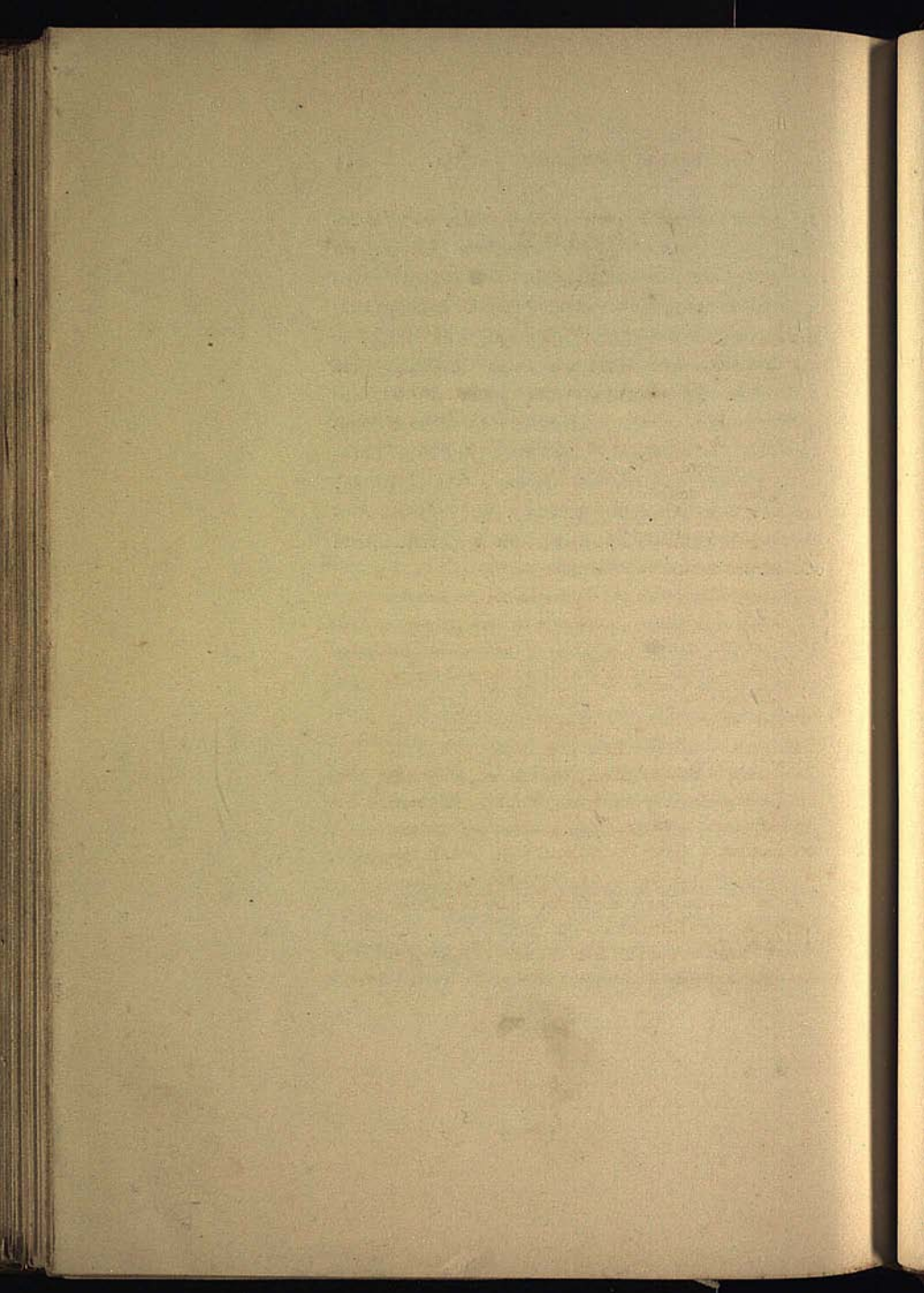
para os Argentinos a liberdade Chilena no tempo de Rosas. E' do interesse do Boliviano e do Peruano que o Estado mais visinho lhe offereça um asylo seguro, e sirva ao seu paiz de estimulo, senão mesmo de vexame. Não é, porém, somente na fronteira que a irradiação se exerce; ella alcança o Continente todo. O effeito de um governo moralizado é illimitado, e, de modo indirecto, universal.

Por isso se o Chile politicamente se esphacellasse; se perdesse as noções de moral social que formam a sua cohesão, a perda seria de toda a civilização Sul-americana. Desde que as nossas antigas instituições, em vez de serem aproveitadas com avareza, foram desdenhosamente lançadas fora, as do Chile ficaram sendo as unicas que na America Latina merecem realmente o bello nome de Instituições. Vel-as desaparecer quasi em seguida ás nossas, seria uma tristeza mais para os que acompanham a terrivel dança macabra do Continente. Felizmente o Chile mostrou, por instincto, apreciar como o grande segredo da sua força a continuidade da sua liberdade, immemorial hoje desde que as gerações actuaes não lhe conheceram a origem.

O facto devia ficar registrado em cada um dos paizes da America do Sul. Pela minha parte o assignalei no Brazil. O exemplo não será inutil na era republicana para um paiz do qual, mesmo no

apogeu da liberdade e da ordem, dizia, no Parlamento, seu mais fecundo jornalista (J. J. da Rocha, 24 de Janeiro de 1850): «O espirito revolucionario ligou-se á existencia da nação Brasileira, como o verme, desde que ella nasce, se liga á fructa que apodrece antes de passar pela madureza. Eu considero esta luta do espirito revolucionario com a auctoridade no Brazil como uma luta permanente, como uma molestia chronica, que atacou o doente desde a sua infancia, que tem tido reiterados accessos, que n'essas occasiões é combatida, mas nunca perfeitamente curada.»

FIM



INDICE

PREFACIO.....	I
---------------	---

I. O LIVRO E O AUCTOR.....	I
----------------------------	---

Instrucções deixadas por Balmaceda.—Razões do meu interesse pelo Chile. — *O Imperio do Chile e a Republica do Brazil*. — Parallelo dos dois governos.— Ambos excepções na America do Sul.—Balmaceda e D. Pedro II desthronado.—A obra da monarchia no Brazil. — Plano de defesa do sr. Bañados. — Physionomia politica do auctor. — Seu talento de advogado. — O Rubicon chileno. — Necessidade de uma cadeira de *Revolução Comparada* nas Universidades da America do Sul.

II. ATÉ SER ELEITO PRESIDENTE.....	12
------------------------------------	----

Tradição conservadora Chilena desde 1818.—Portales, o *Chancellor de ferro*. — Suas palavras finaes. — Manoel Montt. — Mocidade e estréa politica de Balmaceda. — Guerra com o Perú. — Radicalismo de Balmaceda. — Politica syllogistica; arte de construcção no vacuo. — Governo de Santa Maria. — Reformas secularisadoras. — Divisão dos partidos. — Protelação parlamentar. — Dever da Maioria. — Os precedentes do Congresso não são os de individuos isolados. — Não ha dictadura havendo accôrdo entre os Poderes. — Eleição de Balmaceda. — A posição dos Presidentes entre o partido e a Nação. — Comparação com a monarchia.

III. PRESIDENTE CONSTITUCIONAL..... 27

Formação dos partidos nas administrações anteriores.
 —Seu equilibrio no começo da administração Balmaceda. — Radicalismo dos Conservadores. — Parallelo com o republicanismo dos *saguaremas* no Brazil, por causa da escravidão. — Character das épocas de transformação social chamadas ás vezes de «anarchia». —A que atravessamos hoje. — Posição instavel actual do Militarismo e do Positivismo entre nós. — Enigma de sua combinação futura. — Gabinete Lillo. — Gabinete Antúnez. — O pensamento de Balmaceda é a unificação dos Liberaes. — Gabinete Zañartu. — Gabinete Cuadra. — Exclusão dos Nacionaes. — Os escrupulos de Balmaceda mostram que o governo do Chile era semelhante á monarchia constitucional. — Ministerio Barros Luco. — Candidatura Sanfuentes. — Gabinete Demetrio Lastarria. — A coalisão. — Formação do Balmacedismo. — Ministerio Ibáñez.

IV. ENSAIO GERAL DA DICTADURA..... 44

Ibáñez annuncia a reforma da Constituição. — Regimen presidencial. — Telegramma Sanfuentes. — A successão presidencial na America do Sul. — Contraste com o procedimento de Errázuriz. — O ministerio Balmacedista de Maio. — Mensagem de Balmaceda. — Abandono da tradição Parlamentar Chilena. — Resultados confessados d'ella. — As instituições Norte-americanas improprias para a raça Latina. — Politica *scientifica*. — O barão de Tautphoeus sobre a resistencia dos Inglezes a idéas novas e estrangeiras. — Comparação do espirito de reforma com o de systema. — A iniciativa do Presidente para a fundação do do-

minio Presidencial, incorrecta e perigosa.—Partidos
pessoas mais faceis no regimen Presidencial do que
no Parlamentar.—Repulsa do gabinete Sanfuentes pelo
Congresso.—Crise politica.—Não se comprehende um
Congresso *rebelde*.—A Constituição verdadeira nunca é
a escripta, é o *modus-vivendi* entre os Poderes.—
O Chile ameaçado de uma guerra civil.—Transacção.
—O gabinete Prats.—Balmaceda adia o rompimento.

V. DICTADOR..... 62-

O gabinete demittido é o verdadeiro poder do
Estado.—Força da camarilha da Moneda.—O *Diario*
do sr. Julio Bañados.—Auto da conspiração de Bal-
maceda com os Ministros, Intendentes e Comman-
dantes de Corpos para um golpe de Estado.—Não
é levado a effeito.—Retirada de Belisario Prats.—
Volta do partido Balmacedista ao governo.—Gabi-
nete Vicuña.—Ruptura com o Congresso.—A com-
missão conservadora,—seu papel no Chile (vide
pag. 37).—Declarações de Balmaceda e de Godoi.—
Balmaceda assume a Dictadura a 1º de Janeiro de
1891.—Manifesto. Comparação com o do marechal
Deodoro dissolvendo o Congresso.—O militarismo na
America do Sul.—Sua implantação no Chile.—O
Genio sul-americano.—Posição de Balmaceda.—Com-
paração das suas aspirações no começo da Presidencia
e da sua ambição no fim.—A guerra civil e a estran-
geira.—Os monarchas abdicam.—Limites da propria
Legalidade.—Quadro geral da Dictadura.

VI. A ACÇÃO DA ESQUADRA..... 82-

O Congresso podia reunir-se sem convocação.—O
caso do sr. Paulino de Souza, Presidente do Senado,

a 16 de Novembro.—Não se tinha visto um Topete Sul-americano.—Character nacional da marinha.—Não pôde haver despotismo naval.—O desenrolar do pavilhão na solidão do oceano.—Ainda não houve tyranno embarcado.—O bombardeamento de Valparaíso.—Precedente Brasileiro, a nota do sr. Saraiva.—Applicação da Pirataria á sublevação da Esquadra.—Appello á intervenção estrangeira.—Precedentes Brasileiros:—notas do Visconde de Caravellas e do Barão de Cotegipe.—Responsabilidade do governo, se fossem effectivamente piratas.—Animosidade de Balmaceda e dos seus ministros contra a Revolução.—Sêde de repressão exemplar.—A Revolução Chilena e a Resistencia Paraguaya, paralelo.

VII. A TYRANNIA.....

98

O Terror.—Prisões politicas.—Resistencia da magistratura, e fechamento dos Tribunaes.—Tribunaes de sangue.—Augmento de soldos, premios e pensões militares; liberalidades; o papel do dinheiro.—Varejo de casas.—Premios pela prisão dos chefes da Revolução.—Extravio de presos.—Açoites.—O Comité Revolucionario funcionando occulto em Santiago mesmo.—Ordens de soltura.—Liquidação forçada de casas de negocio.—Terror agrario: confisco de animaes, destruição de propriedade, recrutamento nos predios de adversarios.—Eleições do novo Congresso.—Verdadeira pantomima. Feitas por indicação do governo.—Reunião do Congresso.—Eleição de Vicuña.—Fuzilamentos.—Mortandade de Lo Cañas.—O que constitue o tyranno.—Rosas.—Até onde vai o direito do Chefe de Estado de defender a sua autori-

dade legal (compare pag. 80).—Direito do paiz de gritar pela paz.

VIII. A REVOLUÇÃO..... 116

Caracter da Revolução.—O povo a principio indifferente.—Estudo da oligarchia Chilena.—Semelhança com a aristocracia ingleza.—Porque a Revolução se torna afinal popular.—Influencia legitima das aristocracias honestas e trabalhadoras.—Coincidencia de sentimento com as massas.—Assignatura da Acta.—O senador Irárrazaval.—Baquedano; a paralytia da gloria.—A Grand Remonstrance.—Sublevação da Esquadra.—Caracter desse acontecimento.—Operações militares.—Importancia de Tarapacá.—A campanha do Norte.—Tomada de Iquique.—Derrota de Huara, a sensação do Deserto.—Desforra de Pozo Almonte.—Morte de Robles.—A Divisão Camus; marcha de Antofagasta a Santiago pela Bolivia e pela Republica Argentina, (sobre Retiradas, ver citação de Moltke pag. 154).—Santiago em Iquique.—A Junta de Governo.—Os Agentes da Revolução no estrangeiro.—Situação critica da Revolução.—Afundamento do *Blanco*.—Chegada do armamento.—Körner, o Moltke da campanha.—A expedição sobre Valparaiso considerada uma loucura.—Forças muitas vezes superiores de Balmaceda.—As tres Divisões.—Partida da expedição para o Sul.—O golpe do sphex.—Causa verdadeira da victoria que vai ter lugar.

IX. A VICTORIA NACIONAL..... 141

Desembarque em Quinteros.—Situação de Balmaceda.—Batalha de Concón.—Efeito da derrota.—Adhesão ao exercito Revolucionario.—Victoria final

de Placilla. — Grande proporção de mortos e feridos. — Colapso da Dictadura. — Lincoln e Balmaceda (comparar pag. 194). — Refugio de Balmaceda na Legação Argentina. — O asylo das Legações na America do Sul. — Sua justificação e necessidade.

X. A TRAGEDIA..... 157

Balmaceda occulto na Legação Argentina. — O Sr. Uriburu. — Razões pelas quaes seria mais seguro o asylo na Legação dos Estados-Unidos. — Mr. Patrick Egan. — Vacillações de Balmaceda. — Depressão gradual do seu espirito. — Idéa de entregar-se á Junta. — Intervenção do ministro Argentino. — Resolução de matar-se. — Razões politicas para o fazer. — Cartas que deixa. — O seu Testamento Politico. — A sua causa foi a do governo Presidencial. — Justificação do seu procedimento quanto aos açoites, aos fuzilamentos, ás Montoneras. — Posição das guerrilhas no Direito das Gentes. — Sua razão de ser na guerra civil. — O *caballero*. — Suicidio. — A Cordilheira dos Andes, imagem da sociedade Chilena. — Marino Falieri. — Em paz com o Chile.

XI. BALMACEDA E O CHILE..... 179

Excessos de partidarios da Revolução. — Saqueios em Santiago. — Baquedano impotente contra elles. — Lynchamentos. — Pagina de Lecky sobre a crueldade. — A combinação do caracter Chileno a mesma do Romano. — A crueldade dos caracteres fracos. — A crueldade Brasileira o que seria. — Traços de Balmaceda pelo Sr. Bañados. — A versatilidade de espirito e a sêde da novidade no estadista. — A cura pelo Presidencialismo. — O governo do Chile. — Imprudencia de

- Balmaceda. — A importancia do *pretexto* nas revoluções Sul-americanas. — A transacção, característico da civilisação. — O exemplo dos Estados-Unidos em 1877. — Caracter da resistencia nacional. — A « sociedade » contra elle. — O concurso que ella presta. — Offerecimento da adolescencia; de grandes sommas. — A fabricação dos cartuchos Mannlicher. — Valor, caracter, importancia da oligarchia. — Como substitui-a? — A politica de abrir as portas. — O caso da Republica Brasileira em 1889. — O attentado contra Godoi. — Comparação com Lincoln (comp. com pag. 152). — Questão de lo Cañas. — A phrase de Chateaubriand. — A mancha de sangue. — A tyrannia moderna. — Fuzilamentos mysteriosos. — Referencia aos factos do Paraná e de Santa Catharina. — Uma phrase de Condorcet. — Applicação ao Brazil. — Como se muda a aristocracia de um paiz com as emissões de papel-moeda. — A abstenção das classes educadas. — A lei de Döllinger. — O governo do primeiro cidadão: como é mais provavel no governo parlamentar. — A monarchia Brasileira e a Republica do Chile. — Semelhança, differença. — Os chefes de Estado Sul-americanos, como devem ser apreciados. — As palavras de Péricles. — O verdadeiro amor de patria. — A America precisa de um Poder Moderador. — A amnistia.
- POST-SCRIPTO — A Questão da America Latina..... 207
- Prova real da idoneidade do Chile e da inaptidão do Brazil para a Republica. — O Monroismo. — Liga Liberal do Continente. — O espirito revolucionario no Brazil. — Citação de J. J. da Rocha.